



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

RAYANNE CAROLINE DA SILVA AMORIM

FREUD NO PLURAL:
Uma leitura próxima e desconstrutiva das traduções freudianas no Brasil

Maceió
2023

RAYANNE CAROLINE DA SILVA AMORIM

FREUD NO PLURAL:

Uma leitura próxima e desconstrutiva das traduções freudianas no
Brasil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Saúde, Clínica e Práticas Psicológicas.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang.

Maceió
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

A524f Amorim, Rayanne Caroline da Silva.
Freud no plural: uma leitura próxima e desconstrutiva das versões freudianas no Brasil / Rayanne Caroline da Silva Amorim. – 2023.
93 f. : il.

Orientador: Charles Elias Lang.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 85-92.
Anexos: f. 93.

1. Freud, Sigmund, 1853-1939. 2. Psicanálise. 3. Obras psicológicas de Sigmund Freud – Tradução. 4. Desconstrução. I. Título.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

RAYANNE CAROLINE DA SILVA AMORIM

Título do Trabalho: "FREUD NO PLURAL: UMA LEITURA ATENTA E DESCONSTRUTIVA DAS TRADUÇÕES FREUDIANAS NO BRASIL"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

 Documento assinado digitalmente
CHARLES ELIAS LANG
Data: 19/05/2023 11:45:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Charles Elias Lang (PPGP/UFAL)

Examinadores:

 Documento assinado digitalmente
MARTA REGINA DE LEO D AGORD
Data: 17/05/2023 16:36:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord (UFRGS)

 Documento assinado digitalmente
CLEYTON SIDNEY DE ANDRADE
Data: 18/05/2023 08:42:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 17 de maio de 2023.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa se desenvolveu durante a pandemia do COVID-19, que se iniciou no Brasil em meados de março de 2020 e foi oficialmente finalizada em maio de 2023 pela OMS. Embora o isolamento social, enquanto medida de prevenção, tenha terminado antes desse período, a maior parte desse pesquisar ocorreu em tal contexto. Ou seja, para além da “solitude” que qualquer pesquisa exige, havia um isolamento imposto não só a mim, mas a todos, como questão de saúde. Além disso, enfrentamos e resistimos a um desgoverno e sua necropolítica, com muitas perdas, desde direitos a pessoas queridas... Por isso, tais agradecimentos acadêmicos, apesar de breves, estão carregados de muito afeto e alívio.

Agradeço a todos que enfrentaram comigo um cotidiano marcado de incertezas e medos; aos que ousaram manter a esperança e o cuidado mesmo quando o preço era alto demais nesse contexto pandêmico; a quem compartilhou comigo os encontros e grupos de estudo *online* e, claro, aos que também se mantiveram em abraços e presenças-presenciais; ao nosso esforço em manter presença durante um isolamento, em fortalecer o diálogo em tempos que as palavras estavam dúbias, para conversar sobre as leituras, sobre angústias, sobre

Agradeço ao meu orientador **Charles Lang** por apostar na minha pesquisa; pela leitura e pela escuta atenta durante esses tantos anos. Agradeço pela presença durante minha trajetória de formação, por me mostrar possibilidades e caminhos; pelas suas palavras tranquilizadoras nesses dois anos de pesquisa e, também, pelas interrogações (exclamativas!) inquietantes.

Agradeço à **Marta D’Agord** e ao **Cleyton Andrade** por aceitarem fazer parte da minha banca de defesa, pelos comentários sábios e cuidadosos de ambos. Para além disso, à **Marta D’Agord** por me apresentar novas leituras e perspectivas que são aberturas para mais pesquisas. Ao **Cleyton Andrade**: seus dizeres foram fundamentais em minha formação desde os primeiros semestres da graduação. Agradeço a ambos pelos dizeres empolgantes sobre minha pesquisa, por contribuir e incentivar para que meu trabalho seja lido e siga se expandindo!

Aos funcionários, funcionárias, professores e professoras do Instituto de Psicologia – UFAL. Em especial, à professora **Suzane Zanotti** que me auxiliou significativamente durante a banca da qualificação ao apresentar pontos decisivos na minha pesquisa; agradeço a dedicação na leitura e nos comentários. Também, em especial à **Polyanna Azevedo** por transmitir tranquilidade em e-mails burocráticos. Agradeço à Universidade Federal de Alagoas!

Agradeço à minha analista, por sua escuta que muito me impulsionou e me impulsiona.

Aos meus amigos e amigas. Em especial, ao Arthur, pelo cotidiano; à **Mirella**, **Maysa** e **André**, pela seriedade, pelas bobagens, pela escuta carinhosa e pelos puxões de orelha; à **Ana**

Carolina, pelas trocas, pelas risadas e em especial pela “orientação não-oficial” e ao nosso grupo de estudo, junto com **Eduardo**; ao **Yuri**, pela parceria; à **Ana Flávia**, **Thays**, **Viviane**, **Klyvia** e a todos que brindam comigo os bons dias!

Por fim, as minhas raízes. Agradeço à minha mãe e ao meu pai, **Goreth Amorim** e **Roberto Amorim**, por tudo!, por me ensinarem a teimosia e a perseverança; às minhas irmãs, **Renata** e **Rafaela**, por me ensinarem o amor aos livros e às letras; ao meu irmão e aos meus sobrinhos, em especial o **Filipe**, minha companhia. A todos os meus familiares, em especial minhas tias. Também, à minha família pernambucana do coração, em especial **Cida Quelé**, por sempre me incentivar a escrever, a publicar e a ser lida.

Ao **Guilherme**... agradeço por tudo, por todos os dias, desde aquele dia... Obrigada por me olhar com olhos de amor, de carinho, de admiração; por me incentivar e me apoiar cada-dia-todos-os-dias desde o dia que nos conhecemos.

Por fim, sou grata a você, que aqui se debruça. Boa leitura!

RESUMO

Esta pesquisa se debruça sobre o debate das traduções de Sigmund Freud, em particular as versões em português no Brasil. As traduções dos textos freudianos têm sido objeto de críticas e controvérsias desde a primeira grande coleção *Standard Edition*, elaborada por Ernest Jones e James Strachey para o inglês, na Inglaterra. Essa problemática tem especificidades brasileiras, pois as primeiras versões elaboradas no país se basearam em outras traduções, ao invés do original em alemão. A partir de 2010, iniciou-se um movimento de retradução dos textos de Freud por diferentes tradutores e tradutoras no país, em crítica às versões indiretas. Ao questionar sobre a diferença entre esses novos trabalhos, esta pesquisa se propôs a produzir discussões sobre semelhanças e diferenças entre as versões brasileiras e sobre possíveis implicações. Para isso, realizei uma leitura atenta e desconstrutiva de cinco versões do artigo *Luto e melancolia* (1917). A partir dessa análise, foi discutido sobre como essas novas traduções compreendem de modos distintos as formas de traduzir e como se relacionam de diferentes formas com a tradição inglesa e francesa de tradução freudiana. Defende-se que, ao invés de almejar uma tradução universal e atemporal, Sigmund Freud é “intraduzível”, termo de Barbara Cassin sobre aquilo que não se cessa de não ser traduzido. Portanto, cabível de ser retraduzido de uma nova maneira. O constante movimento de retradução pode ser enriquecedor para os leitores, pois se algo sempre se perde em uma nova tradução, algo novo se ganha, expandindo o texto com os acréscimos de sentido. Por isso, defende-se Freud no plural, reconhecendo a pluralidade presente em seus leitores e tradutores.

Palavras-chave: Psicanálise; Tradução; Desconstrução.

ABSTRACT

This research is focused on the debate surrounding the translations of Sigmund Freud, in particular the Brazilian Portuguese versions. The translations of Freud's texts have been subject to criticism and controversy since the English Standard Edition collection, which was elaborated by Ernest Jones and James Strachey in England. This theme has Brazilian specificities because the first versions of Freud's texts were based on other translations, rather than the original in German. Since 2010, a movement emerged in Brazil to retranslate Freud's texts, with different translators criticizing the earlier indirect translations. By questioning the differences between these new translations, this research aimed to produce discussions about the similarities and differences between the Brazilian translations and the possible implications of these differences. I conducted a close and deconstructive reading of five versions of the article "Trauer Und Melancolie" (1917). Based on this analysis, I discussed how these translations understand the forms of translation in different ways and how they relate to the English and French traditions of Freudian translation. Rather than aim for a universal and timeless translation, it is argued that Sigmund Freud is "untranslatable", a term coined by Barbara Cassin to describe what never ceases to not be translated. Therefore, it is appropriate to retranslate Freud's texts in new manners. The constant movement of retranslation can be enriching for readers because, while something may be lost in translation, new relevant additions could be made, expanding the text. As such, I defend a plural Freud recognizing the plurality of his readers and translators.

Keywords: Psychoanalysis; Translation; Deconstruction.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ESB. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas De Sigmund Freud
- OCSF. Obras Completas de Sigmund Freud
- OISF. Obras Incompletas de Sigmund Freud
- SE. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	3
2.	METODOLOGIA.....	9
3.	MODOS DE LER, INTERPRETAR E TRADUZIR	13
3.1.	Leitura clássica: a busca pelo sentido textual	13
3.2.	Tradução clássica.....	15
3.3.	Leitura próxima, atenta e desconstrutiva: não há fora-texto.....	17
3.4.	Tradução e desconstrução	20
4.	A ESCRITA FREUDIANA.....	23
4.1.	Linguagem freudiana: entre o comum e o incomum.....	26
4.2.	<i>Standardização</i> de Freud: entre o literário ou literal	29
4.3.	Implicações teóricas.....	39
5.	TRADUÇÃO E TRADIÇÃO.....	42
5.1.	A tradição inglesa: Standard Edition	42
5.2.	O retorno a Freud.....	48
5.3.	Versões brasileiras: entre tradições	51
5.4.	Jogos de linguagem.....	59
6.	AS NOVAS TRADUÇÕES.....	62
6.1.	O intraduzível <i>Trieb</i> : entre instinto e pulsão.....	63
6.2.	Dois leituras: Obras Completas e Incompletas.....	72
6.3.	Tradução é decisão	75
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: FREUD NO PLURAL	77
	REFERÊNCIAS	85
	ANEXO.....	93

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a querela das traduções de Sigmund Freud no Brasil, em português brasileiro, através da modalidade de leitura atenta e desconstrutiva (*close and deconstructive reading*). Com “querela”, já indico de antemão que há um cenário de debate, de conflito e/ou de disputa ao redor deste tema, que já se desenrola há décadas. Essa querela ocorre desde a considerada primeira grande tradução dos escritos de Sigmund Freud: a coleção *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*¹ (SE.).

A edição *Standard* foi um projeto do neuropsiquiatra e psicanalista Ernest Jones, o qual escolheu James Strachey como tradutor principal. Houve importantes colaborações da psicanalista e tradutora Alix Strachey e de Anna Freud. A coleção em língua inglesa foi publicada na Inglaterra entre 1955 e 1974. Devido à organização produzida por Strachey, seu dedicado trabalho de unificação, homogeneização, padronização, além do seu aparato editorial com ricos comentários e notas do tradutor inglês, somando às introduções produzidas por ele, a coleção tornou-se preferida entre os leitores até mesmo em relação à coleção alemã.

Para Anna Freud, esse foi “[...] um caso extraordinário em que a versão fazia concorrência ao original” (SOUZA, 2010, p. 84) devido ao trabalho de Strachey. Essa tornou-se a edição mais influente dos escritos freudianos e predominou na cultura ocidental e no meio psicanalítico por décadas, com inegável contribuição para a história da Psicanálise, tanto para a divulgação e consolidação da teoria, quanto para a própria sobrevivência dos textos (ameaçados e literalmente queimados no decorrer da Segunda Guerra Mundial).

No entanto, na década de 1980 começou a surgir críticas à SE, rompendo com a unanimidade entre psicanalistas sobre a excelência inquestionável dessa coleção. Bruno Bettelheim (1990/1982) e Jacques Lacan foram pioneiros em criticar e/ou as alterações textuais entre a versão inglesa e os originais em alemão, por vezes destoantes, arbitrário e injustificáveis. Alterações que não são meros preciosismos, mas que produzem impactantes implicações teóricas. As críticas atentaram-se às frequentes adições, substituições e/ou supressões que ignoravam ou anulavam termos/trechos fundamentais presentes nos originais, como a potência

¹ FREUD, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. 24 volumes. Londres: The Hogarth Press, 1974.

literária da escrita freudiana, seu vocabulário e estilo textual tão cuidadosamente desenvolvidos².

Autores como Tavares (2011) e Maria Rita Kehl (2013), entre outros, elogiam a preocupação de Freud no tocante não apenas ao conteúdo, mas também à forma e ao estilo textual. Elogiam como o autor utilizou diferentes estilos e gêneros textuais para explorar a complexidade que sua teoria exigia, ou ainda o modo que explorou diferentes figuras de linguagem, como comparações e metáforas, na construção da teoria psicanalítica. Por isso, para esta dissertação, também foi fundamental desenvolver sobre o que a escrita freudiana, tão complexa e capaz de produzir uma querela interminável entre traduções.

Afinal, o escritor Freud refinou sua teoria como um “artesão das palavras”, combinando sutileza e complexidade conceitual e estética. Não por acaso, em 1930 foi honrado com o Prêmio Goethe de Frankfurt, o qual reconheceu essas nuances literárias presentes em seu texto científico que não apenas enriquecem seu texto, como é através delas que se constrói toda Psicanálise, sua base e todo o seu “edifício” teórico.

No entanto, ao ser objeto de tradução inglesa, a escrita delicada foi manejada de modo problemático. Strachey e Jones optaram por um estilo excessivamente direto e objetivo, com forte teor médico-biológico, cientificista e tecnicista, destoante das elaborações em alemão, como Bettelheim (1990/1982) defendeu. Para Tavares (2011), a escrita multifacetada de Freud, com fluidez, variância, a qual se constrói gradualmente entre as publicações, foi substituída por uma padronização terminológica psicanalítica criada pelos britânicos, a qual se estabeleceu como padrão internacional no linguajar psicanalítico, não apenas para tradutores como também para os leitores psicanalistas. Se *Standard* significa “padrão”, houve uma “*standardização* de Freud” (TAVARES, 2011, p. 51).

A partir das décadas de 1970 e 1980, após a aceitação e popularização das críticas, formou-se um cenário de suspeita sobre as implicações teórico-clínicas derivadas do tradutor tradutório no texto. Assim, o debate sobre as traduções freudianas ganhou destaque nos diferentes países, foi objeto de pesquisa em diversas áreas de saber, tanto nas instituições psicanalíticas quanto no ambiente universitário. Simultaneamente, formou-se um movimento de retraduzir os escritos de Freud em vários idiomas. Como exemplo, a versão criteriosa em

² Bruno Bettelheim (1982/1990) produz uma extensa e detalhada comparação entre as versões inglesas e alemãs. Para quem se interessar com essa análise, sugiro a leitura desse livro.

espanhol por Luis Lopez-Ballesteros y Torres (Editora Nueva) e a argentina por José Luis Etcheverry (Editora Amorrortu).

No entanto, o zelo da edição argentina não ultrapassou fronteiras ao Brasil, pois as primeiras versões de Sigmund Freud para a língua portuguesa brasileira foram versões indiretas. Ou seja, uma tradução de outra tradução, tomando como texto-fonte textos em outros idiomas, como o inglês, o francês ou o espanhol.

A primeira coleção brasileira de *Obras Completas* freudiana, publicada pela Editora Delta no final da década de 1950, publicou 18 volumes tendo como base textos em francês e espanhol. Ou seja, antes da conclusão da SE. A segunda coleção foi a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (ESB), publicada pela Editora Imago na década de 1970. Essa foi praticamente uma versão em português da SE. Jayme Salomão, diretor geral de tradução, reproduziu tal aparato, as introduções, notas e comentários de Strachey nos 24 volumes. Essa foi herdeira no país da visibilidade e influência da edição inglesa, prevaleceu diante da coleção da editora Delta, a qual foi “praticamente relegada ao esquecimento” (BRACCO, 2011, p. 261). Mas, não tardaria para herdar, também, as críticas.

Marilene Carone e Paulo César de Souza foram pioneiros nessa crítica, na década de 1980³. Seus artigos foram fundamentais ao expor os erros gramaticais crassos, as distorções, supressões e a falta de rigor terminológico, de estilo e de padronização presentes na ESB Para Carone (1985/1990, p. 161), a versão brasileira foi “muito, muito pior” que a britânica pois não reproduziu adequadamente nem o estilo de Freud nem o de Strachey, nem sequer definiu o próprio estilo e terminologia homogênea, desconsiderando a proposta de ser *standard*.

A partir de então, cresceu um cenário de questionamento e de suspeita em relação às edições em português do Brasil. Quem não dominava a língua alemã o suficiente para ler os originais na *Gesammelten Werke* (publicada em Londres⁴, entre 1940-1950), ou pela *Studienausgabe* (Edição de Estudo, publicada pela Editora Fischer entre 1969-1975), recorria às versões em espanhol, como as citadas anteriormente. Assim, a leitura psicanalítica brasileira se constituiu no embaralhar de diferentes línguas. Por décadas, os brasileiros ficaram à mercê do que “[...] os intérpretes dizem que Freud queria dizer” (SOUZA, 2010, p. 20).

³ Paulo César de Souza publicou *Nosso Freud e A 'nova' edição de Freud* em 17 de março de 1985. Marilene Carone publicou uma trilogia de artigos nomeada de *Freud em português* com os subtítulos: *uma tradução selvagem* (21 de abril de 1985), *ideologia de uma tradução* (20 de outubro de 1985) e *tradução e tradição* (23 de janeiro de 1987). Os artigos foram originalmente publicados no caderno *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*. Atualmente, estão reunidos no livro *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*, organizado por P. C. de Souza.

⁴ Vale enfatizar: a coleção alemã é primeiramente publicada em Londres, território inglês.

No entanto, com a entrada da obra freudiana em domínio público em 2010, logo se formou um clima de expectativa e para o movimento das novas traduções freudianas finalmente chegar ao país, na promessa e no aguardar por um “novo Freud”. A frequência da palavra “finalmente” em textos do período mostra rastros dessa expectativa. Por exemplo, Tavares (2011, p. 17) escreveu que, após “um século de atraso”, “desta vez finalmente” haveria trabalhos diretamente do alemão. Bracco (2011, p. 263) é exclamativa em *E finalmente Freud aprendeu a falar português* e comemora: “[...] os bons dias chegaram. Finalmente podemos ler Freud bem traduzido, diretamente do alemão!”. Bracco (2012, p. 233) cita a fala expressiva de uma colega para o tradutor Souza: “até que enfim você nos libertou, agora não somos mais reféns da *Standard!*”. Gilson Iannini (2013) questionou se esse momento seria o nosso retorno a Freud, em alusão a Jacques Lacan.

Em meados de 2010, simultaneamente diferentes editoras iniciaram novos projetos tendo como texto-fonte as coleções alemãs, a *Gesammelte Werke* cotejando a *Studienausgabe*. Para Tavares (2011), foi um feito raro na história haver três estados de um mesmo país (Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul) traduzindo a mesma obra. Antes dessa nova década, a Editora Imago produziu uma revisão e republicou, com correções, a ESB. Também, publicou uma versão diretamente do alemão sob a coordenação-geral de tradução de Luiz Alberto Hanns⁵. A *Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* é organizada por eixos temáticos e publicou três volumes entre 2004 e 2007⁶.

Após 2010, a L&PM Editores produziu trabalhos avulsos pelo tradutor Renato Zwick⁷ como edição de bolso, mais acessíveis ao público comum. No entanto, a grande promessa para os estudiosos da Psicanálise foi a coleção *Obras Completas de Sigmund Freud* (OCSF) publicada pela Editora Companhia das Letras por Paulo César de Souza⁸, em 20 volumes sendo um de índices e bibliografia. Seu trabalho já era reconhecido na comunidade psicanalítica brasileira, por isso sua coleção foi recebida com entusiasmo; além do fato de ser uma coleção

⁵ Luiz Hanns é psicanalista psicólogo pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autor de *Dicionário comentado do alemão de Freud* (1996).

⁶ A coleção teve a colaboração de diferentes tradutoras, como Maria Rita Salzano e Claudia Dornbusch, além de teóricos da tradução, como Susanna Kampff Lages e João Azenha Junior.

⁷ Renato Zwick é bacharel em filosofia e tradutor de textos literários, filosóficos e psicanalíticos. Publicou traduções como *O Mal-estar na Cultura* (1930) e *Futuro de uma ilusão* (1927). A edição de bolso L&PM Pocket passou por revisão técnica de psicanalistas, que elaboraram prefácios e ensaios específicos para cada volume. Há também formatos de e-books. Entre os trabalhos recentes, há o título *O Pequeno Hans: análise da fobia de um menino de 5 anos*, publicado em março de 2023, entre outros. Para ver mais, indico o *site* da própria editora.

⁸ Paulo César de Souza, o principal tradutor da coleção, é editor e tradutor de diversos autores alemães, como Friedrich Nietzsche. Doutor em Literatura Alemã pela USP, publicou *As Palavras de Freud*, derivado da sua tese de doutorado em 1996. É ganhador de dois prêmios Jabuti por sua tradução de Nietzsche e de Bertolt Brecht.

maior. Betty Fuks (2011, p. 567) comemorou essa escolha de tradutor, destacando sua “invejável capacidade de traduzir” e de “conhecer profundamente o alemão”.

Estêvão (2012) supôs que essa edição substituiria o lugar anteriormente ocupado pela Imago. No entanto, Bracco (2012) registrou que o entusiasmo diminuiu após poucos anos e que houve resistência em abdicar da antiga versão para adotar a nova, apesar da constante comparação que havia entre ambas. Nesse cenário dual e complexo de expectativas e resistências, um novo projeto foi inaugurado em 2013 pela Editora Autêntica: a coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (OISF)⁹, coordenada pelos psicanalistas Pedro Heliodoro Tavares (tradutor)¹⁰ e Gilson Iannini (editor)¹¹, com uma equipe multidisciplinar.

Enquanto pesquisadora brasileira que estuda a Psicanálise e se sustenta nessa teoria para compreender o sujeito, a cultura, a clínica e afins, o interesse sobre essa temática surgiu a partir da leitura cotidiana das coleções em português do Brasil, seja em estudos individuais, em grupos de estudo e afins. Durante o curso de extensão *Leitores advertidos: psicanálise, clínica e literatura* (2021), coordenado pelo prof. Dr. Charles Elias Lang, orientador de tal dissertação, que um determinado estranhamento se tornou inquietação de pesquisa.

Refiro-me ao estranhamento diante do frequente “exercício de substituição”, transmitido por décadas entre gerações, em que os leitores são convidados a substituir um termo por outro durante a leitura, seja em pensamento ou literalmente riscando o texto. Como, por exemplo, ao substituir “instinto” por “pulsão” (IANNINI, 2013) registra. Porém, ao discutir sobre o *close Reading* (leitura atenta) de Francine Prose (2008) no curso de extensão, em que a autora destaca como cada palavra possui lugar e função no texto e provoca efeitos distintos nos leitores, a estranheza transformou-se em perguntas de pesquisa.

Agora na década de 2020, é possível analisar as novas versões brasileiras. Diante disso, abrem-se algumas questões: por que uma nova edição surge em 2013, simultânea a um projeto que se consolidava? O que há de diferente nessas coleções (da Autêntica e da Cia. das Letras) que justifique dois grandes projetos traduzindo um mesmo autor em uma diferença de tempo tão pequena? Essas coleções são conflitantes ou harmonizam entre si? Além disso, as edições

⁹A coleção tem um conselho editorial formado por Antônio Teixeira, Christian Dunker e outros. Contém prefácios, posfácios, ensaios a cada volume, com autores/as diversos/as, especialistas em psicanálise, literatura, tradução e afins. Alterna a tradução entre diferentes profissionais, como Maria Rita Salzano Moraes e Claudia Dornbusch. Conta, também, com extensas edições bilíngues.

¹⁰Pedro Heliodoro Tavares é psicanalista, professor, doutor em diferentes programas e tradutor. Publicou *Versões de Freud* (2011), organizou *Tradução e Psicanálise* (2013) e *Psicanálise entre línguas* (2016).

¹¹Gilson Iannini é psicanalista, filósofo, professor, doutor em filosofia pela USP.

cumpriram a promessa do “novo Freud direto do alemão” ou ainda estamos à mercê da leitura atravessada por terceiros? Se sim, isso impossibilita um texto de boa qualidade?

Situo desde o início o lugar em que estou para produzir esta investigação: o lugar de uma leitora pesquisadora brasileira que se debruça sobre as versões disponíveis em sua língua dos escritos freudianos, interessada nas implicações de cada palavra nas formas de compreender a teoria e a clínica. Ou seja, meu lugar não é o de uma tradutora que está a ler o produto dos tradutores em relação aos originais. Por isso, tenho como público-alvo leitores/leitoras de Freud em português, interessados (as) em conhecer mais da querela das traduções e de expandir os efeitos de sentido nas leituras. Assim, escrevo sobre as “versões” ou “coleções” de Freud, me referindo aos trabalhos em português e não o transladar do ofício tradutório.

As perguntas citadas anteriormente são ponto de partida para o objetivo da pesquisa: produzir uma discussão sobre semelhanças e diferenças entre as versões brasileiras de Sigmund Freud, bem como possíveis implicações na construção da Psicanálise no Brasil. Como hipótese, suspeito que é impossível assegurar uma neutralidade do tradutor capaz de sanar todas as expectativas em torno de um trabalho tradutório. O que resta, então? Cabe-se interrogar sobre qual o ponto de separação entre essas coleções atuais. Afinal, a discussão sobre traduções gerou discordâncias e oposições entre estudiosos e analistas. Para Mezan (2014, p. 41), estudar sobre o contexto dos autores pode ser uma “vacina contra o dogmatismo”.

Para o objetivo, produzi uma leitura simultânea de diferentes versões em português de um mesmo texto freudiano. Diante da vastidão de publicações, foi necessário delinear um recorte. Após folhear os variados títulos do psicanalista, optei pelo artigo *Trauer und melancholie* (*Luto e melancolia*), escrito em 1915 e publicado em 1917. Os textos selecionados foram os trabalhos por Jayme Salomão (Editora Imago, 1996), por Marilene Carone (republicação da Editora Cosac Naify, 2011), por Luiz Alberto Hanns (Editora Imago, 2006), por Paulo César de Souza (Editora Cia. das Letras, 2010) e por Maria Rita Salzano Moraes, sob equipe de Pedro Heliodoro Tavares e Gilson Iannini (Editora Autêntica, 2016).

A pesquisa orienta-se pela leitura atenta e desconstrutiva, tendo como base as elaborações de Luis Claudio Figueiredo (1999) e Prose (2008). Há anos o grupo de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas sob orientação do Dr. Charles Elias Lang aposta na desconstrução como estratégia de leitura para textos psicanalíticos. Assim, ao ponderar sobre a potência de cada elemento textual como produtor de efeitos, volto-me às coleções em português do Brasil de Sigmund Freud a fim de questionar o que há de similitude e distinção entre essas.

2. METODOLOGIA

O termo “método” vem do latim tardio *méthodos*, composto por *meta* (através de, por meio) e *hodós* (via, caminho). É algo que indica uma direção, um sentido e um propósito, como uma bússola que orienta um trajeto a ser atravessado em direção ao objetivo final. Para realizar a travessia, também é necessário estar equipado com bons instrumentos, usados como metodologia (CECCARELLI, 2012).

Uma pesquisa realizada no universo da Psicanálise possui diferentes direcionamentos. Para Freud (1912/2020, p. 97), a teoria psicanalítica possui uma relação de interdependência com a experiência clínica, ou seja, tratamento e pesquisa psicanalítica estão relacionados, mas se diferem. Em concordância com Cecarrelli (2012), a investigação psicanalítica que ocorre na prática clínica possui um movimento e ritmo particular distinto da pesquisa acadêmica, como por exemplo, seu tempo e objetivo não são predeterminados. Para Lacan (1967/2003, p. 252), a transferência está no começo da psicanálise, desde o início, devido ao “psicanalisante”. O tratamento clínico é atravessado e direcionado pela transferência, conforme tais autores.

Esse movimento difere-se da pesquisa acadêmica realizada na universidade, que tem outro tempo, ritmo e concepções, produz outras relações. A entrada da investigação psicanalítica no campo universitário suscita interrogações, a exemplo: como é possível sustentar tais investigações fora do tratamento e da experiência analítica, ocorrida no consultório? Embora Freud (1919/1974) tenha defendido os ganhos para os cursos universitários com a entrada da sua teoria no ensino superior, tornou-a independente do campo acadêmico. Nos moldes universitários, o estudante aprende “sobre a Psicanálise” o suficiente para agregar em sua profissão, mas não apreende sobre a prática psicanalítica. Aos que almejam tornar-se psicanalistas requer uma travessia “a partir” da Psicanálise, através da análise pessoal, como analista e pela com supervisão com outros psicanalistas reconhecidos.

Esta pesquisa explora “sobre a Psicanálise” nos moldes universitários: com prazo predefinido, com estrutura textual dissertativa, visando obter o título documental de mestre. A pesquisa de “psicanálise em extensão” é um modo de aproximar a investigação psicanalítica de produções da cultura, como produções textuais, o cinema, a literatura e afins. Pode ser uma pesquisa histórica, por entrevistas ou outras formas distintas da prática clínica (CECCARELLI, 2012; LANG; BARBOSA, 2012). Segundo Lacan (1967/2003, p. 251), essa é “presentificadora da psicanálise no mundo” e se distingue da “psicanálise em intensão”, que corresponde à investigação realizada no espaço clínico.

Para Bernardes (2010), um dos desafios da pesquisa universitária produzida por psicanalistas está em sustentar o rigor acadêmico junto com o vigor psicanalítico, em produzir uma pesquisa que almeja contribuir com os conhecimentos da teoria, valorizando e priorizando seus pressupostos éticos. Tal movimento exige explicitar qual concepção de leitura orienta a pesquisa. Após analisar diferentes teses e dissertações acadêmicas sobre Psicanálise, Lang e Barbosa (2012) notaram que, assim como em diversas pesquisas das Ciências Humanas, o processo e as concepções de leitura e escritura comumente não é descrito ou explicitado na etapa metodológica. É comum se referir a “produzir leituras” como se ler fosse algo natural, simples, transparente e padronizado, desconsiderando os diferentes pressupostos que sustentam essa atividade ativa. Pesquisar não é realizar leituras arbitrárias ou intuitivas, mas exige atenção aos pressupostos de leitura, conhecê-los e explicitá-los (LANG; BARBOSA, 2012).

Por isso, é imprescindível explicitar o caminho metodológico e seu rigor. Oriente-me pela diferenciação de Figueiredo (1999) sobre três modalidades de leitura e interpretação: a leitura clássica sistemática, a hermenêutica e a leitura atenta desconstrutiva (detalhadas no capítulo *Modos de ler, interpretar e traduzir*). São leituras que se distinguem, mas que se somam. É preciso, em um momento inicial, ler e escrever de modo sistemático. Também, é preciso produzir a leitura hermenêutica, na qual ler e interpretar refere-se ao movimento de contextualizar, descontextualizar e re-contextualizar determinado texto, inserindo-o em um campo dialógico com outros textos, gerando questões e respostas entre eles. Posteriormente, é feita a leitura atenta desconstrutiva em que o trabalho interpretativo é um extenso e incessante processo de diálogos entre textos e, assim, de produção de novos sentidos.

A leitura desconstrutiva está em referência à desconstrução do filósofo Jacques Derrida. O autor enfatiza que “a desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método”, principalmente no que tange aos aspectos de significação tecnicista (DERRIDA, 1987/1998, p. 22-23). Por isso, Prose (2008) auxilia-nos a delimitar um “saber-fazer” metodológico, um passo a passo prático a partir da leitura atenta (*close reading*).

Close reading: leitura atenta, próxima, minuciosa, cautelosa e rigorosa. Cada um desses termos faz jus à proposta: ler minuciosamente palavra por palavra, linha por linha, atentando-se a cada detalhe e elemento gramatical em sua particularidade, decompondo a frase. As vírgulas, pontuações, quebras de parágrafos são importantes; cada elemento concede um “sotaque” ao texto. O modo como a informação foi estruturada ocupa um lugar tão privilegiado quanto o conteúdo, pois a forma de elaborar e lapidar o texto também transmite sentidos. Nessa leitura, explora-se as múltiplas possibilidades de significação de um texto (PROSE, 2008).

É possível associar a leitura atenta com a regra psicanalítica fundamental para a escuta do analista: a atenção flutuante (FREUD, 1912/2020). Ambas focam não apenas nas informações centrais, à narrativa linear, organizada e cronológica, mas à escuta do que parece ser sem importância, do que está marginalizado, as modulações da frase, o uso e os efeitos da linguagem, a escolha de palavras e afins. Ambas se interessam tanto ao ouvido do analista quanto aos olhos do leitor atento, sem pressa para fechar conclusões; em ambas, pode-se ouvir aquilo que não tem espaço e é corrigido em uma escuta comum, como ambiguidades e contradições. Tanto no *close reading* quanto na Psicanálise, a leitura e a escuta não se retêm nas intenções conscientes de comunicação de um conteúdo e um sentido, voltando-se à forma de como é dito (OGDEN; OGDEN, 2014). Ao ouvir o singular dos sujeitos, a Psicanálise produz um distanciamento da noção de código de decifração idealmente universal e volta-se para o particular (MACEDO; FALCÃO, 2005).

As cinco versões de *Luto e Melancolia* (1917) lidas estão descritas na Tabela 1 (abaixo):

Tabela 1: Versões lidas de Luto e Melancolia (1917)

Coleção	Editora	Tradutor (a)	Ano
Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud	Imago	Jayne Salomão	1996
Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente	Imago	Luiz Alberto Hanns	2006
Luto e melancolia	Cosac Naify	Marilene Carone	2011/2013 [1992] ¹²
Obras Completas de Sigmund Freud	Cia. das Letras	Paulo César de Souza	2010
Obras Incompletas de Sigmund Freud	Autêntica	Maria Rita Salzano Moraes (tradutora), Pedro Heliodoro Tavares (revisor), Gilson Iannini (editor)	2016

Fonte: autora, 2023.

Essa escolha de artigo foi tanto por esse ser um ensaio curto, possibilitando ler no limite de uma pesquisa de Mestrado, quanto por ter edições que perpassam os diferentes momentos contextuais no Brasil: desde as versões indiretas, às primeiras versões críticas até às mais recentes. Ou seja, possibilita trilhar os diferentes momentos contextuais, questionando o que

¹² O trabalho foi originalmente publicado em 1992. Em 2011, houve a republicação pela editora referente. No entanto, esta pesquisa usou uma versão *online* publicada em 2013, pois o livro físico está esgotado e é raro encontrá-lo, visto que a editora Cosac Naify encerrou suas atividades em 2015.

mudou e o que permaneceu. Toda seleção implica uma exclusão. Nesse recorte, o trabalho *A tristeza e a melancolia* da Delta produzida por Isaac Izecksohn não está incluso. Embora seja a primeira tradução brasileira propriamente dita desse artigo, a coleção foi é pouco utilizada atualmente e é difícil de acessá-las.

A princípio, realizei uma leitura clássica sistemática de cada texto, acompanhada de fichamentos e anotações. Depois, uma leitura hermenêutica, atentando-me aos contextos internos, às informações da capa, sumário, orelhas, prefácios e afins. Depois, realizei a leitura atenta entre as versões (FIGUEIREDO, 1999). Para tornar isso possível, criei uma tabela no programa *Word* com cinco linhas referentes a cada trabalho, com duas colunas distinguindo a edição da citação. Em linhas, separei as frases referentes em cada artigo. Assim, pude ler as edições lado a lado, sublinhando e demarcando pontos de diferenciação e aproximação em cores distintas. Em anexo, disponibilizo uma imagem referente ao meu fichamento particular dessas tabelas para exemplificar o trabalho realizado (Anexo A).

Posteriormente, a leitura desconstrutiva foi possível. No entanto, esse processo não foi tão linear e consecutivo quanto parece. Foi um percurso circular, no vaivém e no cruzamento entre os diferentes momentos, ora avançando, ora retornando, ora se distanciando do texto para conseguir voltar com a atenção renovada. Esta pesquisa é fruto desse trabalho complexo.

Cada capítulo ensaístico desenvolveu sobre uma palavra da temática. No primeiro capítulo, *Modos de ler, interpretar e traduzir*, produzo uma extensão do capítulo metodológico ao desenvolver sobre os pressupostos de leitura e de tradução a partir de Figueiredo (1999), Prose (2008), Rosemary Arrojo (1992) e Barbara Cassin (2022). No segundo, *A escrita freudiana*, elaboro sobre a escrita multifacetada de Sigmund Freud e sobre importantes críticas no transladar da SE. No terceiro capítulo, *Tradução e tradição*, produzo um recorte contextual sobre a coleção inglesa, sobre como sua organização canônica criou uma tradição nos modos de ler e traduzir os escritos freudianos. A influência do francês Jacques Lacan produziu rupturas e inaugurou uma nova tradição crítica e alternativa sobre ler e traduzir Freud.

Ou seja, há uma dualidade entre tradição inglesa e francesa para a tradução freudiana. Me interrogo sobre suas implicações nas versões brasileiras, iniciando pelos trabalhos de Marilene Carone e de Luiz Alberto Hanns. Por fim, em *As novas traduções*, apresento um debate sobre as edições atuais: àquela por Paulo César de Souza (Cia. das Letras) e a coordenada por Pedro Heliodoro Tavares e Gilson Iannini (Autêntica). Produzo pontos de aproximação e distanciamento entre elas, a exemplo da influência da tradição de Strachey e/ou de Lacan em cada uma.

3. MODOS DE LER, INTERPRETAR E TRADUZIR

Neste capítulo diferencio pressupostos de leitura, interpretação e tradução que baseiam a minha pesquisa. Ressalto que os desdobramentos sobre o trabalho tradutório são inúmeros, ultrapassam o escopo deste trabalho e as limitações da própria pesquisadora. Aqui, objetiva-se uma delimitação suficiente para a continuidade da pesquisa, ou seja, suficiente para voltar-se às versões em português brasileiro de Sigmund Freud.

3.1. Leitura clássica: a busca pelo sentido textual

A leitura clássica da tradição milenar ocidental é transmitida nas classes entre professores e alunos por gerações e gerações ao longo dos séculos. Por ser tão comumente utilizada e transmitida desde os primeiros anos escolares, é tida como uma leitura óbvia, automática, espontânea, como se fosse um conhecimento intuitivo, ou seja, não pautado por certos pressupostos, de acordo com Correia, Xavier e Lang (2021).

Para a leitura clássica, o sentido textual não está necessariamente explícito no texto. Esse está velado, escondido, contido e oculto no texto, depositado nele a partir das intenções do autor durante o momento da escrita. Ou seja, o sentido textual já existe de antemão, externo ao próprio texto. Portanto, o leitor clássico almeja desvendá-lo, descobri-lo no ato de interpretação (ARROJO, 1992; CORREIA; XAVIER; LANG, 2021; FIGUEIREDO, 1999).

A interpretação clássica é a busca pelo que o autor “quis dizer”, uma tentativa de desvendar suas intenções ocultas na escrita. Interroga-se: o que está por trás e para além do texto? Qual o sentido subjacente? Quais significados estão ocultos? Os termos “desvendar”, “descobrir”, “revelar” e “explicar” podem ser sinônimos, mas, enquanto “revelar” é sobre uma descoberta para si próprio, “desvendar” está no campo do outro. O sentido do texto é revelado ao leitor-intérprete, que, posteriormente, o desvenda para outros no processo de interpretação.

Ao descobrir e determinar o sentido textual correto, o leitor clássico, o intérprete, deve preservá-lo para transmiti-lo, reproduzi-lo com exatidão e fidedignidade ao revelar a um terceiro. O leitor é o “porta-voz” do autor, já que este não está ali presente para dizer ele mesmo o que quis dizer. Esse é estimulado a ser um receptor e transmissor passivo de informações, desautorizado em sua subjetividade, considerada como prejudicial à interpretação idealmente neutra (ARROJO, 1992).

Para Arrojo (1992), é como se, durante a leitura, o leitor pudesse esquecer toda a sua subjetividade, sua história e contexto cultural, as nuances da sua linguagem. Sua interpretação apenas é autorizada de modo secundário, após apreender as intenções do autor (ARROJO,

1992b). Por isso, traduções e paráfrases pretendem reproduzir o sentido e as intenções do autor com perfeição. Logo, a tradução perfeita é esperada e desejável (ARROJO, 1992; FIGUEIREDO, 1999).

Segundo Figueiredo (1999), essa concepção estrutura-se de modo historicizante, sistemático e unificante. Implica em procurar, descobrir e sistematizar as teses centrais do texto, da obra e do autor, em reduzir e organizar em sistemas, unificando o sentido textual em torno de um lugar ideal, que pode ser um conceito-chave, uma necessidade ou mesmo a demonstração da evolução do texto. A sistematização submete todos os elementos textuais à tese central dominante, enfatizando certos aspectos e reduzindo outros. Dessa maneira, ao passo que se constrói os elementos dominantes, constrói-se elementos textuais marginalizados.

A leitura clássica estrutura-se de modo avaliativo em relação às interpretações. Deve-se descobrir o sentido único, determinando-o enquanto correto, enquanto se anulam todas as outras possibilidades de significância, consideradas incorretas, desautorizadas, consideradas como ultrajantes e/ou blasfematórias, pois insultam o texto original e seu real significado. No entanto, pela refutação pode-se inverter a ordem entre certo e errado: uma significância antes considerada errada consegue se estabelecer como certa e, em seu oposto, a anteriormente tida como correta é refutada, ou seja, está abaixo da outra (RAJAGOPALAN, 1992).

A unidade textual, o sentido na sua idealidade, precede e prevalece sobre o texto e suas diferenças. O sentido textual é idealmente primordial e uno, não há outro. Ou seja, uma palavra e cada frase de um texto devem ter uma única significação. Logo, a postura clássica ideal visa deter/eliminar aquilo que implica mais de um sentido: a alteridade, a contradição, ambiguidade, as polissemias, equívocos e afins (ARROJO, 1992; FIGUEIREDO, 1999). Essa concepção separa o sentido “literal” e do “literário” como opostos.

Em concordância com Arrojo (1992), Cassin (2022) e Figueiredo (1999), o sentido literal estaria “colado” na própria letra, inerente ao enunciado e à palavra: seria “a coisa em si”. Por isso, supõe-se que o sentido literal independe da interpretação do leitor, que é atemporal, estável e último. Já o sentido literário figurativo é dependente do leitor, fundamenta-se na abertura à diferentes interpretações e à interferência do sujeito interpretante. É o sentido das artes e da literatura, da criatividade e da imaginação. Para a leitura clássica, onde cabe um, não cabe o outro: o cientista (saber) não é o poeta (ficção) e vice-versa.

Para Coracini (1992), a figura clássica do “cientista” é pautada na concepção da descoberta e revelação do sentido, idealmente neutro. Esta é quase uma figura mítica que encontra, descobre e revela a verdade do texto, como um garimpeiro à procura do ouro

escondido abaixo do solo. Isso orienta sua escrita científica: racional, impessoal, distanciada, em terceira pessoa, com voz passiva, a fim de demarcar a neutralidade do pesquisador e comunicar de modo universal e atemporal (CORACINI, 1992).

Esse modelo sistemático possui importantes vantagens, como: facilita a investigação sobre como o texto está sendo disseminado e transmitido na cultura, além de facilitar uma transmissão. Por isso, é necessário e indispensável realizá-la. No entanto, por outro lado, o engessamento da produção de sentido é criticável ao produzir repetições doutrinárias, podendo tornar-se dogmatizante (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021). Assim, a leitura perpetuada e inquestionada por séculos torna-se alvo de críticas.

Figueiredo (1999), Arrojo e Rajagopalan (1992b) criticam o ideal de “encontrar” (e não “formular”) teses centrais em seu caráter unificador, avaliativo, repetitivo, reducionista e dogmatizante. A crítica compreende que a exclusividade da leitura sistemática produz efeitos empobrecedores, auto defensivos e protetivos por reduzir as possibilidades de novos sentidos e interpretações alternativas, ainda segundo tais autores. Para Arrojo (1992d), o ideal de criar/perpetuar ideias e ideais universais e atemporais está fadado à frustração por desconsiderar os complexos aspectos de linguagem intrínsecos a toda atividade humana. Para Monteiro (2005), o ser é humano porque fala, a linguagem funda o ser humano enquanto tal.

Arrojo (1992d, 1992a) defende que todas as construções humanas são atravessadas por subjetividade, são sempre, em alguma medida, uma forma de interpretação. Portanto, o significado é sempre “produzido”, não “encontrado”. Interpretar, compreender, traduzir... São aspectos incompatíveis a sistematizações universais e atemporais. Logo, apesar das tentativas incansáveis, não se consegue produzir uma leitura unânime, inquestionavelmente aceitável. Toda construção humana é uma construção mutável e finita. Para Monteiro (2005), o texto é sempre rebelde e escapa às tentativas de normatização. A tradução escancara tal impossibilidade e “rebeldia”. Mas, afinal, como a concepção clássica compreende-a?

3.2. Tradução clássica

A interpretação clássica é mediada pela figura do mestre: aquele que “verdadeiramente sabe”, que desvelou o exato significado textual e é capaz de interpretar para o leigo. O intérprete media a relação autor-leigo. Ele é encarnado por algumas figuras, como a do sábio, do cientista, do professor e, também, do tradutor. Se a interpretação é considerada como a representação do significado original, tal como um ator representa o seu papel no teatro, o tradutor representa

(“re-apresenta”) o significado do autor, não no palco, mas em outro texto (RAJAGOPALAN, 1992).

Tradicionalmente, há a metáfora do tradutor-intérprete como aquele que navega e conduz uma mensagem entre as margens de um rio. Traduzir é como um transportar e uma travessia¹³, em que o tradutor é o mensageiro a realizar a travessia de sentidos, mediador fiel entre o idioma de partida e o de chegada. Para isso, requer dominar ambos os idiomas a fim de conservar o sentido textual e transferi-lo para a nova versão o mais intacto quanto possível (ARROJO, 1992). Segundo Meneses (2010), essa metáfora advém da simbologia de Hermes.

Hermes é o deus mensageiro-intérprete da mitologia grega, responsável pelas trocas e comunicações. É o elo mediador entre deuses, entre deuses e homens; tradutor entre esses mundos. É também o deus das estradas e protetor dos viajantes. Hermes é caracterizado pela ideia de movimento, mobilidade, passagem, transição, conforme suas sandálias aladas transmitem. A palavra “hermenêutica”, do grego *hermeneutiké*, também advém de Hermes. O verbo *hermeneuein* significa interpretar, agir como Hermes. Não por acaso, os primeiros tradutores responsáveis por mediar deuses e homens foram os hermeneutas (MENESES, 2010).

Em latim, *traductio* significa “passagem”, “de um estado a outro”, sendo o *traductor* “aquele que transfere”. A noção de passagem está em outras palavras com o prefixo *trad-* em latim: *traditio* significa “ação de entregar, de transmitir, de dar”, também tem sentido de “transmissão” (a transmissão de um conhecimento, por exemplo). Nas línguas europeias, *traductor* é um *trans-ductor*, aquele que realiza uma passagem de uma margem a outra. Em inglês, *translator* é a junção de *trans* (para o outro lado, atravessar), *lat* (carregar) e o sufixo *-or*”, que designa aquele que faz algo (MONIZ, 2001).

Para realizar a travessia com perfeição, o mensageiro não pode deixar restos semânticos pelo caminho e, por isso, deve evitar ambiguidades, polissemias e contradições no transportar dos textos. Essas são consideradas defeitos, acidentes e/ou equívocos. Tradicionalmente, o texto original é compreendido como o texto completo do autor, reservatório das intenções autorais e, portanto, supõe-se que ele seja imutável, estável em seus sentidos, atemporal diante dos contextos. O original está em um lugar hierarquizado diante da tradução, é dominante, uma autoridade superior. A versão traduzida, por sua vez, está abaixo e é sempre insuficiente. É

¹³Tradução remete a “transferência de sentidos” e há aproximação com o conceito psicanalítico de “transferência”. O termo alemão *übertragung* utilizado por Freud é sinônimo para “tradução” (*Übersetzung*). Assim, as aproximações entre tradução, transferência e interpretação levam a diversos(as) autores(as) produzirem correlações entre psicanálise e tradução na teoria e clínica.

diante do imperativo do original que as traduções são avaliadas como corretas ou não, em sua semelhança fidedigna (ARROJO, 1992c; RAJAGOPALAN, 1992).

O tradutor clássico também deve deter os próprios traços de subjetividade a fim de não interferir na neutralidade do seu trabalho. A boa tradução clássica, idealmente, não transparece os rastros do trabalho do tradutor e de sua travessia em relação ao texto original (FIGUEIREDO, 1999). É importante frisar: não é que não haja tais rastros subjetivos do tradutor em um trabalho tradutório clássico, mas estão ocultados. Arrojo (1992c, 1992d, 1992e) critica como a tradição insiste em ignorar o tradutor enquanto sujeito interpretante, em como oculta sua assinatura no texto, impondo-lhe o impraticável dever de se ignorar.

Inevitavelmente algo se perde na travessia da tradução, deixando sempre um rastro e um resto semântico. Todo trabalho tradutório é, em si, uma problemática. Ainda segundo a autora citada anteriormente, se a tradição rebaixa a versão traduzida enquanto precária, secundária, inferior, esse é um efeito das expectativas clássicas ilusórias pela universalidade e neutralidade. Mas, outra compreensão sobre tradução pode dar novo um lugar a esse trabalho. A desconstrução possibilita esse novo lugar.

3.3. Leitura próxima, atenta e desconstrutiva: não há fora-texto

A leitura atenta desconstrutiva se debruça sobre os elementos que a leitura clássica secular visa anular, realça o que ela marginaliza e abre-se ao que ela fecha. É “transgressora” diante das proteções e defesas clássicas (FIGUEIREDO, 1999, p. 19). D’agord (2014, p. 217), ao se interrogar sobre “o que seria uma crítica em Psicanálise”, tendo como âncora a pesquisa etimológica de Heidegger, demarca que “crítica”, do grego *crinein*, “[...] significa diferenciar, realçar, deixar ver o diferente como tal em sua diferença”. Nessa perspectiva, o diferente só o é em referência a algo. Assim, a leitura desconstrutiva é crítica ao realçar a diferença e definir limites a partir da alteridade. Tal leitura advém da Desconstrução de Jacques Derrida.

Ler e escrever sobre a desconstrução derridiana é um desafio complexo, sempre haverá algo mais a ser dito. Isso leva a autores como Meneses (2013) a definir “o que a desconstrução não é” mais do que “o que a desconstrução é”. Há uma dificuldade e complexidade em defini-la, pois, todos os predicados, conceitos, significações, articulações e toda definição são “desconstruíveis” (DERRIDA, 1987/1998, p. 23). Por isso, detenho-me na questão: como a desconstrução pode nos ajudar a ler as versões brasileiras freudianas?

Derrida refere-se à *déconstruction* pela primeira vez em um colóquio realizado nos Estados Unidos em 1966, conferência transcrita no livro *Gramatologia* (1967). A desconstrução

não é exatamente um método, metodologia ou conceito de análise, tampouco deve ser “transformada em método” pois pretende subverter as noções de conceito e método (DERRIDA, 1987/1998, p. 22). É possível articulá-la de determinados modos: Figueiredo (1999) articula a desconstrução como uma estratégia de leitura, já Meneses (2013) como leitura-releitura-reescritura e Correia, Xavier e Lang (2021) como uma atitude desconstrutiva.

Desconstrução refere-se a uma leitura rigorosa de decomposição e dessedimentação de estruturas construídas e consolidadas, decompondo o modo como um “conjunto” foi construído ao longo da História. Tal processo de decomposição é simultaneamente uma produção, de acordo com Derrida (1987/1998). A palavra francesa *déconstruction* é um dos neologismos cunhados pelo autor. Em *Carta a um amigo japonês* (1987/1998), o filósofo visa auxiliar seu destinatário, o tradutor Toshihiko Izutsu, com a tradução japonesa para esse termo francês.

Nesta carta, repete em diferentes momentos a frase: “a palavra desconstrução”. Essa formulação situa-a dentro de uma ordem textual: “desconstrução” é uma palavra que remete e pode ser substituída por outra palavra, está situada em um determinado contexto e precisa dele para possuir um sentido. Ou seja, a desconstrução extrai seu valor semântico a partir da cadeia de substituições e significações que está referida. Somente dentro de um discurso pode-se suprir a incapacidade da palavra em se bastar. Desse modo, não basta definir “desconstrução” em um enunciado, senão em um contexto, “com texto” (DERRIDA, 1987/1998).

Derrida (1987/1998) relata que a palavra *déconstruction* lhe surgiu espontaneamente durante uma elaboração textual e, devido ao uso raro no vocabulário francês, duvidou ser uma palavra de língua francesa. Assim, buscou em dicionários algumas definições pertinentes e encontrou que a “ação de desconstruir” refere-se a desorganizar a construção das palavras em uma determinada frase, a uma desconstrução que leva a uma construção. Na gramática, refere-se a “desconstruir versos” ou a um deslocamento nas palavras que compõem uma frase escrita em um idioma estrangeiro, aproximando-a da língua em questão. Pode remeter também a uma desarticulação das partes de um todo, como a desconstrução de um edifício ou de uma máquina; ou ainda, o sentido de “perder a sua construção” (DERRIDA, 1987/1998).

Tais definições soavam melhor à sua proposta do que a palavra que utilizava até então: *destruction* (destruição). Com esse, tentava adaptar à sua ideia o termo heideggeriano *Destruktion* ou *Abbau*, os quais remetem à estrutura ou à arquitetura tradicional. Porém, no versar para a língua francesa, *destruction* remete à negatividade, aniquilação, demolição, concepções bem diferentes do pretendido. Desse modo, o autor cria *déconstruction*: não é destruir ou aniquilar, mas compreender como se construiu determinado conjunto para, através

da desconstrução, reconstruí-lo. Portanto, a desconstrução não é uma “destruição”, mas o aproximar-se de uma decomposição e recomposição discursos (DERRIDA, 1987/1998).

Ler pela atitude desconstrutiva implica se atentar a uma “construção” estabelecida ao decorrer da História da tradição clássica secular, suas sistematizações e unicidades, suas oposições e binarismos. É pôr em evidência determinado sistema e estrutura, é suspeitar de um sistema já naturalizado, das ideias já estabelecidas e clausuradas. Suspeitar, duvidar, questionar, mapear e reconstruir uma ideia que se constituiu dentro de certos horizontes internos e externos. Esse movimento analisa como discursos/conceitos foram construídos ao longo da História de modo contingente, negando-os enquanto naturais e/ou inevitáveis, a partir da noção de que não há verdade preexistente ou externa ao texto, tampouco noções inquestionáveis (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021; DERRIDA, 1967/2017).

Derrida (1967/2017) destacou seu desinteresse sobre as intenções do autor, ponto tão central na leitura clássica. Sua investigação não pretende encontrar o sentido do texto pelas intenções originais do autor, tampouco determinar se as intenções foram boas ou más. Arrojo (1992) salienta que a proposta desconstrutiva remete sempre à leitura e ao texto, pois parte do pressuposto de que não há realidade nem significado externo e anterior à interpretação, ou seja, independente do leitor e fora do texto. Não há realidade senão a criada *na e pela* linguagem.

O princípio da desconstrução, aparentemente simples, é revolucionário: *Il n’y a pas de hors-texte*, não há fora-texto. Não há nada fora da linguagem. Nas palavras de Lang e Barbosa (2012, p. 93): “nada há além do texto, que não seja, já ou ainda, texto”. O sentido do texto é construído a partir da leitura, durante e depois dela, como seu resultado; é uma construção da relação pesquisador-texto, no intertexto. Ler é um processo ativo, relacional. O leitor é presença viva e atuante na relação com o texto, sua leitura é *uma* condição de possibilidade do sentido, autorizado a adicionar mais sentidos ao texto, pois cada leitura é, também, uma escritura (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021; FIGUEIREDO, 1999).

Aqui, “interpretação” remete a “acréscimo”, ampliação e alargamento de significado a partir de novas compreensões (ARROJO, 1992; FIGUEIREDO, 1999). Nesse ponto, uma advertência é necessária: defender a produção de sentidos não é defender a produção de “qualquer sentido” aleatório ou intuitivo, advindo de um leitor solitário descolado do autor e do livro, com libertação ilimitada (ARROJO, 1992a). A figura do autor, o texto e a comunidade dialógica servem como reguladores e margens de limitação. Grigoletto (1992) e Rajagopalan (1992) ressaltam que não é qualquer acréscimo de sentido que pode ser feito e será aceito pela comunidade dialógica em questão, é preciso estar consistente e congruente com o texto. Logo,

a significação não está fixa nem nas intenções do autor nem nos caprichos do leitor, mas na trama e no limiar entre uma série de convenções que englobam contextos e limites. Portanto, o leitor desconstrutivo não é ilimitado, solitário ou autoritário, mas atento e advertido.

3.4. Tradução e desconstrução

A leitura atenta desconstrutiva repensa os pressupostos clássicos da tradução. Em leitura de Barbara Cassin (2022, p. 19) e Rosemary Arrojo (1992), considera-se que a diferenciação entre as duas formas de compreender o texto e a tradução (clássico e desconstrutivo) se estabelece em diferentes formas de compreender a linguagem. Pela desconstrução, a linguagem torna-se ponto de partida e ponto de chegada, não é mediação, mas é o fim propriamente dito, tem a própria força de criação. Línguas (diversas) criam mundos (diversos). Ao partir das palavras, a tradução pretende não “dizer o que é como é”, sobre algo externo ao texto, mas “que faz ser o que é dito”. Assim, desloca-se a tradução da ordem da intermediação para a ordem da criação, abarcando a diversidade das línguas, segundo Cassin (2022).

Cassin (2022, p. 9) põe-se na tarefa de “complicar o universal”, o ideal de universalidade e/ou às ideias tidas como universais. Como discutido anteriormente, a expectativa clássica pelo “todo” e pela “universalidade” produz exclusão da alteridade. Afinal, o “universal” é sempre de um grupo e não de outro, como a autora defende. Ao complicar o universal, a autora complica também a ilusão clássica secular da neutralidade ao se questionar: quem define o que é o neutro? Nesse sentido, a leitura desconstrutiva acentua o impossível da sistematização universal no tocante à linguagem e da suposta neutralidade também sobre o trabalho do traduzir.

Os termos em latim *traditor* e *trado* possuem o sentido de “traidor” e de “trair” (MONIZ, 2001). Na discussão sobre tradução, logo se remete ao provérbio italiano: *traduttore, traditore* (tradutor, traidor). O tradutor-mensageiro clássico é, inevitavelmente, um traidor da sua tarefa por ser incapaz de cumprir a expectativa de entregar o sentido textual entre duas línguas sem perdas ou desvios semânticos, em totalidade e exatidão, sem alterações nem interferências. Traidor, também, da expectativa tradicional secular por traduções perfeitas, com equivalências exatas, como se pudesse haver a cópia do original em outra língua (ARROJO, 1992d; CASSIN, 2022; CATTANEO; BORNHAUSER, 2019). Para Escalante (2013), a dívida semântica da tradução é impagável, mas traduzir é necessário; é necessário coloca-la não mais em função da perfeição, mas em função da transmissão.

Parte-se do pressuposto de que há um aspecto de impossibilidade presente em toda e qualquer tradução diante da incapacidade da própria linguagem de produzir equivalências

exatas entre línguas. Algo extrapola. Por isso, Cassin (2022, p. 24) criou o conceito de “intraduzível” e “intraduzíveis” para aquilo que, na língua, “[...] não se cessa de (não) traduzir”. São sintomas da diferença entre as línguas e da impossibilidade presente na tradução, sintomas semânticos e/ou sintáticos. Pode soar como se os termos intraduzíveis fossem obstáculos ao trabalho do tradutor, como se inserissem uma falha paralisante. No entanto, ao invés de paralisar, pode gerar o oposto: produzir um movimento de constante correção e adição, de constantes retraduições (CASSIN, 2022; SANTORO, 2018).

Essa concepção desestabiliza o princípio clássico da não-contradição, ou seja, a expectativa de que haja somente um único sentido para cada palavra. Na visada desconstrutiva, o tradutor pode suportar a contradição entre os textos, pois constantemente viola o ideal da unidade. Isso abre margem para mais de uma forma de se traduzir um texto (SANTORO, 2018). Dito isso, parto do pressuposto de que toda tradução é interpretação e expõe o seu tradutor e/ou uma perspectiva atuante de pelo menos um sujeito interpretante. Expõe suas decisões textuais atravessadas e formadas como efeito de contextos e circunstâncias, dos interesses pessoais, editoriais e culturais, da ética e da política, até mesmo dos desejos inconscientes do tradutor ou da tradutora, em concordância com Correia, Xavier e Lang (2021).

O novo texto traduzido é fruto de um constante movimento de decisão, seleção e exclusão: “ler, compreender, interpretar e traduzir são atos decisivos, que fazem incisões e cortes” (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021, p. 27). Tentar sanar a leitura do tradutor é não apenas desnecessário, como impossível, pois trata-se do resultado de uma atividade humana, logo de linguagem, interpretante. Em contramão, a leitura interpretante do tradutor pode ser considerada, acolhida e explicitada a fim de que o leitor possa estar advertido da assinatura do tradutor ao lado do autor (ARROJO, 1992c; CORREIA; XAVIER; LANG, 2021). Nesse sentido, Cassin (2022, p. 76) coloca tradutores como “coprodutores de sentido, coautores”.

Dar lugar à subjetividade desestabiliza a hierarquização do texto original. Questiona-se e suspeita-se da concepção de que o original é um texto parado no tempo, límpido de interferências. Por sua vez, considera-se que o original é também é atravessado pela leitura de seus leitores. Desestabiliza, também, a ilusão clássica de universalidade e atemporalidade do sentido textual. Ainda que o tradutor precise se valer da ilusão de completude para investir no seu trabalho, que o faça ciente e advertido de ser uma ilusão (ARROJO, 1992e).

Se os séculos da tradição clássica impuseram ao tradutor a impossível tarefa de se ocultar e ignorar-se, com a guinada desconstrutiva há uma nova proposta: o tradutor deixa-se ser visto como figura de criação, autorizado a deixar-se ver de forma atuante e ativa, retirando-

se da suposta invisibilidade. Nessa perspectiva, é interessante que o tradutor seja um leitor advertido de seus pressupostos, que sua postura esteja para além do aprendizado dos idiomas e das palavras correspondentes, mas que estejam, desde o princípio, implicados e advertidos do seu papel enquanto produtores de sentidos, como é possível ponderar a partir da leitura de Arrojo (1992e), Cassin (2002), Correia, Xavier e Lang (2021).

Se as expectativas clássicas estão fadadas à frustração (como discutido anteriormente), não significa que o tradutor também esteja fadado à frustração do seu trabalho diante da impossibilidade presente no seu ofício, nem que uma nova versão não possa ser feita de modo satisfatório (CATTANEO; BORNHAUSER, 2019). O trabalho tradutório se materializa, é concretizado e finalizado; existe no mundo, se estabelece, é concordado ou contrariado, assim como todo e qualquer texto. A tradutora Cassin (2022) defende que uma boa tradução existe, assim como as ruins também. Existem traduções melhores, piores e, inclusive, mais de uma boa tradução do mesmo texto, rigorosas, atentas e detalhadas ainda que diferentes (CASSIN, 2022).

A discussão sobre o impossível da tradução não implica pensá-la enquanto algo impraticável, inviabilizando e não reconhecendo o trabalho tradutório. Implica justamente realçá-lo de modo a refletir sobre seus limites e sobre as estratégias possíveis a partir dele, abarcando a impossibilidade como possibilidade, discutindo os limites transponíveis e intransponíveis. Pode-se pensar sobre estratégias que alargam as polissemias: uso de notas de rodapé, prefácios, posfácios e outros recursos utilizados como rastros deixados pelo texto.

Para Carone (2011b), se *traduttore, traditore*, se tradução implica uma traição, há modos de trair com consequências piores e mais graves do que outros. Os intraduzíveis, aqueles conceitos que são continuamente retraduzidos, revelam os rastros da “travessia” dos tradutores, do comércio entre as línguas (CASSIN, 2022; SANTORO, 2018). Há modos de respeitar o não isomorfismo entre línguas e, ao mesmo tempo, prezar por uma homogeneidade, com o rigor terminológico que um texto teórico pode demandar. Assim, o tradutor não precisa proteger o sentido de transformações no tocante à forma e ao estilo, mas ponderar sobre as formas satisfatórias de traduzir e acolher os novos sentidos da obra estrangeira no idioma de chegada, reconhecendo as diferenças e a alteridade do/no texto (ARROJO, 1992; CATTANEO; BORNHAUSER, 2019).

Nessa perspectiva, Cassin (2022, p. 39) nomeia a tradução como “tradução-adaptação-reinvenção”, demarcando adaptações ao contexto e à língua, assim como a um processo de criação, recriação e reinvenção. A partir dessa postura e a partir dos pressupostos aqui concordados, me debruço sobre as traduções de Sigmund Freud nos próximos capítulos.

4. A ESCRITA FREUDIANA

Em latim, *textum* significa “tecer”, “entrelaçamento” e *textus* significa “texto”, “tecido”. Sigmund Freud foi um escritor minucioso, produziu sua obra por um “trabalho artesanal” de tessitura composta por palavras, entrelaçadas no tecido textual. Assim como todo trabalho artesanal, foi um processo lento e gradual, aos poucos desenvolveu sua terminologia e seus conceitos fundamentais (*grundbegriffe*). Entre linhas, os conceitos foram criando formas.

Ao ler tradutores (as) que se debruçam sobre a obra freudiana, como os artigos de *Traduzindo Freud* (1999), não é difícil compreender: traduzir Freud não é um ofício simples! O estilo textual do inventor da Psicanálise é heterogêneo, multifacetado. Não é à toa que, desde os anos 1970, o traduzir e as traduções de Freud é a temática mais debatida entre outros autores de língua alemã (HANNS, 2013).

A quem encarar esse desafio, cabe dedicar-se a um processo cuidadoso de decisão sobre quais estratégias tomará para transmitir os detalhes, o cuidado e a complexidade da escrita freudiana e de sua teoria, algo que Bettelheim (1990/1982, p. 45) salientou desde a década de 1980: os tradutores precisam estar sensíveis a essa “[...] linguagem tão cuidadosamente escolhida e cheia de matizes [...]”. Seu trabalho inclui não só traduzir as frases, mas tentar transpassar o amplo cuidado textual de Freud, segundo o autor supracitado.

Embora Freud tenha publicado *Luto e Melancolia* (1917) apenas dois anos depois, iniciou sua escrita em 1914. Tal período histórico é marcado pela Primeira Guerra Mundial na Europa (1914-1918). Ou seja, elaborou-o imerso durante a irrupção desse contexto bélico. Se os primeiros confrontos da guerra foram recebidos com entusiasmo pelos nacionalistas, artistas e poetas da época, não demorou para tal cenário se transformar em desilusão diante dos desastres advindos da guerra, os quais deixariam Viena em uma “situação de escassez de toda ordem” (IANNINI, 2021, p. 92). Por isso, temáticas relacionadas à guerra, morte, finitude e ao luto serviram de base para diferentes publicações freudianas desse período¹⁴.

Na biografia *A Vida e Obra de Sigmund Freud*, Ernest Jones (1989) conta que o psicanalista teve um ano de intensa produção textual em 1915. Freud escreveu sucessivamente, entre março e maio desse ano, o conjunto de ensaios que compõem a Metapsicologia freudiana, o qual pretendia lançar em um livro intitulado *Zur Vorbereitung einer metapsychologie*

¹⁴ É o caso de *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915) com os dois ensaios: *A desilusão da guerra e Nossa atitude para com a morte*. No mesmo ano, escreveu sobre a finitude humana a partir do impacto da guerra em *Sobre a Transitoriedade* (1915).

(*Introdução à Metapsicologia* ou *Preparação para uma metapsicologia*). Este projeto objetivava a formalização e consolidação de décadas de produção textual sobre teoria e clínica.

Além disso, o psicanalista se defrontava com os próprios lutos e com o próprio processo de envelhecimento, além de temer “[...] uma guerra indefinidamente longa, a cujas agruras ele poderia muito bem não sobreviver” (JONES, 1989, p. 192). Por isso, o biógrafo supõe que o contexto de temor ao fim intensificou o interesse por uma síntese de suas concepções. Para Iannini (2014, p. 99), os textos e seus conceitos fundamentais eram as “armas” de Freud e, nesse cenário, precisou sintetizar as ideias de modo a garantir a especificidade da Psicanálise, delimitando e protegendo seu discurso em uma preocupação teórica, ética, clínica e política.

Dos doze artigos planejados, apenas cinco foram publicados¹⁵. Tais artigos, apesar de independentes, dialogam entre si. Freud até chega a referenciá-los entre si considerando uma determinada ordem, escrevendo, por exemplo, “vide o artigo anterior a este”. Portanto, é interessante observar a organização na qual as versões brasileiras analisadas inserem o ensaio aqui em foco: a *Edição Standard Brasileira* (ESB) reproduz a ordem cronológica, uma vez que versa a organização de Strachey. A coleção *Obras Completas* (Cia. das Letras) também mantém a ordem cronológica no período de 1914 a 1916. Uma vantagem dessa organização é proporcionar ao leitor um panorama do que Freud estava escrevendo nesse período, a aproximação das temáticas e sua intertextualidade.

As versões de Marilene Carone, de Luiz Hanns e da coleção *Obras Incompletas* (Autêntica) possuem uma organização própria, temática. A Cosac Naify dedica o ensaio em um único livro exclusivo para o texto da Carone¹⁶, enquanto no volume da Imago por Hanns o ensaio está em conjunto com *O Inconsciente* (1915), *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917) e do *Além do Princípio de Prazer* (1920). O volume da Autêntica é temático a partir da psicopatologia psicanalítica, insere o ensaio sobre a melancolia no universo semântico das estruturas clínicas freudianas: neurose, psicose e perversão. Esses aspectos criam planos de fundo contextual distintos sobre o ensaio.

¹⁵ São eles: *Triebe und triebchicksale* (*Os instintos e suas vicissitudes* ou *As pulsões e seus destinos*) e *Die Verdrängung* (*A Repressão* ou *O Recalque*), ambos escritos em três semanas. Nas duas semanas seguintes, escreveu *Das Unbewusste* (*O Inconsciente*) e, nos onze dias seguintes, escreveu os últimos artigos: *Metapsychologische ergänzung zur traumlehre* (*Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos*) e *Trauer Und Melancholie* (*Luto e Melancolia*).

¹⁶ Essa editora investia muito na estética dos seus volumes e publicava livros de luxo e/ou para colecionadores. Hoje, anos depois de seu encerramento, há livros raros que custam até milhares de reais. No ano de publicação deste trabalho, sua edição de *Luto e Melancolia* está em torno de quatrocentos e quinhentos reais.

Considerando que *Luto e Melancolia* (1917) foi planejado para estar em um livro introdutório, pode-se considerar que o autor o escreveu para um público também introdutório, não apenas aos já familiarizados com sua teoria. Elaborou seu texto por uma prosa gradual, fazendo o leitor acompanhá-lo em seu caminho investigativo, quase como se as ideias brotasse ali no texto, enquanto ele escrevia. Nesse, Freud descreve seu desenvolvimento, seus métodos, seus limites teóricos e esclarece que não busca pela universalidade das suas ideias.

Para Kehl (2013), se um texto existe em função do leitor, a escrita de Freud estava sempre em função do suposto leitor e almejava comunicar, entusiasmar e transmitir. Tavares (2011) é um dos autores que concorda que, por isso, o psicanalista mesclou harmoniosamente forma e conteúdo. Além da complexidade teórica e conceitual, a Psicanálise freudiana possui um rico arsenal de estilos: “Se Freud ‘tem estilo’, ele não tem um estilo. Talvez tenha todos os estilos”, escreveu Pierre Cotet (1989/1992, p. 31), referindo-se à sua gama de estilos distintos.

Souza (2010) destaca que esse aspecto não é específico de um ou outro autor, todo escritor adota uma postura diante do suposto leitor a que se refere. Freud ora escreveu para psicanalistas e pesquisadores de diferentes áreas, ora para um público leigo. Também, ora produziu por uma prosa dogmática – com caráter de exposição e apresentação de resultados prontos, sem detalhar a elaboração –, ora por uma prosa genética – com narração do desenvolvimento das ideias, convidando o leitor a chegar às conclusões junto ao autor (SOUZA, 2010). O artigo *Luto e melancolia* (1917) é um exemplo de uma prosa genética.

Devido à escrita complexa, que mescla forma e conteúdo, com vários estilos e prosas, Ornston Jr. (1999a) alegou que traduzir os textos de Freud é como traduzir diversos autores ao mesmo tempo, visto que sua linguagem se modifica ao longo das linhas textuais. Essa escrita é transformada a partir da *Standard Edition* e ao longo dessa tradição inglesa. A partir da análise comparativa de Bettelheim (1990/1982), Brandt (1961), Souza (2010) e Tavares (2011) é possível compreender que a versão SE trasladou o texto alemão por uma linguagem de raiz e universos semânticos radicalmente distintos.

Tais autores concordam que a linguagem comum, íntima, literária, poética da teoria científica freudiana foi substituída por uma linguagem distante, desconhecida, estranha, rebuscada, com termos eruditos e neologismos estranhos, que não provocavam rápidas associações nos leitores. Tal transformação marcam alguns pontos de bifurcação nos modos de versar Freud desde então, a exemplo: entre a linguagem comum e incomum; entre o literário e literal.

4.1. Linguagem freudiana: entre o comum e o incomum

Sigmund Freud foi um escritor e leitor assíduo das várias áreas do saber. Em seus textos, há referências diretas e indiretas diversas, desde as obras científicas às artísticas, da medicina à Literatura Clássica Alemã, entrelaçamentos de Charles Darwin a Goethe. Apaixonado pelas artes, apropriou-se do universo das artes e dos artistas para criar sua teoria científica. Utilizou-se da estrutura literária, de diferentes estratégias textuais e de figuras de linguagem como metáfora, ambiguidade, comparação, contradição e afins. Até mesmo o nome da teoria é marcado por uma dualidade complexa: *Psychoanalyse* é a combinação de duas palavras de origem grega sobre fenômenos fortemente contrastantes, “psique” é um termo abstrato e “análise” é mais científico, segundo Bettelheim (1990/1982).

Se ler Freud não é fácil, requer labor, dedicação e tempo, a dificuldade está no que o texto comunica, na complexidade dos temas abordados, nos questionamentos e rupturas a partir do texto. Para Iannini e Tavares (2020a), a dificuldade não está na incompreensão das palavras, em ler uma escrita propositalmente dificultada, pois o autor preferiu a linguagem comum em detrimento do vocabulário erudito, desconhecido e raro. Segundo Bettelheim (1990/1982), Souza (2010), Tavares (2011) e Hanns (1996), o vocabulário do psicanalista era composto por uma linguagem comum, cotidiana na sua cultura, palavras que provocavam rápidas associações tanto no especialista quanto no leigo. Escolha distinta da *Standard Edition*.

A escolha pelo vocabulário cotidiano era algo comum em seu tempo, conforme Souza (2010), tradutor de diferentes autores alemães. Esse remete aos dizeres do tradutor Georges-Arthur Goldschmidt sobre “não haver nada mais simples e mais imediato que o vocabulário filosófico alemão” (SOUZA, 2010, p. 184). No entanto, uma escrita por palavras comum não significa uma teoria comum. No decorrer das linhas textuais, o vocabulário coloquial torna-se vocabulário psicanalítico, fonicamente idêntico à palavra falada, mas com conteúdo singularizado (CORSI, 2020). Através da linguagem usual, o psicanalista elaborou sua gama de conceitos, evitando as jargões e erudições excessivas (TAVARES, 2011).

Por exemplo, Freud apropria-se de pronomes pessoais, íntimos de qualquer falante, para compor conceitos fundamentais: *Ich* e *Es* em alemão (*eu* e *isso* em português, respectivamente). Conceituar tais pronomes é se expressar pela linguagem comum, como é possível concluir a partir do trecho: “as pessoas dizem ‘algo me estremeceu’; ‘havia isso dentro de mim [*es war etwas in mir*] que naquele momento foi mais forte que eu’, ‘*C’était plus fort que moi*’, Isso foi mais forte que eu” (FREUD, 1926/2020, p. 311). No entanto, falar cotidianamente “eu sou” e “isso é” difere de falar “o Eu é” ou “O Isso” (*das Es*) em um contexto psicanalítico,

substantivado (SOUZA, 2010; TAVARES, 2011). Para compreendê-los requer tanto ouvir suas modulações na língua falada, a partir de como as pessoas se comunicam cotidianamente, quanto aprofundar-se teoricamente.

Mas esse aprofundamento se dará enquanto se cria associações com a linguagem comum, aproximando e diferenciando. Isso é mais difícil de acontecer no versar da edição inglesa, em que os pronomes pessoais *Ich* e *Es* (Eu e Isso) não foram versados para os pronomes pessoais *I* e *It* (inglês), mas por *Ego* e *Id*, a partir do latim (BETTELHEIM, 1982/1990). Essa versão chegou ao Brasil pela *Edição Standard Brasileira* e manteve-se por décadas. Os leitores brasileiros liam e falavam sobre *ego* e *id* em vez dos pronomes da língua portuguesa. No entanto, aos poucos, a tradição brasileira buscou se distanciar de tal tradição.

Atribuindo novos sentidos a palavras antigas, Freud criou uma rede metafórica de sentidos com o propósito de incitar representações imaginárias no leitor (CARONE, 1985/1990). Tavares (2011) chama a atenção para um aspecto complexo frequente na narrativa freudiana: a presença de um termo fruto da combinação de dois ou mais termos. Por exemplo, *Seelenbehandlung* é uma combinação simples de *seele* (alma/anímico) e *behandlung* (tratamento), termos comuns (TAVARES, 2011).

Para Souza (2010, p. 10), combinar palavras para formar um novo termo é algo típico e habitual da língua alemã, a qual possui uma “natureza camaleônica” devido a facilidade de modificar e compor palavras, formando uma nova. Portanto, quando Freud produz composições complexas e cria termos, o autor não transgrediu o código linguístico, “mas talvez tenha transgredido o *status quo*” no seu modo singular, nas palavras de Tavares (2011, p. 25).

Tavares (2011) desenvolve como exemplo o caso de *seele* e *behandlung*, as quais são palavras comuns, mas *Seelenbehandlung* é um conceito que define o tratamento psíquico/anímico proposto por Freud (1890/2017). A estranheza provocada por esse termo não é de ordem linguística, mas está em unir domínios de ordens comumente entendidas como separadas: “Se *behandlung* (tratamento) é derivado de *hand* (mão), o estranhamento está em imaginar um “manuseio da alma” (TAVARES, 2011, p. 25).

Assim, no uso de palavras comuns, Freud criou um vocabulário tão marcante a ponto de Laplanche, Cotet e Bourguignon (1989/1992, p. 58) se referirem a um “idioma freudiano” ou à uma “língua freudiana”. Esse “idioma” é uma problemática para os tradutores, visto que o desenrolar dos conceitos possui uma carga de indeterminação e é gradualmente formulado entre as linhas e as publicações. É um modo singular e complexo criado no explorar as possibilidades da língua alemã.

O interesse pelo cotidiano como ponto de partida para a teoria psicanalítica não está restrito às páginas de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), em que discorreu sobre como o conceito do inconsciente e a sua teoria psicanalítica refere-se não apenas a estruturas psicopatológicas, mas também em aspectos comuns a todos, como sonhos, esquecimentos, trocas de palavras e afins. Tavares (2008, 2011) realça que a vida cultural cotidiana é fonte e objeto das investigações de Freud, dos seus escritos diversos sobre a cultura, a teoria e a prática clínica psicanalítica. Logo, não é estranho esse teórico científico utilizar-se de uma linguagem culturalmente comum, para o autor supracitado.

Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud introduz o texto informando que fará o mesmo que fez em relação aos sonhos, referindo-se à *Interpretação dos Sonhos* (1900): apropriando-se do conhecimento sobre um aspecto comum a todos, o luto (*Trauer*) para desenvolver sobre algo enigmático, patológico: a melancolia, ainda tão incerta e indefinida para a ciência de seu tempo. A palavra *Trauer*¹⁷ remete tanto aos afetos da dor quanto à sua manifestação externa, como as vestimentas (geralmente pretas) utilizadas nesse período.

Na caracterização de Freud nesse ensaio, o luto é uma reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa tal lugar (a pátria, a liberdade, um ideal). O estado e o período de luto não são compreendidos enquanto patológicos nem pela ciência nem pelo senso comum, ainda que essa perda cause dor e sofrimento ao enlutado. Afinal, supõe-se que haja um tempo próprio para o luto, um tempo determinado ainda que não possa ser pré-determinado. Para o autor, não há propósitos para interferir nesse período a fim de encurtá-lo apressadamente e pode ser até prejudicial fazê-lo.

No entanto, sob a mesma influência da perda, o sujeito pode responder não com o luto, enquanto uma reação normal e esperada, mas, em seu lugar, a melancolia. Para o autor, o luto e a melancolia possuem características semelhantes entre si: um estado tão profundamente penoso e doloroso, por uma redução/falta de interesse pelo mundo externo, pela redução/perda da capacidade de amar e por inibições na capacidade de realizar tarefas e atividades. Mas, diferenciam-se em importantes exceções: diferente do luto, na melancolia perde-se algo no Eu.

Nessa, há um rebaixamento/diminuição/depreciação do *Selbstgefühl*, termo alemão que pode ser traduzido por “sentimento de autoestima”, “autoestima”, “amor-próprio” ou mais literalmente por “sentimento-de-si”. Esse termo será mais detalhadamente desenvolvido

¹⁷ Em cada uma das edições brasileiras lidas, os tradutores incluem notas informando que a palavra alemã carrega maior proximidade entre luto e tristeza do que o nosso termo em português. Afinal, *trauer* deriva o adjetivo *traurig*, “triste”, o qual remete mais diretamente à “tristeza”.

posteriormente. Por ora, é suficiente delinear que é a partir dessa diferenciação que Freud desenvolverá sobre a melancolia enquanto um estado patológico ao longo de todo o ensaio.

O pai da Psicanálise esclarece que a definição de melancolia não estava tão encerrada nem mesmo para a Psiquiatria descritiva de seu tempo. Sua definição conceitual é oscilante e aparece em formas clínicas variadas. A intenção do ensaio não é concluir a temática agrupando e sintetizando as manifestações da melancolia em uma única unidade de definição, mas expandir as formas de compreendê-la. A melancolia é enigmática não apenas para os profissionais que se debruçam sobre ela como objeto, mas também para os próprios melancólicos: esses são atravessados por algo que não se sabe o quê. Diferente do luto, em que se sabe o que ou quem foi perdido, na melancolia não se sabe exatamente o que foi perdido. A perda é desconhecida por ser uma perda inconsciente. Por isso, soa tão enigmática.

Esse aspecto é fundamental para compreender a defesa de diferentes críticos e tradutores em direção à linguagem freudiana, comum e cotidiana em detrimento à uma versão que opte por uma linguagem incomum, tecnicista, direta e literal, anulando também o teor literário em Freud. O teor literário presente na obra freudiana, as figuras de linguagem, o metafórico, as comparações, alusões e afins não são apenas elementos utilizados para embelezar o texto, mas fazem parte da epistemologia psicanalítica, é a raiz pela qual o texto se sustenta e se torna possível.

Para Maria Rita Kehl (2013), para um texto científico ter complexidade conceitual não precisa ser propositalmente dificultado, o conteúdo pode ser complexo também em uma escrita acessível a todos. Quando uma tradução se esforça em transmitir a clareza freudiana através da linguagem falada no Brasil, o trabalho é ético e liberta o leitor para essa autora, pois possibilita a experiência prazerosa de leitura, uma comunicação científica fluida que não visa oprimir o leitor para além do necessário (KEHL, 2013).

4.2. Standardização de Freud: entre o literário ou literal

Os pioneiros Bettelheim (1990/1982) e Brandt (1961) leram e compararam os escritos freudianos em alemão na coleção *Gesammelte Werke* com a versão inglesa *Standard Edition* (SE). Para tais autores, a fluência e variância nas linhas freudianas tornou-se uma escrita uniforme e padronizada. Essa é a proposta de uma edição que se autoneia *Standard*, termo que significa padronização. No entanto, tamanha sua influência, houve uma “*standardização* de Freud” a partir da terminologia inglesa, citando Tavares (2011, p. 51).

Autores como Bettelheim (1990/1982), Souza (2010) e Tavares (2011) concordam que os elementos literários presentes na escrita desse autor são fundamentais e fundantes e, portanto, devem ser manejados cuidadosamente por seus tradutores. No entanto, os aspectos considerados “literários” são frequentemente colocados em oposição aos “literais”, são frequentemente marginalizados, desconsiderados e rebaixados do universo científico. Não por acaso, tais aspectos foram reduzidos ou anulados pela SE., a qual direcionava a obra freudiana para uma linguagem supostamente mais científica, técnica, direta e objetiva.

Diferentes psicanalistas ficaram insatisfeitos com tais aspectos da coleção inglesa de Strachey e Jones, que não versavam o texto alemão nos mesmos universos semânticos e perdiam muito da potência literária e da imagem figurativa transmitida (BETTELHEIM, 1990/1982; BRANDT, 1961). Assim, a querela da tradução de Freud é marcada por mais uma bifurcação: entre uma linguagem enraizada pelo teor literário e a linguagem produzida posteriormente, em inglês, substituindo por um tom mais “literal”. Brandt (1961) realça a carga metafórica da escrita freudiana que cria uma representação figurativa, evoca uma imagem metafórica capaz de fazer-se ser entendida pelos leitores.

Brandt (1961) realça algumas das metáforas utilizadas por Freud, a exemplo dos termos que advêm do universo semântico militar. Por exemplo: *besetzung* e *gegenbesetzung* eram jargões militares, o primeiro remete à ocupação de uma fortaleza ou de um país e o segundo remete a forças militares inimigas ocupando uma posição de contra-ataque. Nem mesmo suas metáforas remetiam a algo distante ou desconhecido pelos leitores, muitas eram conhecidas, como Ornston Jr. (1999b) concorda. No entanto, ao ser versado para o inglês, essa carga metafórica e coloquial se perdeu e o termo alemão *besetzung* tornou-se invariavelmente o estrangeiro *cathexis* (catexia), advindo do grego *katecein/catèchein*.

Para Bettelheim (1982/1990), até mesmo as frequentes referências à cultura grega, às mitologias e tragédias gregas, não eram tão desconhecidas aos leitores contemporâneos de Freud, como talvez o fosse para os leitores ingleses e americanos. Os leitores contemporâneos de Freud mergulhavam na tradição clássica e nas línguas clássicas desde as leituras básicas dadas nas escolas. Além disso, para a elaboração da sua teoria, apropriou-se da significação e da complexidade da cultura grega de modo aprofundado, denso, necessário para a construção teórica (BETTELHEIM, 1982/1990).

Se a SE apropriou-se do idioma grego de modo a tornar uma escrita mais tida como científica, conforme a crítica, é válido enfatizar que o mundo ocidental também recebeu da Grécia uma herança filosófica e artística. Freud era um admirador e estudioso ferrenho da

mitologia grega, inclusive colecionador da estatuária grega, romana e egípcia. Além disso, Bettelheim (1982/1990) destaca que o ganhador do Prêmio Goethe também tinha conhecimento sobre o idioma grego, portanto se não escreveu seus conceitos em grego, mas em palavras comuns, foi por sua decisão. Não se utilizou nem do idioma grego nem da cultura grega de modo superficial, para apropriar-se de uma cientificidade ou pela busca de uma linguagem universal, tampouco para a criação de neologismos eruditos.

Quando se utilizou dessa cultura ou desse idioma, o fez de modo complexo. Entre os seus usos, Freud utilizou-se do termo grego *psyché*, cuja tradução para o alemão é *seele*. Pegou-o de empréstimo para o nome da sua teoria: *Psychoanalyse*. Na leitura freudiana, a palavra *psyché* transformou-se em *psychic*, termo cuja raiz grega também deu origem aos nomes de outras disciplinas científicas, como psiquiatria, psicologia, entre outras. A exemplo, *Seelenarzt* (psicólogo e psiquiatra) e *Seelenheilkunde* (psiquiatria). *Seelenforscher* é literalmente “pesquisador da psique”, o cientista que pesquisa sobre a psique, sobre a *Seelenleben*, vida psíquica e assim por diante (PEREIRA, 2013).

No uso freudiano, o termo é a combinação de duas palavras de origem grega sobre fenômenos fortemente contrastantes. Em português, pode ser traduzida por “alma” e, para o inglês, por *Soul*. No entanto, essas contêm uma maior associação com o sentido místico-religioso, tal associação não é tão produzida pelo termo alemão freudiano. Tanto a palavra alemã é laica, quanto o conceito é uma “nada santa alma freudiana”, citando o título de Pereira (2013).

Em seu uso da *psyché* ou do *seele*¹⁸, Freud cria associações e assume as conotações advindas da tradição dos antigos, a qual remete a um princípio de vida, afetividade e inteligibilidade, não sendo pelo teor religioso. *Seele* lhe remete à essência humana, à espiritualidade no sentido amplo do termo. Essa é uma palavra com conotação afetiva, emocional, dual, ambígua, ampla, complexa e subversiva ao seu tempo, irreduzível (BETTELHEIM, 1990/1982).

Entre as conotações do termo, sentido figurado remete à ideia de “interno”. Por exemplo, no século XVIII a palavra designava o cano de uma arma de fogo: o interno de um objeto; no século XVI, *seelisch* era utilizado no sentido de “interno” e “psíquico”. Ainda que o uso atual

¹⁸ Hanns (1996) retoma a etimologia de *seele* e a ideia de que as tribos germânicas acreditavam que as “almas” dos mortos e dos que viessem a nascer moravam na água. No gótico, o termo para lago/mar é *saiws*, o qual provavelmente originou *saiwala* (pertencente ao mar). Logo, *seele* remete às almas vinculadas à água (HANNNS, 1996).

tenha sido captado pelo cristianismo, não possui sentido animista nem religioso. Também, não possui um sentido que remete à mente e ao intelecto, ainda que remeta aos pensamentos internos em um sentido figurado. Sua conotação detém um sentido coloquial e literário utilizado por poetas como Goethe, e também um sentido técnico quando utilizada no campo médico, segundo a análise detalhada de Hanns (1996).

Tal palavra escapa ao somente-corpo e ao somente-intelecto, tão centralizado em determinados discursos: “sua ambiguidade [do termo] fala pela própria ambiguidade invencível da psique” (CORSI, 2020, p. 83). No entanto, toda menção ao termo abstrato e ambíguo foi excluída ou substituída por *mind* (mente, intelecto) na edição de Strachey e Jones, remetendo a algo da ordem do mental em vez do teor mais ambíguo e metafórico do primeiro (BETTELHEIM, 1982/1990). Há pelo menos oito significados disponíveis para esse termo alemão, em que está presente a ideia do “interno” do ser humano, mas cada um desses sentidos foi reduzido ao verter para um único termo: mental. Se “alma” estaria mais próxima do contexto místico-religioso em português, “mente” produz associações mais anglo-saxãs, enfatizando mais os pensamentos e a memória do que os sentimentos e a vitalidade, tão realçados no alemão (HANNIS, 1996).

Para Brandt (1961), a SE. produziu cortes, anulou ou reduziu a carga metafórica em Freud, definiu objetivamente termos quando ainda estavam em desenvolvimento, dando certeza e clareza a conceitos que ainda estavam vagos e incertos. É dessa forma que os termos alemães “[...] *Aufbau, Bau, Überbau, Gliederung, Gebäude, Gebilde, Gefüge, Ordnung, Struktur e Träger* terminam, todos, traduzidos por ‘estrutura’”, pela leitura de Moraes (2011, p. 127). A SE. transmitia o conteúdo da obra como se os conceitos estivessem prontos e fechados do início das formulações até o fim de sua vida. Por vezes, até mesmo criava um conceito onde havia somente uma palavra empregada de modo usual, como defendem uma gama de autores como Bettelheim (1982/1990), Ornston Jr. (1999b), Souza (2010) e Tavares (2011).

Para Freud (1915/2021, p. 15), se há um consenso de que os conceitos fundamentais de uma ciência devem ser claros, precisos e bem definidos, “[...] nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições”. A princípio, requer um momento de descrição para, depois, agrupar, ordenar e correlacionar as descrições e formar conceitos. Nesse primeiro momento, é possível se apropriar do abstrato e de indeterminações, esse processo inicial não deve ser rígido nas definições (FREUD, 1915/2021).

Muito da sua teoria estava nesse primeiro momento e, por isso, não temia a indeterminação e as ambiguidades. Esse aspecto de “descrever uma ideia indefinida de maneira

indefinida” era aceitável da concepção científica alemã (diferindo do inglês), não eram elementos não eram utilizados de modo a dificultar o texto (ORNSTON JR., 1999b, p. 29). Heinz Politzer pontuou que havia uma tendência à ambivalência e à ambiguidade marcada no espírito (*Esprit; Witz*) do linguajar da classe judaica de Viena (SOUZA, 2010).

Assim, é possível considerar que o autor do inconsciente (*unbewusst*) não pretendia anular a indeterminação e a ambiguidade do texto, optava por mantê-las e parecia considerar que seriam entendidas pelos leitores. Usar da indeterminação e tentar contorná-la com comparações, metáforas e alusões estava em função de ampliar os sentidos: “isso não é nada de especial, também é assim em outros lugares. Mas precisamos mudar essas comparações constantemente, ninguém nos aguenta por muito tempo” (FREUD, 1926/2020, p. 219).

Essa discussão é uma representação do binarismo criado pela tradição: entre o literário e o literal, entre o ficcional e o científico. A versão britânica estava pautada e engessada nas noções clássicas de leitura, escrita e do traduzir, como discutido no capítulo anterior. No modelo clássico, para uma escrita ser considerada científica exige-se uma relação de objetividade entre leitor-texto, independente e distante da subjetividade e do contexto do cientista, idealmente neutro e invisível, distante, impessoal e em terceira pessoa (ARROJO, 1992d).

Ambos os universos (literatura e ciência) são marcados como opostos em determinadas concepções ocidentais tradicionais de ciência. Na concepção clássica de leitura e de ciência, há uma divisão opositiva entre o sentido literal (objetivo) e o sentido metafórico/figurado (subjetivo), não literal. O sentido literal é associado, nessa tradição, a uma estabilidade de significado, inerente e colado ao enunciado, preservado de interferências externas (contextos ou interpretações, sem sujeito). Tido como direto e primordial, é mais valorizado e visto como linguagem científica. Já o sentido metafórico é considerado desvio da linguagem, indireto e dependente da carga subjetiva, da interferência do contexto e dos sujeitos interpretantes. Esse estaria mais associado e aceito dentro do campo da criatividade, do poético, da invenção e da emoção, daquilo que rompe com a norma; logo, longe da ciência e próximo da literatura (ARROJO; RAJAGOPALAN, 1992a).

Para a ciência tradicional, deve-se descartar, ignorar ou mesmo resolver qualquer resquício desse sentido metafórico. No entanto, toda investigação científica se depara, inevitavelmente, com desconfortos, com imprecisões, contradições, lacunas. Esses são aspectos do universo científico e podem ser incluídos. Um texto científico também deve incluir os desconfortos, todo trabalho e toda produção científica exige tempo e desgastes, imprecisões, desconfortos, lacunas, contradições, em concordância com Ornston Jr. (1999a).

Para esse mesmo autor, a prioridade na uniformidade não significa que traduzir os escritos de Freud foi fácil para O tradutor britânico diante da complexa variedade freudiana. Mas, se foi uma forma lidar com essa variância, facilitando, essa facilitação eliminou os reduziu as possibilidades de leituras alternativas. A ênfase da SE. em criar uma terminologia homogênea, objetiva e constante foi importante naquele contexto histórico de uma determinada maneira, mas o desenrolar das terminologias freudianas não era tão coerente, nítido, fechado e ostensivamente definido como na versão dos ingleses (ORNSTON JR., 1999a).

Essa “ânsia de coerência”, nos termos de Souza (2010, p. 118), implica e manifesta o ideal do inequívoco desenvolvido no capítulo anterior. Mas como harmonizar uma ânsia por sistematização em uma teoria do inconsciente? Essa ânsia foi algo que Freud (1926/2020, p. 220-221) relacionou ao Eu como organização caracterizada por “[...] um anseio muito curioso por unificação, por síntese”, características que faltam ao *Isso*. No *Isso* “[...] não há conflitos; contradições, opostos continuam coexistindo sem se deixar importunar e muitas vezes se acertam por meio da formação de acordos” (FREUD, 1926/2020, p. 220-221). Uma teoria sobre o *Isso* é capaz de se sustentar estrutural e textualmente por ambiguidades.

O texto inglês da coleção SE. foi sobrecarregado por um teor excessivamente médico-biológico, corpóreo, material, de acordo com a crítica supracitada. As palavras e frases de teor abstrato foram substituídas por termos médicos, anatômicos, superficialmente “biologizados” e “cientifizados” de modo a atribuir ao texto “um tom mais doutoral, mais ‘intelectualizado’” (SOUZA, 1985/1990, p. 156). Para muitos críticos, havia o interesse do grupo envolvido nessa edição em adaptar e encaixar a teoria psicanalítica no novo contexto cultural inglês e nos seus pressupostos científicos. Ou seja, nos moldes de um *status* científico, aceitável conforme o *establishment* médico e científico, inserindo a escrita freudiana nos critérios de uma abordagem pragmático-positivista mais harmonizada à tradição filosófica inglesa, tornando a Psicanálise palatável (BETTELHEIM, 1982/1990; CARONE, 1985/1990; SOUZA, 1985/1990, 2010).

Para muitos autores, os elementos das traduções inglesas criticáveis (apresentados acima) não foram frutos de erros, falhas ou desatenção de James Strachey, mas são frutos dos interesses, preferências e intenções. Para Bracco (2012, p. 239), a padronização excessiva da SE. é fruto de um viés acadêmico do inglês, o que, apesar de ser “compreensível nas circunstâncias de sua época”, também “não autoriza que suas escolhas sejam sacramentadas como padrões imutáveis”. Strachey raramente trouxe a “agudeza de espírito” da escrita freudiana, seu “humor irônico”, a ambiguidade do texto, as riquezas literárias, anulando-as em função de uma suposta clareza conceitual e de uma linguagem que mais se adequasse ao

cientificismo positivista do campo médico-científico (BRACCO, 2012; BETTELHEIM, 1982/1990; CORSI, 2020).

As transformações provocadas na SE. também são frutos da concepção de que o científico e o literário são opostos e excludentes, gerando dicotomia entre Freud escritor/cientista. Junker (1999, p. 83) até se indagou: “será que há mesmo menos poesia no inglês cotidiano que no alemão?”. Para Bracco (2011b), Laplanche, Cotet e Bourguignon (1989/1992), receber o Prêmio Goethe de Frankfurt, que leva o nome do escritor alemão mais reverenciado em sua época, foi marcante na reputação do psicanalista. Isso aguçou os que negavam a cientificidade do seu trabalho e ele próprio estava cênscio de que receber o prêmio poderia aumentar a resistência que seus contemporâneos tinham à sua teoria, que já era grande¹⁹, segundo os autores supracitados.

No entanto, o propósito dessa homenagem não era nomeá-lo como autor literário e desmerecê-lo como pesquisador, segundo tais autores. Inclusive, o prêmio já consagrou físicos e químicos, entre outros. O Prêmio reconhecia sua forma de pesquisa e escrita, bem como o seu método advindo das ciências da natureza, que mescla e se mistura com o poético e o literário, os quais abriram as possibilidades de estudo da alma (*seele*) e da cultura, ultrapassando os limites da área médica. Sua teoria revolucionou os modos de fazer pesquisa em diferentes campos e as formas de compreender o humano, os povos, as formas de cura. Com esse Prêmio, Freud é enaltecido como escritor e como criador da Psicanálise, ainda de acordo com os autores supracitados (BRACCO, 2011b; LAPLANCHE; COTET; BOURGUIGNON, 1989/1992).

Ainda que a função de pesquisador prevaleça em seus objetivos, em 1964 a Academia Alemã de Língua e Poesia criou o *Prêmio Sigmund Freud para a prosa científica* em sua memória²⁰ com a proposta de promover e estimular esse gênero textual ainda novo em seu tempo: a prosa científica, simultaneamente literária e científica. Elaborado com tanta maestria por Freud, era um estilo pouco desenvolvido na Alemanha de seu tempo (LAPLANCHE, COTET; BOURGUIGNON, 1989/1992).

Em concordância com Arrojo (1992b), considera-se que tanto o cientista quanto o artista trabalham com o mesmo material, sendo ele a linguagem e não a essência das coisas. Mas, para

¹⁹No ensaio *O paradigma estético de Freud*, Ernani Chaves (2015) chama a atenção para o fato de que os escritos sobre literatura, arte e artistas englobam uma parte significativa da obra freudiana, mas depois de 1930, ano desse Prêmio, ele parou de escrever especificamente sobre tais assuntos. Seria uma forma de se defender contra as críticas e realçar sua teoria como ciência?

²⁰O primeiro premiado foi Hugo Friedrich, por sua combinação de pesquisa rigorosa e prosa exemplar. Para ver mais sobre o Prêmio Sigmund Freud da *Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung*: <https://www.deutscheakademie.de/de/auszeichnungen/sigmund-freud-preis>

D'agord, Lang e Triska (2020), enquanto a ciência acredita precisar utilizar-se da linguagem como mediação entre o cientista e o mundo, a literatura já sabe que se constitui pela linguagem, tendo nela todo o seu mundo. Prose (2008, p. 27) escreveu: “[...] as palavras são a matéria-prima com que a literatura é construída”. O mesmo poderia ser dito da Psicanálise. Ambas sabem que se constituem fundamentalmente pela palavra, pela linguagem enquanto fundadora, constituinte, enquanto criadora.

“A arte é a coisa mais próxima da vida”. Essa frase, escrita por George Eliot em *The Natural History of German Life*, é retomada por James Wood (2017) e lhe serve de título. É através da criação artística literária que o ser humano mais se aproxima da “vida”. É um meio de bordear o impossível da vida, de dar lugar ao indizível, ao que não tem lugar, de dar contorno aos modos de ser e de compreender a vida ou, ainda, de criar novos modos de ser, de sofrer, de sobreviver. A escrita detalhada capta o que há de íntimo, de banal, valorizando o despercebido e dando forma ao invisível (WOOD, 2017). Nesse sentido, o literário de Freud, seus detalhes, captados, ouvidos e elaborados textualmente, produzem formas de enxergar o mundo e o humano que têm efeitos clínicos e sociais.

A estética literária não diminui o valor de realidade, ao contrário, inscreve realidades. A dicotomia entre ficção e ciência é desconstruível. Arrojo e Rajagopalan (1992a) criticam a oposição entre o significado poético e o semântico, defendendo que essa divisão é mais uma concepção sociocultural preestabelecida do que uma característica natural da própria linguagem e do texto, como se estes fossem independentes do sujeito e da leitura. Contemporâneos do psicanalista também a problematizaram. Afinal, é possível considerá-lo enquanto escritor sem diminuir a cientificidade da teoria.

A dualidade entre científico e literário se manifesta nas discussões de Walter Schönau e Walter Muschg, como apresentada por Souza (2010). Para Schönau, o psicanalista deve ser considerado cientista e não escritor pela sua intenção de cientista. Apesar de exaltar seus dotes literários, difere a prosa científica da artística a partir das suas intenções de transmissão de conhecimento. Mesmo se a escrita científica envolver esteticamente o leitor, isso não acontece em prol da razão. Por isso, não se devem confundir os textos de Freud como peças literárias: “Beleza, sim, mas não à custa de sobriedade e clareza” (SOUZA, 2010, p. 35). Já Muschg acentua o caráter literário e o coloca como mestre da escrita. Uma divisão que atravessa todas as suas traduções, que irão compreendê-lo como um ou outro, ou tentarão abarcar a complexidade da posição dupla.

Laplanche, Cotet e Bourguignon (1989/1992, p. 46) defendem que, se em Freud coabitam o artista escritor potente e o cientista pesquisador, é esse último que triunfa hierarquicamente: “[...] Sim, Freud é evidentemente um escritor, mas um escritor a serviço exclusivo de um pensador, o único autônomo”. No entanto, um mesmo texto pode carregar os dois aspectos sem se anular, sustentando a simultaneidade imaginativa e reflexiva, distinguir e distanciar a retórica e a ciência é “[...] uma enorme simplificação dos fatores envolvidos na linguagem” (SOUZA, 2010, p. 36). Freud prosador e Freud pensador são indissociáveis.

Moraes (2011) marca dificuldades nas traduções que se propõem a traduzir o teórico do inconsciente de modo “literal”, propondo-se a versar o que o autor quis dizer com uma suposta precisão totalizante. Tanto é impossível as palavras se submeterem e equivalerem entre si em totalidade, como é necessário considerar os usos que Freud faz da própria língua alemã. Ele toma a língua como objeto, produz modulações, ritmo nas frases. Como seria possível traduzir de modo supostamente literal os jogos de palavras feitos por esse escritor minucioso, por exemplo? Como se poderia fazer uma adaptação literal da estrutura das palavras, mantendo até mesmo a sua ordem em uma frase, quando o ritmo da estrutura vale para o idioma de partida, mas não para o de chegada?

Se sua teoria estava também pautada no universo científico mais próximo do positivismo e considerava a Psicanálise como uma ciência natural, também desenvolvia sobre a poetização da vida, sobre o íntimo das artes e das humanidades, modulando seus artigos, livros e ensaios com uma multiplicidade de estilos que dialogasse com o conteúdo. Uma escrita delicada, com marcante teor literário, servia ao seu propósito de construir conhecimento e produzir ciência. Para Fulgêncio, (2015, p. 11), Freud produziu uma “ficção teórica”.

Para Patrick Mahony (1999), essa linguagem psicanalítica partia do teor figurativo, muito mais do que literal por ser a forma com que o autor poderia desenvolver sobre os processos inconscientes. Escalante (2013) aproxima o texto psicanalítico ao campo do literário pois ambos se valem da equívocidade e da ambiguidade para produzir efeitos no sujeito. A familiaridade, a coloquialidade, o literário que há nos termos freudianos em nada diminui a destacável versatilidade e erudição da escrita, mas fortalece-a (TAVARES, 2011).

Afinal, a Psicanálise é também sobre elementos vividos por todos dentro da cultura, é sobre o cotidiano, objeto e fonte de conhecimento da teoria, como se pode observar na frase: “Mas, na Psicanálise, amamos ficar em contato com o modo de pensar popular e preferimos tornar os seus conceitos cientificamente úteis, em vez de descartá-los”, de modo que seja entendida pelos pacientes “[...] que muitas vezes são muito inteligentes, mas nem sempre são

eruditos” (FREUD, 1926/2020, p. 311). Quando o analista Freud escuta os pacientes em associação livre, atribui um lugar privilegiado à linguagem cotidiana e às conotações secundárias, ao que é considerado marginal em um texto ou da fala, como os atos falhos (BETTELHEIM, 1982/1990; SOUZA, 2010). Para Kehl (2018), se o estilo revela muito sobre o escritor, em Freud o seu estilo coloquial revela a sua ética, conduzindo os leitores junto ao seu próprio processo de investigação.

Conforme as críticas de Bettelheim (1990/1982), Corsi (2020), Ornston Jr. (1999b), Tavares (2012a) e Souza (2010), frequentemente Strachey preencheu as lacunas deixadas por Freud, omitiu trocadilhos, o humor e as ironias que tinham função no texto de fazer com que o leitor preenchesse e concluísse o raciocínio. O texto inglês não transmitia seu espírito sagaz. Ao tampar, omitir ou reduzir essa carga, fazendo com que o texto ponha o pensamento diretamente, obstaculiza-se o raciocínio do leitor por si, enfraquecendo a “livre associação” e os “pensamentos espontâneos” (*Einfälle*) do leitor, enfraquecendo aspectos textuais que são fundantes da teoria, são suas raízes epistemológicas. Se um artigo teórico visa informações, a adaptação tradutória de um texto psicanalítico deve transmitir algo a mais que informação, deve primar “o efeito de irrupção desse sujeito” (ESCALANTE, 2013, p. 19).

A tradução é uma problemática complexa. Cattaneo e Bornhauser (2019) supõem que o “erro” da geração de freudianos entre 1930-1950, incluindo os tradutores, deu-se no distanciamento da problemática da tradução de modo a pretender uma integralidade, homogeneidade e universalidade dos conceitos, visando “protegê-los” de más interpretações. Buscaram defender-se contra possíveis rejeições advindas de mal-entendidos, enganos ou interpretações errôneas da Psicanálise, diante do pressuposto com o qual dialogavam.

Os elementos textuais não são aspectos superficiais, são questões importantes no que concerne às implicações teóricas, clínicas, éticas, sociais e políticas da teoria psicanalítica. Os modos de versar a teoria implicam diferentes modos de compreendê-la, implicando, também, as formas de compreender a sociedade, o sujeito, as psicopatologias e os tratamentos de cura advindos da leitura psicanalítica. Por exemplo, versar a obra freudiana em termos do universo das Ciências Humanas ou das Ciências Biológicas direciona para formas de compreender o sujeito, a ciência e, também, para posturas clínicas distintas (BETTELHEIM, 1982/1990).

Há algo de poético na estrutura da teoria do autor de *A Interpretação dos Sonhos* (1990). Por “arte” pode-se entender tanto a produção artística final, como a estrutura do processo de criação. Há algo que a arte e os artistas captam e que move sua lógica, um modo de estrutura de que a ciência se afasta ou mesmo rejeita. Isso foi captado por Freud na elaboração de sua

teoria, visto que desde os *Estudos sobre a histeria* escrito com Josef Breuer, ele impressionou-se com o caráter narrativo dos casos clínicos: “[...] a mim mesmo ainda impressiona singularmente que as histórias clínicas que escrevo possam ser lidas como novelas e, por assim dizer, careçam do cunho austero da cientificidade” (FREUD, 1893/2016, p. 121).

Escrever por uma linguagem usual e com o teor literário não era somente uma preferência pessoal, mas lhe parecia como uma exigência teórica, um modo de expor minuciosamente os processos psíquicos de modo a transmitir e dialogar com o leitor. Esses são os alicerces pelos quais a Psicanálise foi construída.

4.3. Implicações teóricas

Edson Corsi (2019, 2020) discutiu possíveis consequências na clínica psicanalítica a partir da escolha de um tradutor ou outro, considerando seus respectivos posicionamentos, vertentes conceituais e as perspectivas técnicas afloradas na edição. Essas direcionam o leitor pela teoria e implicam em diferentes modos de intervir e escutar. Para ele, o leitor-analista pode ter a clínica orientada pelo tradutor escolhido, identificando-se com ele ao supor estar se identificando com o próprio autor (CORSI, 2019, 2020).

O conjunto de questões a partir dos modos de transladar a obra freudiana produziu alterações e perdas de sentido diante da complexidade psicanalítica, substituída por uma teoria mais mecanicista, erudita e padronizada. Bettelheim (1982/1990) defendeu que ler os escritos freudianos em alemão direcionava o leitor e os psicanalistas a uma postura de interioridade e autorreflexão, como um convite a olhar para si e questionar sobre o próprio inconsciente, os próprios sonhos e desejos, em uma postura de implicação. No entanto, ler em inglês direcionava a uma postura/atitude exageradamente científica e distante do humano e do inconsciente (BETTELHEIM, 1982/1990)²¹.

Um exemplo é a distinção entre “Eu” e “Ego”, o contraste entre um termo que direciona o leitor a olhar para si mesmo, introspectivamente, e a um termo mecanizado, alheio, intelectualizado. Tais palavras possuem uma reação e uma associação distintas, em que a primeira é mais íntima e a segunda precisa de uma explicação *a posteriori* (BETTELHEIM, 1982/1990). O “Eu”, aprendido na infância, tem conotação íntima em qualquer língua falada. Marca uma mudança de postura da criança na linguagem, agora capaz de dizer “eu sou...”, “eu

²¹Algo criticável em Bettelheim (1982/1990) é o fato de defender um “verdadeiro” Freud em oposição a um “Freud inglês falseado”. Ler seu livro soa como se todos os leitores ingleses e todos os alemães tivessem, coletivamente, uma mesma compreensão.

quero...”. Também o “Isso”, impessoal, produz associação direta com o cotidiano, manifesta-se em frases ditas no cotidiano (FREUD, 1926/2020).

Essa distinção recorrente entre uma linguagem íntima/próxima e outra neutra/distante remete à Psicanálise e sua clínica como se se referisse sempre a outro a ser observado, estudado e analisado, que não produz associações e não desperta produções de sentido no leitor em um primeiro momento (SOUZA, 2010). Para Tavares (2008), escolhas como dar uma nomenclatura específica e científica ao vulgar/cotidiano, desimplicando e produzindo um distanciamento entre o observador e o seu objeto observado, tentando garantir a suposta neutralidade entre ambos, são aspectos mais comuns em disciplinas como a biologia e a medicina.

No entanto, optar por estrangeirismos para tratar de assuntos como sexualidade, morte, padecimento físico e psíquico acaba sendo, de certo modo, uma posição tranquilizadora para o observador, pois o desimplica do seu objeto, em uma postura idealizadamente neutra e distante. Isso não condiz com a leitura psicanalítica, a qual não tenta esconder o mal-estar a qualquer custo: é a partir dele que se inicia o seu trabalho (TAVARES, 2008).

Lacan (1953/1998) chamou a atenção para a influência norte-americana que recai sobre a Psicanálise, tendo essa cultura uma base muito sustentada no behaviorismo. Essa leitura seria maior até mesmo do que a influência freudiana:

“[...] evidencia-se de maneira incontestável que a concepção da psicanálise pendeu ali para a adaptação do indivíduo ao meio social, para a busca dos *patterns* de conduta e para toda a objetivação implicada na noção de *human relations*, e é realmente uma posição de exclusão privilegiada com respeito ao objeto humano que se indica na expressão, nascida lá mesmo, *human engineering*” (LACAN, 1953/1998, p. 246-247).

O retorno a Freud de Lacan é resposta crítica aos afastamentos dos psicanalistas das formulações freudianas, do texto propriamente dito. Muitos psicanalistas passaram a regular a formação psicanalítica de forma autoritária, por um formalismo enganador, por uma técnica com um formalismo tão cerimonial que pareceria com a neurose obsessiva. Após anos decorridos, formou-se uma “aversão do interesse pelas funções da fala e pelo campo da linguagem”, a qual levou às “mudanças de objetivo e de técnica” (LACAN, 1953/1998, p. 243).

Para Mahony (1999, p. 72), as mudanças de Strachey foram tamanhas que tornou fundamental saber diferenciar não apenas “como ler Freud, mas também como ler Strachey”, marcando a divisão entre dois textos distintos. Junker (1999) concorda que compreender um é diferente de compreender o outro. O debate sobre a problemática da padronização

terminológica produzida pela SE. remete à discussão da tradutora Cassin (2022) sobre línguas artificialmente criadas para simplificar um idioma em sua comunicação²².

Para a autora, deve-se escolher se é interessante uma língua única, uma criação artificial e generalizada, ou se se quer a densidade das línguas, dos discursos, dos textos: “ou acreditamos na gramática universal ou acreditamos na literatura” (CASSIN, 2022, p. 14). Quando Cassin (2022) critica o modo como uma linguagem única produz um pensamento único, isso faz repensar se uma terminologia padronizada e fixa permitiria a expansão das ideias dos leitores.

O mesmo pode ser questionado sobre a adaptação tradutória da escrita freudiana: a opção pela linguagem artificialmente provocada pela suposta pretensão de uma língua falada por todos, como parece ter sido o caso das escolhas gregas e latinas de Strachey, que produziu conceitos que não são falados por ninguém e para ninguém no cotidiano e na clínica, exceto por aqueles já introduzidos na teoria. Almeja-se a construção de uma linguagem única pretensamente universal que remete a um sentido único, a um aprendizado único, propositalmente dificultado ou propositalmente simplificado por excesso, que produz denominadores comuns de modo a não pensar por si? Ou se acolhe a vastidão dos termos e sentidos, as variâncias das línguas e dos idiomas, inclusive nos equívocos?

Mezan (2014, p. 21) supõe que o estudante de Psicanálise pode se inquietar com a multiplicidade de “línguas” existentes na teoria, entre os termos e conceitos por vezes excludentes entre si. O estudante exclamaria: “Os psicanalistas não falam a mesma língua!”, algo que dificulta a formação de um quadro coerente sobre a teoria psicanalítica. Mas, ao invés de pretender anular as diferenças e tentar forçar um “denominador comum” para sanar a angústia da falta de uniformidade, anulando com isso todos os múltiplos atravessamentos da história e empobrecendo a teoria, pode-se tomar outra postura. Pode-se dar um lugar aos percursos que aconteceram e acontecem na história da Psicanálise, embarcando nos contextos como fundamentais na construção da teoria (MEZAN, 2014).

O mesmo pode ser pensado sobre as traduções e os idiomas: o tradutor pode decidir dar lugar à multiplicidade das línguas, ao que é impossível de ser equiparado em exatidão, ao que exige ser constantemente retraduzido, aos “intraduzíveis”, ou seja, àquilo que não cessa de não ser traduzido e é passível de ser re-traduzido, sempre mais uma vez (CASSIN, 2022).

²²Em referência ao *globish* e ao esperanto. *Globish* é junção de *global* e *english* e o esperanto é uma língua artificial criada por Ludwig Zamenhof em meados de 1887. Ambas as criações objetivam uma língua de comunicação internacional, com uma gramática simples e reduzida ao dialeto, sendo a primeira vinda do inglês e falada por aqueles que não o tem como língua materna e a segunda fabricada ao modo indo-europeu (CASSIN, 2022).

5. TRADUÇÃO E TRADIÇÃO

O título deste capítulo faz alusão ao artigo de Marilene Carone nomeado de *Freud em português: tradução e tradição*²³. Aqui, desenvolve-se sobre como a coleção *Standard Edition* estabeleceu um padrão na terminologia freudiana em nível internacional, uniforme e dominante, aceita e expandida pela comunidade psicanalítica. O Freud da versão inglesa, tamanha sua influência, substituiu o Freud alemão (BRACCO, 2011A; HANNS, 2013; SOUZA, 2010). Porém, posteriormente, a predominância da língua inglesa foi abalada pela influência lacaniana. Tomo essa dualidade de tradições como ponto de partida para toda a pesquisa.

5.1. A tradição inglesa: Standard Edition

Ernest Jones²⁴ teve o ambicioso projeto de elaborar as “Obras Completas” de Sigmund Freud. Projetou traduzir a *Gesammelte Schrifte* (a coleção alemã de Escritos Reunidos) para o inglês sob a responsabilidade do tradutor James Strachey, que se dedicou de forma veemente ao ofício sob sua orientação e outras colaborações fundamentais²⁵. O projeto resultou na *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, publicada entre 1955 e 1974 na Inglaterra.

Se Strachey é considerado por muitos como “o primeiro grande tradutor de Freud”, não foi o primeiro propriamente dito. Na década de 1910, Abraham A. Brill, austro-húngaro que emigrou para os Estados Unidos da América, analisado pelo próprio pai da Psicanálise, traduziu os textos com autorização do autor a fim de divulgá-lo em língua inglesa. No entanto, “o resultado foi desastroso” por não dominar o inglês e por pretender “adaptar a doutrina vienense ao espírito americano” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 95). Também, haviam as traduções de Joan Riviere²⁶ desde a década de 1920, considerada por Freud como “sua melhor tradutora, pois era sensível e criativa” (HAUDENSCHILD, 2017, p. 253).

Até o início da década de 1950, as traduções estavam dispersas entre editoras e tradutores, heterogêneas, sem diálogo e sem concordância entre si. Possivelmente, fruto do fato

²³ Publicado na Folha de S. Paulo em 23 de janeiro de 1987.

²⁴ Ernest Jones era neuropsiquiatra e psicanalista originário do Reino Unido. Amigo íntimo e biógrafo oficial de Sigmund Freud, lançou os volumes de *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Tinha um grande reconhecimento entre a comunidade psicanalítica e foi presidente da Associação Psicanalítica Internacional.

²⁵ Alix Strachey ocupou lugar fundamental na organização e conclusão da tradução, junto ao seu marido. No entanto, pouco se revela sobre quais foram contribuições propriamente ditas, quais os seus posicionamentos e influência. Anna Freud também contribuiu na organização de *Gesammelten Werke*.

²⁶ A leitura de Haudenschild (2017) nos indica uma tradução do alemão para o inglês produzida por Joan Riviere, que compreendia o traduzir enquanto arte. Essa possuía participava ativamente das discussões psicanalíticas, participou do Comitê do Glossário de termos psicanalíticos junto com E. Jones, James e Alix Strachey, Freud e sua filha Anna, segundo o texto. O interesse pelas traduções de Riviere fica, por ora, reservado às pesquisas futuras.

de Freud conceder os direitos autorais a quem os solicitasse, pelo interesse na divulgação da sua nova teoria (SOUZA, 2010). Essas versões realizadas antes da Primeira Guerra Mundial eram “mediócras” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 732). Essas até recebiam críticas, mas ainda não havia uma forte discussão sobre as traduções freudianas.

Além disso, com o autor ainda vivo e publicando, era impossível ter uma “visão geral” dos escritos freudianos ainda em desenvolvimento, impossibilitando uma uniformidade rígida entre os textos (SOUZA, 2010). Tavares (2011) compreende que uma organização de Obras Completas de um autor intensamente ativo, como Freud era, só poderia ser feita em caráter póstumo. Essa iniciativa veio tão logo após o seu falecimento, mais exatamente cinco dias depois. Em setembro de 1939, o projeto de Jones recebeu o financiamento das sociedades psicanalíticas americanas e da princesa francesa Marie Bonaparte e logo convidou Strachey para publicar a tradução em Londres, ainda segundo o autor²⁷.

A primeira grande organização dos escritos freudianos em *Obras Completas*, em uma totalidade cronológica e unificada, prefaciada e comentada, se estabeleceu pela língua do tradutor e não do autor, em território inglês (ROUDINESCO; PLON, 1998; TAVARES, 2011). Esse fator marca como a teoria freudiana se difundiu atravessada pelo estrangeiro, sendo desde já “falado” por Strachey e Jones, os quais assumiram o lugar de dizer aos leitores o que Freud “quis dizer” nos textos originais.

O financiamento veio tanto do interesse inglês quanto do interesse francês, marcando um ponto de tensão entre ambas as culturas. A herança intelectual e textual de Sigmund Freud foi alvo de disputa e de interesse mesmo durante sua vida, entre autores que almejavam assumir o poder de ditar sua intencionalidade. Também nas suas traduções houve o interesse tanto da Inglaterra de Jones quanto da França de M. Bonaparte em se apropriar da obra freudiana. No entanto, ainda que os franceses reivindicassem para si uma certa liderança na política do freudismo, encontraram obstáculos pela falta de unidade nas traduções francesas e pelo contexto sociopolítico da guerra vigente (TAVARES, 2011).

Nessa disputa europeia, a Inglaterra é a princípio a “vencedora”. Assume esse legado textual, os seus pertences do psicanalista (o divã, a biblioteca, a coleção de estatuetas e afins), a sua herança intelectual e material. O centro do freudismo passa da Áustria-Alemanha para a Inglaterra, que se torna a fortaleza do freudismo na Europa. O contexto da Segunda Guerra

²⁷ A princesa Marie Bonaparte era amiga, ex-paciente e aluna apaixonada pela Psicanálise freudiana. Também traduziu alguns títulos do psicanalista pela Éditions Gallimard em 1940.

Mundial (1939-1945) foi fundamental para essa consolidação, devido ao exílio de diversos psicanalistas, cientistas e artistas judeus para seu território. As violentas perseguições fascistas do nazismo forçaram emigrações e exílios de psicanalistas alemães e judeus refugiados para o território da América ou da Europa, conforme Roudinesco, Plon (1998) e Tavares (2011).

A Inglaterra foi o território que recebeu diversos refugiados e, entre eles, a família Freud e o próprio Sigmund já idoso. O território de Londres foi fundamental para a sobrevivência tanto da Psicanálise quanto dele próprio, refugiado em Londres (TAVARES, 2011). A Psicanálise foi alvo direto de perseguições violentas, seus livros foram queimados em fogueiras nazistas (nas *bücherverbrennung*) e houve destruição às iniciativas editoriais germanófonas psicanalíticas entre 1933 e 1939 (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 761; SOUZA, 2010).

Para Mezan (2014, p. 23), a Psicanálise foi “massacrada em seu solo natal pelo nazismo”, quase desaparecendo no cenário das línguas alemãs. Retornou somente em meados de 1960, com ressalvas, visto que não foi resgatada por seus conterrâneos, pois o pai da Psicanálise tinha sido desmoralizado em sua terra. Isso estabeleceu um contexto que explica o fato de a GW, a maior coleção dos textos freudianos em alemão, ter sido primeiramente editada na Inglaterra e, somente no pós-guerra, ter sido publicada em países de língua alemã (ROUDINESCO; PLON, 1998; TAVARES, 2011).

Diante do cenário de destruição, foi urgente a iniciativa de preservar o acervo freudiano. Assim, fundou-se a *Imago Publishing Company* em Londres, garantindo a sobrevivência dos escritos da edição GW entre 1940 e 1952 (BRACCO, 2011a). Nesse momento, organizar e sistematizar sua obra foi um trabalho decisivo para a preservação, a propagação e o estabelecimento da Psicanálise como ciência, a fim de ser lida, estudada e dialogada enquanto teoria (ROUDINESCO; PLON, 1998; SOUZA, 2010).

A organização qualificada e cuidadosa da SE. propagou a teoria freudiana no idioma mais lido do mundo, fazendo-o ser reconhecido como o seu criador almejava. O interesse pela difusão da teoria era tão caro a Freud, que pode ser um dos motivos para ele ter relevado muitas insatisfações diante das decisões terminológicas dos britânicos, as quais deixaram rastros em diferentes textos e cartas. O psicanalista vienense também manifestou desconfiança diante da cultura inglesa norte-americana e “às coisas americanas” em relação à compreensão de sua teoria, e temia a banalização e superficialidade da leitura norte-americana diante da Psicanálise (BETTELHEIM, 1982/1990; SOUZA, 1985/1990).

No entanto, há ônus e bônus da influência da língua inglesa, seja na Inglaterra ou na América. Afinal, se a leitura dessa cultura foi responsável por uma grande banalização da sua

teoria, também foi nessa língua que ela se popularizou e se difundiu (TAVARES, 2011). Nesse contexto histórico e político da guerra, com a ascensão e a consolidação da SE, com os EUA tornando-se potência econômica, industrial e militar ao fim da guerra, potencializando o inglês como língua predominante mundialmente, o alemão deixa de ser a língua predominante no campo psicanalítico, e o inglês assume o lugar (MEZAN, 2014; BRACCO, 2011a).

Com a ajuda de M. Bonaparte, Freud, já idoso, não teve o destino inevitável de suas irmãs, os campos de concentração. O sobrenome e o título de Bonaparte, além da sua robusta herança, contribuíram para a grande influência política que exerceu, além do que as sociedades psicanalíticas atingiam nesse momento decisivo. Ainda que a princesa inegavelmente preferisse acolhê-lo em seu país, Londres foi a escolha final por parecer mais segura. Sábia decisão, visto que a ocupação francesa do movimento nazista viria pouco depois (TAVARES, 2011). Esse fator seria utilizado como disputa sobre onde e quem assumiria a autoridade sobre a herança intelectual freudiana: quem o acolheu ou quem financiou seu refúgio?

O tradutor britânico foi escolhido criteriosamente para assumir o desafio desse projeto. Advindo de uma família com boa reputação na elite intelectual do seu tempo, já era reconhecido socialmente como um bom tradutor. Foi elogiado e apreciado pelo próprio Freud, o qual manifestou em diferentes cartas sua admiração pelo trabalho tradutório do britânico, alguns a seu próprio convite (BRACCO, 2012). Desde antes desse tempo, Strachey já tinha uma certa reputação. Inclusive, os irmãos Strachey (James e Lytton) foram integrantes do Grupo de Bloomsbury, composto por artistas, filósofos e escritores ingleses de forte influência na literatura mundial²⁸ (CORSI, 2020; SOUZA, 2010).

Não se pode atribuir uma definição muito rígida às nuances estético-conceituais desse grupo, mas ele possuía uma visão de mundo baseada na “primazia do amor, da criação, do fruir da contemplação estética e da busca pelo conhecimento de forma geral, enquanto pilares do pensar e da forma de viver”. Esse aspecto já manifesta o quanto o britânico interessava-se pela filosofia, literatura, pela música, pelas artes, destoando da coleção que anulou qualquer aspecto literário da escrita freudiana (CORSI, 2020, p. 43).

Situar esses contextos possibilita ponderar sobre como as decisões de tradução da SE não eram exclusivamente de Strachey, embora seja difundido com elogios o fato de essa ser o trabalho de um único homem. Ele não estava sozinho nessa empreitada, Jones assumia uma

²⁸ O Grupo de Bloomsbury iniciou com pequenas reuniões em 1905, entre amigos da Universidade de Cambridge. Conquistou grande influência no decorrer do século, a ponto de se tornar uma expressão, o “espírito” de um tempo. Era composto por Virginia e Leonard Woolf, E. M. Forster, entre outros (CORSI, 2020).

posição de influência nas decisões tradutórias finais, em muitos casos a sua palavra estava acima das oposições de Strachey²⁹. Para Carone (1985/1990), Strachey era o intérprete destinado a executar a vontade e a política da Sociedade Internacional de Psicanálise, representada principalmente por Jones³⁰.

Strachey trabalhou cuidadosamente na edição. Reuniu, organizou e revisou os textos e as traduções freudianas inglesas disponíveis até então. O britânico traduziu as notas de rodapé, as introduções e os textos inéditos e escreveu as próprias notas introdutórias e explicativas, as famosas e replicadas “Notas do Editor Inglês”, incorporadas até em edições alemãs, retraduzidas até hoje. Elaborou um aparato editorial que foi e ainda é reproduzido na Itália, na França e no Brasil, entre outros países (SOUZA, 2010). A edição alemã *Studienausgabe* incorpora essa produção cuidadosa do tradutor, apresentando aos leitores um aparato contextual que não há na edição *Gesammelten Werke*.

Para Junker (1999), Strachey desempenhou o papel de tradutor, editor e comentarista de Freud. Criou e manteve uma padronização e homogeneidade terminológica e estilística coerente e harmônica ao longo de todas as traduções. Ser uma ou duas pessoas tomando a decisão final garante a excelência na homogeneidade específica que até hoje não foi reproduzida em outra edição. Dessa maneira, organizou os textos em obras completas atribuindo um senso de unidade inexistente até então (JUNKER, 1999; ORNSTON JR., 1999b; SOUZA, 2010).

Para Ornston Jr. (1999b), Strachey elaborou um trabalho qualificado e corajoso ao assumir um empreendimento diante de um cenário desconhecido e desordenado, organizando de modo harmônico. Como não havia uma boa edição para servir de base, aos pioneiros a saída possível era a experimentação. Tamanha qualidade, transmitia a sensação de ser mais confiável do que o texto alemão, aspecto concordado e reforçado por Jones e Anna Freud, de acordo com o autor. Com frequência, seu texto parecia “[...] mais fácil de entender que o original” e seria mais “didático”, nas palavras de Junker (1999, p. 74).

A soma desses diversos aspectos proporcionou à SE. se tornar a mais influente e a mais lida obra freudiana na cultura ocidental, tornando-se canônica, preferida até mesmo diante da coleção alemã. Participou e ainda participa da formação de diversas gerações de psicanalistas,

²⁹ Ornston Jr. (1999a) lamenta que o casal Strachey tenham ocultado as suas discordâncias sobre as alternativas de tradução, sem explicitá-las. Compartilho aqui de tal lamento.

³⁰ Tavares (2011b) e Souza (2020) citam a busca de Strachey por Jones sobre qual caminho trilhar para tornar-se analista, recebendo a sugestão de adentrar no curso de Medicina. Indicar uma formação médico-acadêmica como ponto de entrada para uma formação psicanalítica marca como Jones compreendia-a atravessada pela medicina.

amplamente utilizada como referência bibliográfica em incontáveis produções teóricas, formando também a visão do freudismo (SOUZA, 2010; TAVARES, 2011).

Até mesmo os críticos mais ferrenhos de Strachey não deixam de reconhecer sua importância para a história da Psicanálise, na divulgação e difusão da teoria através do trabalho exclusivo dos britânicos. Ornston Jr. (1999b) destaca que sua influência era tamanha que, mesmo se surgisse uma tradução alternativa tão ou mais próxima ao texto alemão, ainda assim dificilmente seria melhor do que a edição organizada e coerente de Strachey. Também, era frequente que periódicos de língua inglesa citassem Strachey como se fosse o autor das formulações freudianas, parafrazeando o autor supracitado.

Como efeito dessa soma de fatores, houve por décadas uma unanimidade inquestionável sobre a excelência da edição entre a comunidade psicanalítica diante da “quase sagrada versão inglesa” (CARONE, 1985/1990, p. 160). Esse cenário rompeu-se tendo o livro de Bettelheim (1982/1990) como importante fagulha. Originário de Viena, esse autor emigrou para os Estados Unidos da América estranhou a literatura freudiana nessa nova cultura.

O vienense questionou o silêncio e a hesitação³¹ ante as insatisfações diante da versão inglesa, pois havia alemães e austríacos incomodados com as divergências da tradução e com as estranhezas provocadas ao estudar as coleções em ambos os idiomas. Para ele, a hesitação em tecer críticas denuncia o quanto os envolvidos na edição estavam protegidos de críticas pela familiaridade e intimidade com Freud, poderia soar como se fosse crítica ao mestre (BETTELHEIM, 1982/1990).

Tal hesitação perdurou por décadas, reservando-se a uma postura íntima e particular de alterar a leitura-padrão em um processo de substituição ou a fazer as próprias traduções independentes em seus respectivos ambientes. Segundo Souza (2010), poucos publicavam de fato sobre o tema e, quando o faziam, também pouco era lido, sem força ou visibilidade. Assim o foi com o pioneiro crítico Lewis Brandt (1961)³². Mas foi a publicação de Bettelheim que produziu uma enxurrada de críticas, a ponto de Souza (2010) comparar à ruptura de um dique holandês, pois “[...] desencadeou um dilúvio de objeções a Strachey (ou, no mínimo, fez um

³¹É interessante evidenciar o ano da publicação de Bettelheim: em 1982. Ou seja, anos após o falecimento de James e Alix Strachey (1967 e 1973 respectivamente), de Ernest Jones (1958) e de Anna Freud (1982). Souza (2010) questiona: estaria ele próprio também em hesitação por décadas?

³²Em *Some notes on english freudian terminology*, publicada no *Journal of the American Psychoanalytic Association* em 1961. Outro exemplo de pioneirismo foi Frank Brull em 1975, *A reconsideration of some translations of Sigmund Freud em Psychotherapy: Theory, Research and Practice*. Muito do que é desenvolvido em *Freud e a Alma Humana* de Bettelheim já estava desenvolvido no artigo Brandt. No entanto, o vienense sequer menciona-o (SOUZA, 2010).

vasto número de interessados acordarem para um problema que não percebiam)” (SOUZA, 2010, p. 85). A partir de então, a SE. recebeu, gradativamente, inúmeras críticas e contestações.

A literatura crítica sobre o tema concorda em que as modificações foram fruto do interesse da coleção, como desenvolvido no capítulo anterior. Diferentes críticos consideram que o pioneiro Strachey “raramente errou em sua tradução”, mas decidiu-se por uma “linha de tradução que não ficou incólume”, nas palavras de Tavares (2011, p. 44). Já para Carone (1985/1990, p. 160), seus erros e “pecados” não foram frutos de incompetência ou desconhecimento de idiomas, mas expressões de sua “orientação ideológica”.

Bracco (2011a, p. 262) realça a necessidade histórica de “fazer a psicanálise ser aceita e reconhecida internacionalmente, em especial junto ao meio médico norte-americano” e Corsi (2020, p. 41), por sua vez, escreve que essa foi “[...] a forma deliberadamente britânica pela qual Strachey leu Freud”. Roudinesco e Plon (1998, p. 733) defenderam que Strachey refletiu na edição seus aspectos e orientações pessoais, sua “fantástica erudição”, uma “paixão” tanto pela língua inglesa quanto pela tradição de Bloomsbury, também atravessado pelas marcas do seu contexto na Segunda Guerra Mundial.

Para tais autores, Strachey apenas teria contribuído para acelerar um “processo irreversível de anglofonização da doutrina freudiana”, sendo, portanto, difícil apontá-lo como “o único responsável” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 733). Cattaneo e Bornhauser (2019) partem da perspectiva de que os deslocamentos presentes na história das traduções freudianas deram-se não somente por erros ou falta de compreensão/má interpretação textual, mas como efeito do desconhecimento (ou desconsideração?) de certa problemática do traduzir.

5.2. O retorno a Freud

Se na América houve Bettelheim, na França houve Jacques Lacan, “o pioneiro desta verdadeira redescoberta de Freud na literalidade de seu texto” (LAPLANCHE, COTET; BOURGUIGNON, 1989/1992, p. 10). Este, que desde cedo foi confrontado com a autoridade institucional de Jones, como destacado por Tavares (2011, p. 44). A partir da década de 1950, as formulações lacanianas produziram um impacto no cenário psicanalítico internacional e assumiram um lugar significativo no século XX, com significativas reviravoltas em seu ato/movimento de retorno aos textos de Freud.

Lacan (1953/1998) remete ao “retorno a Freud” em 1953, mais precisamente em *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* ou *Discurso de Roma*, que se torna o marco inicial desse período. Um discurso que seria uma renovação dos fundamentos de sua disciplina

diante do que considera uma deterioração do discurso analítico, que ela retira da linguagem. Há quem se refira ao psicanalista francês como o “maior leitor/tradutor de Freud” (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014, p. 595). No entanto, Lacan não é um “tradutor” de Freud, embora tenha produzido importantes implicações nas traduções³³.

Correia, Xavier e Lang (2021), em uma leitura desconstrutiva sobre o “retorno a Freud” e em leitura de Ricardo Goldenberg, criticam as leituras clássicas que aproximam a teoria e formulações do francês com as do vienense como se houvesse uma continuidade lógica e/ou uma linearidade evolutiva entre Freud e Lacan. Ou seja, como se fosse um transladar, um verter... ou ainda, como se o retorno lacaniano produzisse uma substituição dos conceitos freudianos por outros equivalentes, mas lacanianos. Nessa leitura, seria possível encontrar o mesmo em Lacan e em Freud, mas reatualizado, dito de uma outra maneira.

Porém, há uma problemática ao considerar o retorno como uma simples depuração dos termos, como um exercício de substituição, ainda conforme os autores supracitados. Ou mesmo como uma “tradução de Freud”, no sentido clássico do termo, em que o mensageiro versa sentidos. O próprio psicanalista francês criticou leituras que se fazem pela equivalência, lendo um outro como se equivalesse a ler Freud. No entanto, outra concepção de leitura compreende que as formulações lacanianas não são substituições versadas de termos freudianos, tampouco uma ampliação (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021 p. 34).

Para Lacan (1966/1998), não se trata de uma regressão às fontes: “[...] vemos, pois, que a palavra de ordem com que nos armamos, do retorno a Freud, nada tem a ver com o retorno às fontes, que, aqui como alhures, poderia significar apenas uma regressão [...]” (LACAN, 1966/1998, p. 368). Pode-se considerar que, em seus *Seminários*, o psicanalista francês produziu uma reformulação conceitual em sua leitura atravessada por outro arsenal teórico.

Em concordância com Correia, Xavier e Lang (2021), a força motriz do trabalho lacaniano está em dizer algo novo, em virar os conceitos freudianos pelo avesso (um “*re-tour*”). O verbo *retourner* (francês) pode ser entendido, em português, tanto no sentido de retornar a algum lugar em que já se esteve anteriormente como de pôr alguma coisa ao avesso, de inverter o senso e/ou fazer mudar de opinião por uma posição inversa. Lacan retorna e volta-se a Freud para pôr ao avesso, para torcer, desmontar e reposicionar. Nessa concepção, não há uma

³³Em relação a Lacan, o termo “leitor” também é “desconstruível”. Ricardo Goldenberg, em *Desler Lacan* (2018), inverte o termo ao propor que o retorno a Freud por Lacan é uma “desleitura” dos fundamentos freudianos. Pelos limites desta pesquisa, não haverá um aprofundamento nessa peculiar inversão.

continuidade linear entre Freud-Lacan, mas “uma ruptura, um corte, uma mudança de galáxia epistemológica” (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021, p. 39).

O retorno a Freud realça a importância de se ler o texto propriamente dito: “[...] para manejar qualquer conceito freudiano, a leitura de Freud não pode ser tida como supérflua [...]” (LACAN, 1953/1998, p. 247). Esse controverso psicanalista revisitou o tema da tradução e dos neologismos³⁴ e criticou a leitura que comumente vinha sendo feita da obra freudiana (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Lacan propôs uma nova leitura da Psicanálise tendo como referência a Linguística Estrutural de Ferdinand de Saussure e a antropologia de Claude Lévi-Strauss, entre outros (ROUDINESCO; PLON, 1998). Nesse longo percurso, também propôs novas possibilidades de terminologia e de sentidos ao longo dos seus seminários, produzindo uma renovação teórica. Foi um “divisor de águas”, estabelecendo a primazia da linguagem e do significante em detrimento da primazia da busca pelo sentido (TAVARES, 2011).

A influência lacaniana foi transformadora na leitura psicanalítica e passou a influenciar as traduções, como a primeira coleção francesa unificada dos escritos freudianos. A partir de 1988, são publicados os primeiros volumes das *Œuvres Complètes*³⁵ por J. Laplanche, A. Bourguignon e P. Cotet³⁶. Entre esses, Laplanche é considerado como a figura centralizadora da ideologia dessa tripla coordenação e torna-se o principal responsável pela “canonização da terminologia freudiana” em território francês (SOUZA, 2010, p. 148; TAVARES, 2011).

A isso se somou a relevância do *Vocabulário da psicanálise* (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988/2001), referência mundial na comunicação psicanalítica quanto ao vocabulário freudiano. Afinal, oferece sugestões de tradução-adaptação para diferentes línguas. Ele teve uma força de “[...] contrabalançar a onipotência da tradução de Strachey” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 761). Dessa forma, o dicionário e a versão francesa de Laplanche não formam apenas mais uma alternativa, mas são fundamentais para os rumos de uma nova leitura sobre Freud.

³⁴Lacan é conhecido por seus neologismos franceses e por modificar a língua a ponto de criar uma escrita *lacaniana* que difere da *freudiana*. Enquanto Freud se expressava por uma linguagem comum, Lacan expressou-se violando o código linguístico (TAVARES, 2008).

³⁵FREUD, S. *Œuvres complètes – Psychanalyse*. Direção de Jean Laplanche, 20 volumes, Paris: Presses Universitaires de France, 1988-2004.

³⁶ Em *Traduzir Freud* (1989/1992), Laplanche, Cotet e Bourguignon desenvolvem sobre as perspectivas e escolhas de tradução. Contam que, na ausência de um “Strachey francês”, ou seja, de uma pessoa que se dedique a traduzir o vienense e tome a maioria das decisões, fortalecendo o caráter homogêneo, os franceses optaram por um “Strachey coletivo”. A equipe ampla contém profissionais de diferentes áreas: além de psicanalistas, especialistas em terminologia, em tradução, editores, germanistas, lexicógrafos e outros.

O movimento de retraduzir Freud, que ocorreu em diferentes países e línguas ao longo das décadas de 1980 e 1990, foi influenciado pelas considerações de Lacan. Nesse movimento, cada país visou formular um “novo Freud” em sua língua, não para substituir Strachey, mas para diferenciá-lo dele e criar versões/traduições renovadas. Assim, os projetos dessas décadas se depararam com duas grandes influências: James Strachey (perspectiva inglesa) e Jacques Lacan (perspectiva francesa).

De acordo com Tavares (2011), o tradutor da obra freudiana irá se deparar com algumas questões: adaptação ou recriação da terminologia? Adaptação ou recriação do estilo? O que deve ser considerado conceito, onde e quando? Quais são as opções de vocabulário no idioma presente? Deve-se embasar no universo filosófico, médico, psicológico...? Manter a precisão de uma terminologia uniforme ou com variância? Adaptação ou recriação entre as línguas e edições em que se baseia: do inglês, do espanhol, do francês? (TAVARES, 2011).

Essas bifurcações não são desinteressadas e por isso geram debates e conflitos na comunidade psicanalítica, são objetos de disputa entre as orientações teóricas. No avançar das novas traduções freudianas ao longo do século XX, o debate fundiu-se com questões de poder institucional, sobre qual dos pós-freudianos e qual língua estaria mais fiel ao mestre. Uma disputa sobre quem determina o que Freud “quis dizer”, que advém desde o dia do falecimento do autor (BETTELHEIM, 1982/1990; SOUZA, 2010; TAVARES, 2012a).

5.3. Versões brasileiras: entre tradições

A partir da discussão produzida até o momento, ponderando sobre duas tradições que embasam as traduções freudianas, urge interrogar-se: como as versões brasileiras de Freud respondem a tais bifurcações e tradições? Lendo *Luto e Melancolia* (1917) nos diferentes volumes (explicitados anteriormente), é possível pincelar os rastros dessa história, pois diferenças em relação a alguns conceitos e as opções terminológicas de ambas as tradições se realçam. Referindo respectivamente ao termo alemão, à tradição inglesa ou à tradição francesa, são eles: *Ich / Es* (Entre Ego/Id ou Eu/Isso), *Seele* (mental, psíquico, anímico), *Trieb* (instinto ou pulsão) e *Besetzung* (catexia ou investimento).

As primeiras traduções brasileiras de Sigmund Freud foram versões indiretas. A *Edição Standard Brasileira* (ESB) não apenas esteve nas sombras da *Standard Edition* (SE.), como é quase uma cópia dessa em português. Possivelmente, a tomou como texto-fonte devido à predominância e influência desta na comunidade psicanalítica. Logo, a princípio, já se pode considerar que a ESB se pauta na tradição inglesa para versar suas terminologias e estilos.

No entanto, para Carone (1985/1990, p. 161), essa não apenas herdou a problemática da inglesa como “é muito, muito pior”. Marilene Carone (1985/1990) e Souza (1985/1990), pioneiros na crítica, denunciaram-na como acrítica, desatenta, apressada, com erros crassos e grosseiros de idiomas. Recheada de equívocos, supressões ou adições de palavras simples que alteravam drasticamente o sentido, produzindo incoerências teóricas e gramaticais injustificáveis. Uma versão que não fez jus nem ao estilo e à padronização de Strachey nem ao de Freud, tampouco estabeleceu um estilo próprio, conforme tais autores.

Carone (1985/1990) questionou o fato de uma edição automeada *standard* (padronização) não manter uma unificação e homogeneidade terminológico-conceitual e/ou estilística próprias, sem coerência e sem critérios explícitos, guiando-se somente pela preferência pessoal do tradutor. Enquanto a uniformização de Strachey era fruto de uma orientação por outros pressupostos, essa era uma reprodução inglesa superficial e artificial. Além disso, a edição brasileira não explicitou ser uma versão indireta nem qual era o texto-fonte utilizado e manteve ao longo de toda a coleção o prefácio elogioso escrito por Anna Freud para o primeiro volume (CARONE, 1985/1990; SOUZA, 1985/1990). No entanto, esse foi o único volume a ser traduzido direto do alemão.

O quadro de comentários produzidos por Carone no seu trabalho em *Luto e melancolia* (*apud* FREUD, 1917/2011) denuncia a quantidade excessiva de erros presentes na ESB. Há erros simples, como *alternation* (inglês, tradução do alemão *abwechslung*) ser transposto para “alteração” em vez de “alternância”. Carone (*apud* FREUD, 1917/2011) até ironiza sobre ser um erro ou um “cochilo de revisão”. Além de erros, denuncia imprecisões e invariâncias terminológicas despropositadas na edição, a exemplo: *instanz* (alemão), versado por Strachey para *agency* (inglês), torna-se ora “instância” ora “agência” ora “agente”, um erro sistemático.

Carone (1985/1990) nota que apenas um termo é repetido em uniformidade ao longo dos volumes da ESB: *insight* ou “compreensão interna”. Este remete ao sentido de compreender algo, captar intelectualmente determinada informação ou fenômeno. Em *Luto e melancolia* (1917/1996), *insight* aparece duas vezes. No entanto, esse único termo padronizado da edição sequer é um conceito definido por Freud (o qual não particularizou o uso do alemão *einsicht*), tampouco padronizado por Strachey (o qual variou entre *comprehension*, *information* e outros sinônimos para *einblick*). Além disso, há a repetição arbitrária e sem propósito das palavras estrangeiras *insight* e *self-love*.

Nesse contexto insatisfatório, os brasileiros buscaram vias alternativas de leitura: recorrer às edições alemãs, às espanholas (como a de Ballesteros y Torres) ou criar as próprias

traduções não oficiais. Grupos e escolas de Psicanálise passaram a circular traduções não oficiais em seu próprio meio. Por exemplo, os trabalhos de Paulo C. de Souza já circulavam em periódicos da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Segundo Modesto Carone (2013), sua esposa³⁷ pretendia publicar seus trabalhos pela Brasiliense, mas foram inicialmente divulgados na Revista Discurso do Departamento de Filosofia da USP em 1983. Estes eram lidos de modo “clandestino” (ESTÊVÃO, 2012, p. 80).

Em relação ao artigo *Luto e melancolia* (1917), há a revisão feita por Mario Fleig e Conceição Beltrão Fleig sobre a ESB, cotejada com o texto alemão. Esse trabalho se deu por ocasião da *Jornada Relendo Freud e conversando com a APPOA*, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, em 2001. Nesta, é possível identificar rastros das discussões vigentes em tal momento. Por exemplo: vertem *seele* para “anímico” em vez de “mental”, *trieb* por “pulsão” em vez de “instinto”, “investimento” em vez de “catexia” e não usam termos estrangeiros ou neologismos em demasia. Além disso, há um cuidado minucioso com o estilo textual.

Cada tradutor/tradutora teve que decidir em seu texto se aproximar ou se distanciar da tradição canônica da SE trazida ao país pela ESB. Isso aparece, por exemplo, na decisão por uma linguagem comum/cotidiana a partir das possibilidades da língua ou por uma linguagem desconhecida/prestiosamente erudita, com neologismos por vezes gregos ou latinos.

É possível avaliar a diferenciação que há nesse “entre” em alguns termos, como: *Ich/Es* (Entre Ego/Id ou Eu/Isso), *Seele* (mental, psíquico, anímico), *Trieb* (instinto ou pulsão) e *Besetzung* (catexia ou investimento). A escolha de cada edição está resumida na Tabela 2 (abaixo)³⁸.

A partir dessa tabela (abaixo), é possível avaliar como a Edição Standard Brasileira é uma cópia transcrita em português da *Edição Standard*. Também, é possível visualizar como a tradição inglesa foi perdendo espaço nas versões brasileiras, em diferentes coleções, na maioria dos termos: o maior uso de pronomes pessoais, o abandono de “mental” e do neologismo “catexia” em detrimento às opções “psíquico” e “investimento”. É possível perceber, também, um ponto de tensão em torno do termo *trieb*: somente Souza opta por instinto, diferenciando da nova tradição. Essa é um resumo rápido do que é possível visualizar na Tabela 2. Vale descrevermos mais detalhadamente.

³⁷ Marilene Carone traduziu *A negação* (1925), *Luto e melancolia* (1917) e *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916/1917). O projeto foi interrompido por seu lamentável falecimento em 1987.

³⁸ Para as linhas referente aos termos em alemão (original) e inglês, tomo como base a literatura sobre o tema, a exemplo do dicionário de Hanns (1996), Roudinesco e Plon (1998) e Laplanche e Pontalis (1988/2001).

Tabela 2: As versões terminológicas

Tradutores (editora, ano)	Versões em <i>Luto e Melancolia</i>			
Original	<i>Ich / Es</i>	<i>Seele</i>	<i>Trieb</i>	<i>Besetzung</i>
Inglês (Edição Standard)	<i>Ego / Id</i>	<i>Mind</i>	<i>Instinct</i>	<i>Cathexis</i>
J. Salomão (ESB ³⁹ , 1996)	Ego / Id	Mental	Instinto	Catexia
L. Hanns (Imago, 2006)	Eu / Isso	Psíquico	Pulsão	Investimento, carga, ocupação
M. Carone (Cosac Naify, 2013/1992)	Ego / Id	Psíquico	Pulsão	Investimento
P. C. Souza (Cia. das Letras, 2010)	Eu / Isso	Psíquico	Instinto	Investimento
M. Moraes, P. Heliodoro (Autêntica, 2016)	Eu / Isso	Anímico	Pulsão	Investimento

Fonte: autora, 2023.

A ESB reproduziu “ego” e “id” no seu texto em português. Carone, que considerava a tradição sempre que possível, manteve o controverso recurso aos pronomes pessoais em latim, pois acreditava ser algo irremediável pela força da tradição, uma vez que já eram difundidos e falados pela comunidade psicanalítica brasileira. No entanto, Souza (2010, p. 99) via brechas para furar a tradição e sua previsão se concretizou, visto que as demais edições optaram pelo usual “eu” e “isso”. Ele próprio foi figura importante para construir esse novo cenário ao seguir as possibilidades da língua portuguesa e aderir aos pronomes falados comumente no Brasil. Ou seja, somente o texto de Carone e a ESB. mantiveram “ego” e “id”.

O termo *seele*, versado para mente/intelecto na ESB, é versado por “psíquico” e/ou “anímico” nos demais textos. Nenhuma outra edição optou por seguir os caminhos da tradição inglesa nesse quesito, concordando entre si por uma leitura mais abstrata do termo. Assim, diante de *seelenstörungen*, por exemplo, encontramos as traduções de “perturbações mentais” (ESB), que carrega um sentido distinto de “perturbações psíquicas” (Hanns e Carone), “distúrbios psíquicos” (Souza) e “perturbações anímicas” (Moraes/Tavares/Iannini). Para Laplanche, Cotet e Bourguignon (1989/1992, p. 77), Freud frequentemente considerava *seelisch* e *psychisch* como equivalentes, diferenciando os termos quando necessário.

³⁹ Embora a editora seja Imago, utilizo o nome da coleção para diferenciar do trabalho de Hanns.

Sobre as formas de verter *trieb*, outro termo ambíguo e polissêmico, outros caminhos foram possíveis. A maioria das traduções não propôs uma nova possibilidade de terminologia a partir da língua portuguesa, mas aderiu à nova tradição francesa, aportuguesando *pulsion*. Carone achava que o uso de “instinto”, apesar de essa ser uma palavra comum, era um erro a ser sanado e, por isso, preferiu a alternativa francesa de “pulsão”. Essa decisão foi aderida pelas demais, com exceção de Souza, que manteve a tradição inglesa ao versar “instinto”. É válido lembrar que na editora L&PM, Renato Zwick translada o termo para “impulso”. Essa diferenciação em torno do *trieb* será discutida no próximo capítulo por sua complexidade.

Por ora, um pequeno termo que aparece em nota de rodapé na versão de Hanns chama a atenção: “ocupação”. Em relação à opção por uma linguagem comum ou incomum para verter um conceito freudiano, *besetzung* se destaca. *Besetzung* é um termo comum da língua alemã que se tornou um conceito freudiano. A SE. versou-o para o neologismo *cathexis* a partir do grego *katecein*, utilizado também para verter *energie*. Chegou ao Brasil por “catexia” pela ESB. Para Souza (1985/1990, p. 156), esse termo era tão “esdrúxulo” que os psicanalistas não o falavam na sua prática cotidiana. As novas traduções brasileiras substituíram-no pela opção da tradição francesa em contraposição: *investissement*⁴⁰.

Assim, é possível refletir sobre como as críticas às versões *Standard* provocaram os novos tradutores/as a assumirem uma nova postura e, por vezes, outra tradição: a francesa. Por mais que, por vezes, reproduzam certos elementos da SE, como rerepresentar as notas do tradutor inglês, a primeira onda das traduções teve como principal tarefa a crítica a estas. Assim, os trabalhos de Hanns e de Carone foram elaborados com uma dupla finalidade. Primeiramente, visaram produzir uma tradução inédita em português diretamente do alemão, a fim de criar um autor que não soasse como “um personagem de filme dublado de televisão” (CARONE, 1985/1990, p. 161). Ao mesmo tempo, ser um trabalho crítico às versões ESB, a fim de corrigir o que consideravam como erros e distorções.

Ambos consideram a tradição presente na literatura psicanalítica brasileira já consolidada, mas por um viés crítico. Hanns não temeu alterar a tradição de modo a explorar a polissemia do texto freudiano em seus múltiplos sentidos. Por exemplo, optou pela variação de palavras diante de um mesmo termo alemão e, ainda assim, preservou o rigor e a uniformidade

⁴⁰Hanns (1996) comparou *besetzen* a “investir” e *besetzung* a “investimento” e concordou com a aproximação satisfatória entre ambos vocábulos, embora não possuam as mesmas conotações específicas.

suficientes para atribuir a carga conceitual, quando necessário. Em Freud, uma mesma palavra oscilava entre o seu sentido comum e sua conceituação/particularização pelo autor.

A variação de Hanns tem propósito e justificativa explicitados: pretendeu manifestar como o vocabulário terminológico de Freud foi desenvolvido gradualmente, e como não era tão definido nem tão engessado quanto as traduções inglesas fizeram parecer. Um exemplo foi o modo como versou *besetzung* por uma variedade destacável. Preservando o termo original entre colchetes, o tradutor utilizou-se de “investimento” (do francês), “carga” (do espanhol⁴¹) e ainda “investimento de carga” ou “carga de investimento”. Também, acrescentou notas sobre o sentido metafórico da tradução literal de “ocupação” e, assim, ganha-se novas possibilidades de sentido a partir das possibilidades da língua portuguesa brasileira.

Besetzen (verbo) e *besetzung* (substantivo) remetem a “ocupar” e “ocupação”, respectivamente. Possuem um sentido coloquial militar de ocupação (a ocupação de um lugar por um exército, por exemplo), de invasão, de tomar para si e/ou de ocupar um ambiente/tempo. “Ocupação” vem do latim *occupatio*, uma ação de ocupar, se apoderar, assenhorar-se de algo, tomar e preencher um lugar que estava vazio. O verbo *besetzen* evoca a imagem de um espalhar, de preenchimento, impedindo que um outro tome posse, bloqueando-o. Mas não é tão rígido: aquilo que é *besetzt* não é incorporado definitiva e rigidamente no local/objeto. O que/onde foi colocado/ocupado (*besetzt*) pode ser também retirado (*entzogen*), desocupado. É reversível, pode ser movido, abandonado, retirado (HANNNS, 1996).

O uso freudiano assume a metáfora do vocabulário militar para desenvolver sobre os movimentos libidinais, sobre a mobilização da energia pulsional. Para Brandt (1961), Freud utiliza diferentes termos do universo militar e analogias de guerra como metáforas ilustrativas, como também *abwehr* (defesa)⁴². Refere-se ao movimento/processo de ocupação que a libido realiza. Para Corsi (2020) e Hanns (1996), diferentes conceitos freudianos remetem a mobilidade, fluência, circulação, *besetzung* é um desses.

Lendo *Luto e Melancolia*, em um primeiro momento no trabalho de luto, ao se deparar com a perda e a ausência do objeto amado, a prova de realidade exige que a libido seja retirada de suas ligações, relações e conexões com o objeto amado. Ou seja, que o desocupe libidinosamente. Mas isso não é feito rápida e facilmente. A princípio, ergue-se uma certa oposição a essa retirada, prolongando-se tanto quanto possível a existência psíquica do objeto

⁴¹ Em francês e em espanhol há ainda *destinación* e *investidura*.

⁴² *Abwehr* (Defesa) refere-se a um afastamento ativo, algo que empurra, rebate, afasta. Utilizado pelas forças armadas, implica um contra-ataque, ou seja, tomar ativamente medidas para se defender, conforme Brandt (1961).

perdido. Isso requer do enlutado um dispêndio de tempo e energia para que, lenta e gradativamente, a “desocupação” seja realizada. É um movimento de desocupar que demanda uma força. Ao concluir o penoso e lento trabalho de luto, o Eu se torna livre e capaz de ocupar novos objetos de amor (FREUD, 1917/2006).

A metáfora da “ocupação” marca a fluência tão cara a conceitos da teoria freudiana, marca um devir, um decurso. É uma metáfora potente, dinâmica, forte e delicada. Com isso, o cuidado de Hanns ao buscar demarcar a polissemia de *besetzung* possibilita diferentes imagens visuais metafóricas para o conceito, incluindo uma que não é predominante. Para Tavares (2011), ler os volumes de Hanns apazigua tanto as expectativas de um leitor já iniciado na teoria, rigoroso e exigente diante das terminologias, quanto do não iniciado.

Tanto Hanns quanto Carone preocuparam-se em transmitir o estilo complexo, ambíguo, polissêmico, em uma linguagem de fácil acesso. Se cada versão traduzida revela e reflete o seu respectivo tradutor/tradutora, a de Hanns revela sua trajetória enquanto autor preocupado com as diferentes modulações que a língua germânica tem diante das possibilidades de verter ao português e das particularidades dos termos freudianos. Revela, também, a preocupação da edição que o financiou: a própria Imago buscando corrigir-se.

Já o trabalho de Carone reflete a sua posição de ser, primeiramente, psicanalista clínica. Apaixonada pela cultura e pelas artes, aproximava sua experiência clínica da literatura e ia na contramão da sua época, pautada pela leitura técnico-científica, segundo Modesto Carone (2013). Isso se manifesta em sua versão traduzida do referido ensaio freudiano. Outro ponto de aproximação entre ambos os trabalhos é a atenção e o cuidado estilístico ao elaborar um “Freud com rigor e estilo” (BAZZO, 2013, p. 161). Não temem os elementos literários do texto, como a ambiguidade, o teor metafórico, as comparações.

A dupla finalidade que baseia os trabalhos de Hanns e de Carone se manifesta nos detalhes. São textos extensos, minuciosos, explicativos, repetitivos e, por dialogar com leitores incomodados pela querela das traduções, se propõem a explicitar a concepção de tradução e a justificar as opções terminológicas nos arredores do texto. Por exemplo, a coleção coordenada por Hanns é dedicada à essa temática: conta com consultores para a teoria da tradução, há um capítulo sobre os critérios de tradução, há notas e comentários extensos (Hanns produziu pelo menos vinte e cinco notas, enquanto as demais giram em torno de doze notas) em que apresenta alternativas terminológicas, significados das palavras, as diversas conotações e outras observações. Já Carone produziu um longo quadro de comentários nomeado *Discussão de algumas divergências*, onde coteja trechos das edições alemã (GW), a SE. e a ESB.

Analisando digitalmente o artigo freudiano nas traduções através do programa Word, atentou-se ao número de palavras que contém cada texto. Incluindo as palavras entre colchetes e excluindo as numerações das citações, as notas de rodapé e comentários, no artigo temos que: a coleção ESB usa 5.878 palavras⁴³; L. Hanns usa 6.218 palavras⁴⁴; M. Carone usa 5.448 palavras⁴⁵; P. C. de Souza usa 5.176 palavras⁴⁶; por fim, M. R. Salzano Moraes usa 5.543 palavras⁴⁷. É possível averiguar uma diferença exclamativa entre as edições.

Se o contexto de Hanns e Carone exigiu edições com extensas notas e prefácios, a edição posterior de P. C. de Souza foi mais sucinta, com notas, introdução e comentários curtos e breves. Esse não reproduziu com exatidão o debate sobre a tradução dentro dos seus volumes. Enquanto o primeiro consultou e dialogou com diversos psicanalistas/tradutores e a segunda elaborou um longo quadro de comentários, o trabalho de Souza centra-se em suas próprias decisões. Este redireciona o leitor para procurar a discussão fora dos seus livros, em bibliografia externa, com o objetivo de se manter o texto sem comentários de teóricos posteriores, conforme explicita na apresentação de cada volume (“Esta edição”).

Assim, é possível classificar as versões de Hanns e Carone na categoria de “versões de transição”, visto que mediam temporalmente as primeiras traduções pós-versões indiretas e as mais atuais, resultado do movimento de retradução de Freud no Brasil. Apesar de estarem distantes cronologicamente (em 2004 e em 1989, respectivamente), aproximam-se pela importância contextual em corrigir/aliviar os erros da versão indireta brasileira, em serem as primeiras versões que se diferenciam dessas (ainda que o trabalho da Carone tenha sido publicado oficialmente somente anos depois). Em decorrência desse contexto e do trabalho qualificado, ambas são referências para os tradutores mais atuais.

Para Mahony (1999), é interessante que uma tradução freudiana se utilize de notas de rodapé com frequência de modo a expandir o texto. Se as traduções estão entre duas tradições estrangeiras no tocante à terminologia, o ápice da linguagem portuguesa brasileira aparece na estilística do texto: nas formas de traduzir passagens que contêm jogos de palavras, diante das quais o/a tradutor/a precisa se interrogar sobre como transmitir o efeito de sentido entre os idiomas. Em relação a isso, Carone apresenta pelo menos dois bons exemplos do resgate da

⁴³ Entre elas, três são palavras em inglês, entre parênteses: uma *self-love* e duas *insight*.

⁴⁴ Dentre elas, 31 (trinta e uma) são as palavras em alemão entre colchetes ao lado da versão traduzida.

⁴⁵ Não há reprodução de palavras em outro idioma.

⁴⁶ Não há reprodução de palavras em outro idioma.

⁴⁷ Dentre elas, 38 (trinta e oito) são palavras em alemão entre colchetes ao lado da versão traduzida.

potência literária do estilo textual de Freud como transmissor e produtor de conhecimento: diante da célebre frase *Ihre Klagen sind Anklagen* e da repetição do prefixo *Selbs*.

5.4. Jogos de linguagem

No ensaio, Freud (1917/2011) escreve uma frase que contém um jogo de palavras: *Ihre klagen sind anklagen*. Nela, há a mesma repetição no final de *klagen* (queixas, reclamações, lamentos no sentido comum) e de *anklagen* (acusações e queixas no meio jurídico-policial, de acusação pública) (destaque nosso). A palavra *angeklagte* (alemão) refere-se ao acusado/réu em um processo jurídico, por exemplo, ao “queixado” (TAVARES, 2012b).

Para Hanns, em nota, uma possibilidade seria “suas reclamações são acusações”, uma versão que mantém o jogo de palavras e o rimo. No texto propriamente dito, optou pela frase: “seus lamentos e queixas [*Klagen*] são acusações [*Anklagen*]”. Salzano Moraes, na edição da Autêntica, optou por “suas queixas são acusações”, ambos perdendo um pouco do jogo de palavras embora mantenha o sentido textual entre os campos semânticos dos termos. Souza reproduziu a frase de Carone, referenciando-a em notas. O versar da tradutora também chama a atenção por sua elegância: “queixar-se é dar queixa”.

Esse jogo de palavras é um potente transmissor do que Freud (1917/2011) elabora, na diferenciação da melancolia e do luto por um aspecto fundamental, que dá o tom patológico ao quadro: o rebaixamento do sentimento de autoestima. O autor interroga-se sobre como os melancólicos conseguem queixar-se de si, se autodepreciar com autoacusações (*selbsanklagen*) e ofensas sem pudor, sem se envergonhar e, inclusive, com traços de satisfação nesse autodesnudamento. Ao ouvir atentamente as autoacusações (*selbsanklagen*) do paciente melancólico, Freud (1917/2011) realça como as mais violentas delas pouco se adequam à própria pessoa e se adequam mais a um outro, alguém amado pelo paciente.

O luto e a melancolia são formas distintas de reação à perda. Mas, enquanto o primeiro está frequentemente ligado à morte, na melancolia o objeto não necessariamente morreu de fato, mas foi perdido enquanto objeto de amor. Há casos em que é difícil discernir não quem se perdeu (sabe-se *quem*), mas *o que* foi perdido no objeto. Diferentemente do luto, em que se sabe quem se perdeu pela ausência material da pessoa, na melancolia a perda é desconhecida, pois é uma perda a nível do inconsciente (FREUD, 1917/2011).

Para Freud (1917/2011), tais autorrecriações estão deslocadas, são recriações contra o objeto de amor perdido que retornam para o próprio Eu. Ao queixar de si, o melancólico queixa-se de um outro. Por isso, não se envergonham nem tampouco escondem tais críticas,

uma vez que a depreciação de si mesmo refere-se a outro. Nesse sentido, elabora a célebre frase citada anteriormente, comparando queixas e lamentos (*klagen*) com acusações (*anklagen*), revertendo uma posição passiva para uma posição ativa. Além disso, todo o artigo está circulado por palavras de carga jurídica, como “autoacusações” ou “autoincriminações”, que têm uma função de punição, assemelhando-se à carga jurídica de “dar queixa”.

A ESB verteu por “suas queixas são realmente ‘queixumes’”. Uma versão equivocada, sem harmonia, sem ritmo, sem suscitar associações que coincidem com o desenvolvimento do texto, afinal “queixume” remete novamente a uma lamentação e destoa da palavra versada. Portanto, a reformulação proposta por Carone (“queixar-se é dar queixa”) retoma a beleza estilística, rítmica, harmoniosa, sonoramente e graficamente. Tavares (2012b) elogia essa reformulação que permite “escutar” o texto freudiano em língua portuguesa. Para Kehl (2013), qualquer leitor, inclusive o leigo, pode reconhecer tanto a beleza dessa expressão quanto o que ela transmite, o quanto a lamentação melancólica é entendida como uma acusação contra o outro, o qual nem mesmo o melancólico sabe.

Outro aspecto que expressa a atenção cuidadosa da tradutora em preservar forma e conteúdo do texto está em manter harmonicamente um prefixo em repetição: *selbs. Selbstgefühl* (alemão) pode ser versado por “autoestima”, “amor-próprio” ou “sentimento-de-si”. É um conceito que abarca o conceito que o sujeito tem de si, as formas de se entender e os afetos que têm em relação a si mesmo (*gefühl*, sentimento). Conceito valioso ao ensaio, o qual exigiu de cada tradutor/tradutora apresentá-lo em suas notas.

Carone realçou a repetição desse prefixo no texto ao compor uma gama de palavras, como nas crescentes manifestações da melancolia: *selbstgefühl* (autoestima), *selbstvorwurf* (autorrecriminação), *selbstbeschimpfung* (autoinsulto), *selbskritik* (autocrítica), *selbsterabsetzung* (autodepreciação), *selbsteinschätzung* (autoavaliação), *selbstanklage* (autoacusação), *selbstquälerei* (autotormento), *selbstbestrafung* (autopunição) e *selbstmord* (autoassassinato, suicídio). Pode ser transposto ao português pelo prefixo “auto” ou pela partícula apassivadora “se”, como em “torturar-se”.

A frequência excessiva desse prefixo articula-se teoricamente com o destino pulsional de “retorno em direção à própria pessoa” (FREUD, 1915/2021, p. 37). Realça o movimento e o excesso de si que há no quadro melancólico. A estratégia textual da repetição é vista como erro a ser sanado pela leitura clássica, mas é, na escrita freudiana, um elemento valioso, com o propósito de transmitir o sentido textual. O autor utiliza-o como estratégia, a exemplo de em *A psicopatologia da vida cotidiana*, de 1901. O subtítulo carrega termos de formações compostas

com o mesmo prefixo ver- (*vergessen, versprechen, vergreifen*), indicando que são exemplos de processos inconscientes semelhantes (BETTELHEIM, 1982/1990).

O ganhador do Prêmio Goethe dominava um extenso vocabulário. Se optava pela repetição, essa estratégia expande sua narrativa, eliminá-la seria empobrecer o texto em função de um embelezamento textual (LAPLANCHE, COTET; BOURGUIGNON, 1989/1992, p. 18). É enriquecedor quando a versão traduzida consegue preservar tais repetições ao invés de camuflá-las, forma e conteúdo se confluem: “[...] uma tradução que levasse em consideração somente a superfície do discurso perderia muito do *spielen* (jogar/brincar/representar) com os vocábulos envolvidos nos seus construtos” (TAVARES, 2014, p. 75).

Os trabalhos de Hanns e de Carone produzem, com excelência, esse jogo de forma e conteúdo e são excelentes fonte de estudo aos que se interessam pela temática das traduções, de modo a seguir as pistas deixadas textualmente, bem como para os que se interessam por ampliar as possibilidades de sentido a partir de cada termo, vendo como cada tradutor utilizou na sua respectiva tradução. Considero-os como “versões de transição”, o fato de ambos se reduzirem a trabalhos avulsos é limitante ao leitor.

A coleção coordenada por Paulo C. Souza foi o primeiro projeto de Obras Completas no Brasil depois da Edição Standard Brasileira, para além de edições avulsas, acolhida com expectativa pela comunidade psicanalítica brasileira. Assim, com essa nova predominância emergindo, o que leva a um novo projeto, anos depois, com a proposta de uma coleção de Obras Incompletas? É a pergunta em que me detenho para elaborar o próximo capítulo.

6. AS NOVAS TRADUÇÕES

Em 2010, a coleção OCSF a partir do tradutor Paulo C. Souza foi uma grande promessa pelo “novo Freud” diretamente do alemão, para os leitores brasileiros. Finalmente, um Freud escrito a partir das possibilidades da língua portuguesa. Souza se debruçava sobre a temática da tradução freudiana desde a década de 1980, por vezes publicava suas traduções em periódicos da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Então, o que leva a outro grupo de tradutores a investir em mais um projeto/coleção de traduzir um mesmo autor, paralelamente, em tão pouco tempo?

Em 2013, inaugurou-se a coleção de Pedro Heliodoro Tavares e de Gilson Iannini (OISF). Quais os pontos de aproximação e distanciamento entre ambas? À primeira leitura de *Luto e melancolia* em ambas as edições, não há uma diferença expressiva no tocante ao estilo textual se comparado à *Edição Standard Brasileira*. Em ambas há um texto bem escrito, fluido; ambas rejeitam os recursos do idioma grego e do latim e neologismos desnecessários, preferindo os pronomes pessoais “Eu” e “Isso” em lugar de “Ego” e “Id”, ou mesmo ao preferir “investimento” em vez de “catexia”, por exemplo.

No entanto, uma diferenciação conceitual escancara uma tensão entre ambas: os modos de verter *trieb*: “instinto” e “pulsão”. Esse termo é complexo: primeiro, a palavra alemã é tão versátil e dúbia que Freud (1915/2021, p. 225) julgava ser “[...] uma palavra pela qual muitos idiomas modernos nos invejam”; segundo, pelo fato de o conceito ser obscuro enquanto o formulava. As possibilidades de versões, adaptações e reinvenções tradutórias são tão complexas e ambíguas quanto sua “in-definição”.

O verbo *treiben* e o substantivo *trieb* são termos simples, usados há séculos entre os falantes da língua alemã. O substantivo está diretamente conectado ao verbo, que o deriva. É empregado em diferentes contextos: coloquialmente, na área religiosa⁴⁸, científica, filosófica, na Física⁴⁹, na literatura e afins. Possui uma gama de significados, sendo impossível resumir sua polissemia em uma só definição. Não é um conceito fechado em uma delimitação direta, portanto incapaz de ser encerrado em uma palavra versada sem lacunas em qualquer língua, nem mesmo era unicamente definido no alemão. Chama a atenção que, mesmo após décadas de discussões, ainda mantemos no Brasil o “exercício de substituição” diante do *trieb* (IANNINI, 2013). É nesse vocábulo que há uma diferenciação importante entre essas traduções.

⁴⁸ Em *Freud Leitor da Bíblia* (1982), Théo Pfrimmer analisou a Bíblia judaica lida pela família Freud e analisou a interpretação rabínica de *trieb*, divididas entre boa e má (HANNNS, 1996).

⁴⁹ Há acepções da Mecânica e da Física remetentes ao estudo do motor (HANNNS, 1996).

6.1. O intraduzível *Trieb*: entre instinto e pulsão

A problemática tradutória sobre *trieb* é uma das fundamentais na querela sobre as traduções freudianas, essa provavelmente não teria sequer a metade da importância se não fossem as suas versões e o impacto das reverberações na teoria e na prática clínica psicanalítica a partir de sua tradução. Os destinos desse vocábulo foram tão múltiplos quanto seus destinos conceituais (TAVARES, 2021). Strachey versou-o ao inglês por *instinct*, o qual chegou ao Brasil como “instinto” pela ESB. Ao longo das novas versões brasileiras, foi sendo substituído pela alternativa francesa “pulsão”, conforme Tabela 3, abaixo.

Tabela 3: Modos de verter *Trieb* nas versões brasileiras

Versões de <i>Trieb</i>				
J. Salomão (ESB., 1996)	L. Hanns (Imago, 2006)	M. Carone (Cosac Naify, 2013/1992)	P. C. Souza (Cia. das Letras, 2010)	M. Moraes, P. Heliodoro (Autêntica, 2016)
Instinto	Pulsão	Pulsão	Instinto	Pulsão

Fonte: autora, 2023.

Para Hanns (1996), há críticas sobre como a decisão tradutória por “instinto” produz um redirecionamento do conceito para um universo léxico-semântico médico-biológico, mais naturalista do que o universo do termo alemão. “Instinto” remete a um aspecto inato, animalesco, comportamental, rígido, estereotipado, irrefreável. Com uma meta única e fixa, que exige ser satisfeita, conduz o ser ao objeto, um percurso com interação sujeito-ação-finalidade. Tem uma tendência, um objeto e uma direção esclarecida e específica; é atemporal, impessoal, alhures, independente do sujeito (HANNNS, 1996).

Assim, esse termo produz mais associações com o campo da genética, do hereditário, do inato, do comportamento desimplicado do sujeito, com funções definidas, persistentes, imutáveis e ancestrais, com objetivos delimitados, preconcebidos. São associações distintas do efeito provocado pelo *trieb* (ESTÊVÃO, 2012). O uso freudiano não possui uma conotação tão específica e direcionada quanto a de “instinto”: é um conceito dinâmico que transmite a ideia de movimento, de ação, de energia, não indica uma direção propriamente dita. Também não é irrefreável: há formas de refrear e alterar, há diferentes destinos, conforme a análise de autores como Brandt (1961) e Hanns (1996).

Entre as possibilidades de significância, *trieb* tem o sentido de tendência e inclinação, remete a uma ânsia, um impulso que toma o sujeito, uma vontade intensa, uma força energética propulsora poderosa que empurra, impele a uma ação, conduz, estimula, põe em movimento e

em fluxo, uma força de origem indeterminada; um ímpeto. Tem sentidos na botânica (broto e rebento): é tanto a força orgânica do brotar quanto o broto que nasce do caule, o crescimento do broto e o movimento do crescimento. Também na ação pastoril, no reger e estimular o rebanho: *treiber* é um tocador de gado e se diz *vieh treiben* para “tocar o gado”, algo que ilustra bem o uso freudiano, visto que o gado percebe uma força forte que o impele, mas vinda de um lugar indeterminado, vindo de alhures (HANNIS, 1996).

Além da polissemia desse vocábulo, o uso freudiano expande-o ainda mais: os *triebe*. Sendo da ordem do Isso, o Eu sente-os de fato como uma “força alheia” por não ter o domínio consciente, tal como o gado sentiu a força advinda de alhures. Os *triebe* “[...] derivam do interior do sujeito-corpo, “brotam” desse interior, mas também derivam, “desviam-se” para outra coisa que não o puro determinismo biológico do instintual” (TAVARES, 2021, p. 384).

Se Freud (1915/2021) recorre à Fisiologia e aos conceitos de *reiz* (estímulo) e de *zweck* (finalidade, fins, propósito) para refletir sobre o *trieb*, reflete sobre como este se relaciona, se aproxima e difere desses elementos da Fisiologia. Assim como se apropriou do conhecido conceito do Luto para articular sobre o conceito desconhecido da melancolia em 1917, em 1915 (*As pulsões e seus destinos*) fez esse movimento de recorrer a um conceito já existente não para equivalê-los, mas como ponto de apoio para comparar e distinguir. Logo, parte do biológico, mas não se detém em sua lógica, ultrapassa-a.

Trieb é um conceito fronteiro (*grenzbegriff*), conceito-limite entre anímico e somático. Não se pauta na divisão entre um ou outro, mas justamente no limite entre corporal-psíquico (FREUD, 1915/2021). Tão fronteiro, dúbio, ambíguo e complexo quanto a própria teoria freudiana, a qual está na fronteira do discurso literário/poético e científico (FUKS, 2011). A Psicanálise está em um terceiro lugar diante da divisão corpo-alma existente no Ocidente desde René Descartes, abarcando a ambiguidade e a complexidade do corpo e do *seele*. Freud (1926/2020) insiste em defender que a Psicanálise não é atribuição médica nem religiosa, mas uma terceira, uma própria.

Para Hannis (1996, p. 339), há uma equivalência tradutória secular no campo da medicina entre *trieb* (alemão) e *instinct* (inglês), visto que um dos sentidos desse termo é o de “instinto”, de “força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades”. *Trieb* abarca sentidos natural-biológico-corporais, algo que se manifesta no corpo e nele brota enquanto algo não apenas corporal, como um princípio geral do ser enquanto vivente, algo interno, íntimo, individual. No entanto, sua ampliação semântica em suas múltiplas possibilidades é bem maior do que no caso do outro termo.

Se Freud era um neurologista, é fácil supor que poderia aproximá-los. No entanto, é na impossibilidade e nos furos do discurso localizacionista-anatômico que sua teoria psicanalítica emergiu, para lidar com as respostas insuficientes da medicina diante de diferentes casos. O neurologista que inventou a Psicanálise e o conceito de inconsciente interessa-se pelo corpo, pela genética, pela hereditariedade, pelos neurônios; sua arte Psicanálise parte do biológico, mas ultrapassa-o, “[...] atingindo o psíquico, e se alastrando na linguagem – suas conexões, vias, desvios e tropeços” (CORSI, 2020, p. 99). Esse conceito não é “um ou outro”, é no limite.

A querela sobre o *trieb* não pode ser reduzida a definir se é ou não sobre o corpo, se está dentro ou fora do biológico. É preciso abarcar a ambiguidade e a complexidade que há nos limites entre o anímico e o somático. Designar o termo entre um *ou* outro de modo acrítico, sendo somente “biológico-corporal” ou “psíquico-cultural”, é desfazer-se dele enquanto fronteiro, fazer “[...] desse *Trieb* uma espécie de clandestino que cruza as fronteiras” entre um lado e outro (TAVARES, 2021, p. 381).

Lacan propôs nova terminologia para *trieb*: *pulsion* (pulsão). Ao contrário do que é frequentemente difundido, o psicanalista francês não criou esse neologismo. Ele já estava no dicionário Petit Robert⁵⁰ em 1910. No entanto, sua inovação está em trazê-lo para a leitura psicanalítica como alternativa crítica à decisão tradutória de *instinct*. Então, torna-se um neologismo ao adquirir um sentido conceitual; é um “quase-neologismo”, pois não foi cunhado pelo psicanalista francês, mas por ele foi difundido na língua francesa e no vocabulário psicanalítico (TAVARES, 2011a).

Pulsion foi adotado pela coleção francesa *Œuvres Complètes* e por dicionários psicanalíticos franceses, como o de Roudinesco e Plon (1998) e o de Laplanche e Pontalis (1988/2001). Também foi adotado pela tradução castelhana de Etcheverry (*pulsión*) e da italiana de Musatti (*pulsione*), entre outras. Desse modo, criaram-se duas “vertentes” terminológicas sobre o termo que se manifestam em edições entre os vários idiomas, entre eles o português.

Paulo C. Souza vai na contramão do debate e das críticas de leitura lacaniana e opta por “instinto”. Tavares (2011b, p. 387) afirma que essa escolha é “o aspecto mais marcante da tradução de Strachey”, o que marca que a decisão do tradutor brasileiro está em se afastar do francês e se aproximar do britânico. Souza (2010) considera o fato já conhecido de que Freud usou ambos os termos em sua escrita, tanto *instinct* (de ascendência latina) quanto *trieb*

⁵⁰ REY, A. *et al.* **Le Petit Robert Dictionnaire de la Langue Française**. Paris: Liris Interactive, 1996.

(ascendência germânica), diferenciando-o, mas não compreende haver uma diferenciação tão marcante quanto a crítica propõe.

Para ele, se Strachey fez uma nota sobre o uso de *instinct*, “sempre, talvez (*sic*), no sentido de animais”, os críticos esqueceram-se do “talvez” que há na frase e estabeleceram uma distinção “nítida e absoluta” entre ambos os usos que não é tão nítida (SOUZA, 2010, p. 253). Já para Laplanche e Pontalis (1988/2001), por sua vez, há uma nítida distinção entre os usos de *instinkt* e *trieb* em Freud: o primeiro para o comportamento animal hereditário. Ou seja, termo mais próximo ao “instinto”, em português. Para os franceses, utilizar um termo que remeta a “instinto” como modo de transladar de *trieb* seria falsear seu conceito.

A partir disso, os intérpretes viram em “pulsão” um conceito que definiria o humano-simbólico (objeto da Psicanálise) em oposição ao instintivo-animal (objeto da Biologia), o que Souza (2010) julga ser uma leitura simplificada da letra freudiana. Para Fernandez de Souza (2022), também não há uma discrepância tão nítida nem mesmo do termo nem do conceito. Freud não separaria tão nitidamente o *trieb* dos animais e o dos humanos: “[...] *Trieb* decididamente não está descolado do campo da vida, ele não é privilégio do gênero humano”, escreve Souza (2022, p. 326).

Esse autor analisou citações e traduções produzidas pelo próprio psicanalista e destacou como frequentemente versou o inglês *instinct* pelo germânico *triebe* ou pelo latino *instinkt* em diferentes contextos. Não havia uma distinção tão nítida entre os termos até determinado momento; porém, passa a haver um deslocamento constante entre esses, distinguindo o uso da palavra do seu uso conceitual (SOUZA, 2022). Para esse autor, Freud não usou *instinkt* em sua teoria por uma razão dupla: tanto pela abrangência de sentidos diante do termo alemão como por *trieb* ser uma palavra de uso cotidiano e não um termo técnico, esotérico e reservado aos especialistas da medicina e da biologia, como o é *instinkt*. Para ele, usar “pulsão” caminha numa direção semelhante por ser um neologismo utilizado somente no jargão psicanalítico: “[...] ‘pulsão’, enfim, é que é acadêmico, técnico e esotérico”, critica (SOUZA, 2022, p. 328)

Se P. C. Souza aceita-o na sua versão do “novo Freud”, não o faz sem ressalvas e críticas, sabendo haver nesse termo uma gama de discussões e pontos de insuficiência, mas acredita haver ganhos e perdas tanto para um termo quanto para outro (“instintual” e “pulsional”). O que o faz tomar sua decisão é outro critério: o uso brasileiro dos termos. É válido lembrar que, nesse momento histórico, só havia as versões indiretas e estrangeiras como alternativas, o que pode potencializar seu pacto com o idioma.

Advindo das Letras, tão ligado às Artes e às Humanidades⁵¹, Paulo C. Souza preocupava-se em encontrar boas palavras que se adequem ao idioma. Souza (2010) busca uma aproximação entre a conotação de Freud para o português na literatura brasileira, nos romances, e chega a relacionar a linguagem de Machado de Assis a certas ideias psicanalíticas. Sua aproximação com o psicanalista é pela via da linguagem e da literatura, pela prosa freudiana mais do que pela teoria e pela clínica psicanalítica.

A busca desse tradutor é pela melhor palavra em língua portuguesa. Para Souza (2010), se se experimentasse perguntar a diferentes pessoas o que lhes é evocado pelas palavras “instinto” e “pulsão”, a rede semântica e a produção de associações seriam bem mais ricas e amplas no caso do primeiro, para os brasileiros, ligando não somente aos conceitos rígidos que a crítica estabelece, mas também a “impulso”, “sexo”, “ímpeto”, entre outros. Portanto, pode-se aferir que a escolha por “instinto” é um efeito da relação do tradutor com a língua de chegada.

Para esse autor, qualquer tradução freudiana, em sua mais ampla qualidade, não é e não pode ser definitiva. Defende que a atitude freudiana poético-científica deveria caracterizar a tradução freudiana, dando ênfase à impossibilidade de estabelecer clarezas absolutas, conceitos rigidamente nítidos, definidos, à impossibilidade de definir uma linguagem rigidamente padronizada e empregar religiosamente uma única palavra para um termo alemão, sem considerar os contextos semânticos (SOUZA, 2010).

Assim, não objetiva impor suas escolhas terminológicas diante do termo que considera menos insatisfatório. Na apresentação de cada volume (“Esta edição”), deseja aos leitores com outras concepções psicanalíticas que cada um “seja feliz à sua maneira”. Souza (2010), por fim, recomenda aos tradutores manter uma uniformidade, mas abarcando a polissemia e a abstração da linguagem alemã a partir do texto; evitar a servilidade e a “excessiva liberdade” (SOUZA, 2010, p. 276).

É válido enfatizar que P. C. de Souza não usa “instinto” com a invariabilidade e a padronização que havia nas edições *Standard*. Por exemplo, versa *schautrieb* por “impulso de olhar”, *wisstrieb* por “impulso de saber” e *triebhaft* por “impulsivo”, visto que *trieb* engloba também as conotações de “ímpeto” e “impulsividade”, ausentes no termo “instinto”, como esclarece em notas. Inclusive, critica a padronização clássica da escrita freudiana que se

⁵¹Souza foi professor de línguas e traduziu escritores da literatura, como os poemas de Bertolt Brecht e ganhou o Prêmio Jabuti de melhor tradução literária por esse trabalho.

constrói ao longo dos textos, de modo fluido, gradual, complexo, longe da estabilidade proposta pela versão standard inglesa (SOUZA, 2010).

Por fim, o tradutor argumenta que os ganhos em usar “instinto” são maiores do que as perdas e se incomoda com o neologismo francês como opção à língua portuguesa, que considera ter se tornado um jargão psicanalítico: “embora reconheçamos a insuficiência do termo português, não vemos vantagem em introduzir o feio neologismo ‘pulsão’”, escreveu Souza (*apud* FREUD, 1913/2010, p. 179) em nota de rodapé.

“Pulsão” é uma palavra aportuguesada de *pulsion*, pouco utilizada no linguajar dos brasileiros fora do contexto psicanalítico, a partir do início do século XX. Por não ser familiar, causa estranheza ao leitor que não é iniciado nos estudos psicanalíticos, não causando tantas associações imediatas, como as provocadas por “instinto” (HANNIS, 1996). Ele equivale essa decisão às escolhas antigas por “ego, id e superego”, no português, como fruto do atravessamento do estrangeiro: esses foram frutos da “hegemonia da *Standard* entre nós”, enquanto “pulsão” tornou-se usual pela “reação francesa à versão britânica para *trieb*” (SOUZA, 2010, p. 20).

Fernandez de Souza (2022) também problematizou o uso indistinto e uniforme do termo francês, aceito coletivamente sem um pensamento crítico, como se seus argumentos fossem auto evidentes e óbvios. Assim como no Brasil de outrora se utilizava sempre e invariavelmente “instinto”, essa decisão foi rejeitada e outra foi posta no lugar, mas agora em francês, formando uma nova tradição. Para ele, o uso de “instinto” não é tão simples como a crítica estabeleceu.

Já Estêvão (2012), no que lhe concerne, compreende o quanto esse termo assumiu novos rumos científicos e remete ao campo da biologia sobre a genética e sobre o hereditário. Requer considerar o caráter ético e político das terminologias adotadas, que possuem efeitos no leitor, na cultura, na formação do analista, nos modos de compreender o sofrimento humano e no lugar em que a terminologia o coloca. Em um lugar normativo, um lugar padronizado por excelência, um lugar de fixidez, de ausência de ambiguidade e polissemias? Iannini (2013), em crítica ao termo “instinto”, realça a importância singular de cada palavra, que não está neutra e isolada do mundo, mas remete a outra gama de palavras, a um campo de sentidos. Atentar-se às palavras é, também, um compromisso ético da Psicanálise.

Diante dessa querela, o leitor pode se perguntar: mas, afinal, qual é a decisão tradutória mais correta? *Trieb* parece ser o que Cassin (2022, p. 24) nomeou por “intraduzível”: “[...] não o que não se traduz, mas o que não se cessa de (não) traduzir”. A sua polissemia não invalida uma tradução, não aponta para uma falha, para uma paralisação, mas para uma produção

constante, para um movimento. Considerar enquanto um intraduzível permite sempre uma nova retradução, um movimento constante de voltar a traduzir e retraduzir o intraduzível, não de sacralizá-lo. Ou seja, ser um termo intraduzível não implica uma negação, mas uma abertura para a polissemia (CASSIN, 2022; SANTORO, 2018).

Pensá-lo enquanto um intraduzível implica que, ao se referir ao termo, requer contar sobre a história das suas variâncias entre os idiomas, assim como os historiadores conseguem contar a história da filosofia através das etapas da tradução dos textos ou dos termos entre as línguas e as épocas (SANTORO, 2018). Para Junker (1999, p. 75), considerando que “toda tradução é apenas uma versão” e “inevitavelmente uma interpretação”, torna-se interessante que haja diferentes trabalhos tradutórios de um mesmo autor para que se possa ler diferentes trabalhos, de modo a ampliar significados e manter o texto vivo, em constante desenvolvimento entre as edições e suas circunstâncias.

A exemplo, entre as múltiplas formas de versar *trieb*, há “deriva”. Essa é a palavra portuguesa mais próxima do vocábulo alemão no sentido comum de que o que está em deriva é algo movido/levado por uma força alheia, é impelido (TAVARES, 2011b). Ou ainda, impulso (opção de Renato Zwick), “[...] ímpeto, inclinação, propensão, propulsão, pressão, movimento, vontade [...]” (SOUZA, 2010, p. 252). Carone (1985/1990, p. 186) já se interrogou: “por que não ‘impulso’, que afinal é o mesmo que ‘pulsão’, do mesmo ponto de vista etimológico, com a vantagem de não ser um neologismo e de já estar integrado em nosso vocabulário habitual?”.

No entanto, “impulso” também têm suas falhas e divergências. Apesar de não produzir estranhamentos e abarcar uma dualidade no léxico da língua portuguesa brasileira, pois falamos “impulso nervoso” em um texto médico e “impulso consumista” em um texto sociológico (TAVARES, 2011, p. 125). “Impulso” remete a uma ação momentânea, fugaz, irrefletida, instantânea, marcando o conceito freudiano como algo fugaz, passageiro, um empuxo repentino, afastando-se da marca semântica do *trieb* como força constante, ininterrupta e permanente no psiquismo (CARONE, 1985/1990). Para Freud (1915/2021, p. 19), *trieb* “[...] jamais atua como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*”.

Para Santoro (2018), as palavras traduzidas não são uma nova maneira de dizer a mesma coisa da língua original, mas dizem algo novo. Traduzir implica invenção da palavra, do sentido e do pensamento. Portanto, pode-se considerar não apenas o que se perde com uma tradução, mas também o que se ganha com uma tradução e uma versão. Se é possível concordar que “instinto” é uma tradução coerente para a palavra alemã *trieb*, a problemática se expande ao ser

singularizada enquanto um conceito freudiano. E, nesse sentido, algo novo se ganha com a versão de “pulsão”.

A decisão por “pulsão” é a partir da leitura lacaniana. De acordo com a literatura sobre o tema, essa escolha terminológica se sustenta em uma decisão que visa um efeito de leitura, considerando o *trieb* para um não-somente-biológico. Não é somente no corpo, mas se alastra nele: é no limiar do corpo e anímico. É também sobre desejos, afetos, fantasias, sobre o sujeito. Também, ganha-se o efeito de uma maior configuração rítmica e sonora que “pulsão” produz, como a associação com uma força motora que impulsiona, mas também com uma força constante da pulsação.

Na poética de Corsi (2020, p. 110), uma pulsão é “impulsão constante” e “pulsar insistente”, é “[...] espécie de pulsar do coração que contamina irresolúvel o psíquico, desse coração muitas vezes poético que é desejo, afeto, dor, ânsia, e busca de fala – busca falha, faltosa, por vezes produtiva e prazerosa – e, de nós mesmos, constitutiva”. “Pulsão” fortalece o poético da escrita freudiana devido à série de modificações e composições possíveis, embora não seja necessariamente equivalente a *trieb* e não seja um nome português.

Rosenfield (2013) destaca como “pulsão” possui maleabilidade e variedade similar a *trieb*. Em português, é possível modificá-la, combiná-la, como em “impulsão”, “propulsão”, “compulsão”. O sufixo “-ão” possibilita a variância, dá ideia de amplitude e continuidade de uma ação ou acontecimento. Assim, é possível elaborar a teoria com sonoridade, com rima, com estética poética, como Tavares (2021) o fez:

“Se em seu livre curso a pulsão seria pura impulsão ou pro-pulsão, na direção de um objeto em busca de sua satisfação, a “reversão em seu contrário”, como no caso da transformação do amor em ódio, faria da pulsão uma re-pulsão. Quanto ao “retorno em direção à própria pessoa”, esse se caracterizaria pela retro-pulsão. O “recalque”, como rejeição de uma representação, seria, de certo modo, sua ex-pulsão, enquanto certas manifestações de “sublimação” beiram às com-pulsões. Escutemos, pois, em nossa língua, as pulsações dessa força impelente e constante” (TAVARES, 2021, 86-87).

Tavares (2014) argumenta que “pulsão” é uma opção satisfatória que tem “boa transferência” com a teoria psicanalítica freudiana, essa foi aceita e concordada por diversos autores e tradutores da comunidade psicanalítica, levando-o a se questionar sobre as ressalvas diante desse termo. Para ele, a ressalva não é sobre o termo, mas sobre a tradição francesa e a leitura lacaniana; é pela concepção de que a tradução deveria ser “freudiana” e não de seus leitores posteriores (lacaniana, kleiniana, *etc.*). Ainda segundo o autor, essa concepção seria fruto de dois equívocos: supor que *pulsion* é uma invenção lacaniana (sendo que foi uma

divulgação e não invenção do psicanalista francês) e supor que aderir ao uso de um vocábulo difundido por um leitor pós-freudiano seria concordar irrestritamente com sua leitura.

Por isso, ele define que há traduções “[...] ora *lacanianas*, ora *antilacanianas* de Freud, dos que *consagram* ou *rejeitam* Lacan” (TAVARES, 2011, p. 116). A partir disso, pode-se considerar que o projeto do qual P. Heliodoro Tavares (OISF) fez parte é a proposta laciana em contrapartida ao de Paulo C. Souza (OCSF), em que Lacan pouco é citado, diferente das referências à Strachey. Entre a dualidade formada por essas duas influências, Souza se aproxima de Strachey também em sua organização sistemática e em suas aproximações terminológicas.

Antes de participar da coleção da Autêntica, Tavares escreveu que o caso de Souza marca uma posição “[...] não só contrária às escolas psicanalíticas, mas também a uma certa terminologia difundida e estabelecida no vocabulário freudiano brasileiro” (TAVARES, 2011, p. 114). Também criticou a posição de fidelidade à língua e à literariedade do tradutor, que deixou a desejar a comunidade psicanalítica brasileira daquele contexto diante dos conceitos-chave freudianos. Dois anos depois, definiu que a coleção OISF é “[...] atenta ao *uso* dos conceitos pela comunidade psicanalítica brasileira”, fundamentada em “uma ética pautada na clínica” (IANNINI; TAVARES, 2013, p. 169-17).

Esse é mais um ponto crítico em relação a OCSF: o interesse clínico. Para os autores, o fato de “instinto” ser um termo comum não é fator forte o suficiente, visto as associações serem quase imediatamente vinculadas à noção de instinto natural, biológico, hereditário, genético, normativo, o que é problemático para a leitura psicanalítica clínica. O tradutor não pode desconsiderar ou desvincular as ressonâncias que o vocabulário manifesta na cultura, independentemente das suas intenções pessoais para com tais autores, ainda parafraseando a defesa de ambos (IANNINI; TAVARES, 2013).

Diante da polissemia desse termo intraduzível, a decisão por uma ou outra palavra versada é uma decisão contextual, ética, política, interessada e inegavelmente influenciada por uma vertente ou outra, entre a “dicotomia certamente colonialista de aderir ou à tradição anglo-saxã [...] ou à francesa [...]” (TAVARES, 2011, p. 125). Para Estêvão (2012), essa decisão não é apenas técnica, é muito mais política e ética, demarca um posicionamento psicanalítico e produz implicações e ressonâncias no modo de compreender a teoria psicanalítica e, conseqüentemente, nos modos de compreender a cultura, o sujeito, a clínica e afins.

6.2. Duas leituras: Obras Completas e Incompletas

As coleções *Obras Completas* (OCSF) e *Obras Incompletas* (OISF) se distinguem nas formas de compreender a Psicanálise. Acima, foi possível relacioná-las entre “lacaniana” ou “antilacanianana”, nos termos de Tavares (2011, p. 116), ou, pelo menos, não lacanianana. Quais os pressupostos de leitura e de tradução que guiam ambas as edições? É possível articular que Paulo C. Souza se pauta pelo pressuposto clássico, enquanto Heliodoro Tavares e Iannini se aproximam de uma leitura desconstrutiva desde o planejamento prévio de ambas coleções.

Paulo C. Souza segue uma organização clássica e sistemática em *Obras Completas*, embora não seja tão rígido. Por vezes reúne textos temáticos que não foram lançados sucessivamente, como os artigos sobre a técnica. Em um mesmo volume, aparecem primeiro os textos considerados como “mais importantes do período”, pois seguir à risca as primeiras edições alemãs “implicaria em tardar muitos elementos importantes”, como explicita em “Esta edição”, nos volumes. Assim, inauguram a edição publicando os volumes 10 e 12 em 18 de março de 2010, referentes, respectivamente, aos períodos entre 1911-1913 e 1914-1916.

A organização cronológica dos textos assemelha-se a uma leitura evolutiva, diferente de uma organização que se nomeia *Obras Incompletas*. A organização da OISF é temática e embaralha a cronologia. A leitura desconstrutiva questiona a noção de totalidade, de completude e, portanto, de “obra”. Não para destruí-la, pois é necessária a apreensão do texto enquanto obra para efeitos práticos, mas para sublinhar que “obra” é uma construção atravessada por critérios *a posteriori* de inclusão e exclusão (FIGUEIREDO, 1999).

Uma coleção “obras completas” de qualquer autor não abarca necessariamente todos os seus escritos ao pé da letra, tornando fundamental questionar quais são os critérios editoriais que estão em jogo (FIGUEIREDO, 1999). Rebecchi e Andreetto (2015, p. 128) alegam que nenhuma coletânea de “Obras completas” abarcou toda produção freudiana, pois essa é uma escolha que atende a determinados interesses e critérios.

A coleção OCSF explicita que sua seleção abarca textos psicanalíticos, pré-psicanalíticos/psicológicos e não abarca os considerados “não psicanalíticos”, partindo das intenções e decisões de Freud em não os incluir na primeira edição alemã de obras completas. Essa seleção não lhe é exclusiva, toda edição seleciona as publicações. Assim o foi desde Strachey que, apesar de se guiar por uma ordem cronológica, também produziu uma seleção e exclusão de escritos para se encaixá-los em sua uma sequência. Mesmo o autor optou por não incluir seus escritos considerados “pré-psicanalíticos” na G. W. (ORNSTON JR., 1999a).

Há um critério separador e de exclusão sobre a “obra freudiana” dos considerados textos “não psicanalíticos” (estudos exclusivamente neurológicos) e “pré-psicanalíticos” (linguagem híbrida entre a fase neurológica e a da metapsicologia) (IANNINI, 2013). O texto *Sobre a concepção das afasias* de 1891 é exemplo de texto pré-psicanalítico, excluído das “obras completas” desde as edições alemãs e da inglesa SE. a desejo do próprio autor. No entanto, tradutores e editores têm decidido mantê-los ou não a partir de seus próprios critérios (ORNSTON JR., 1999a). Tavares (2013) acha curioso o fato de o primeiro livro publicado pelo psicanalista vienense ter tardado a ser publicado no país. Não por acaso, esse texto, inédito no Brasil até então, inaugura a coleção OISF em 2013.

Com essa decisão, a coleção já se inaugura se posicionando na contramão do cânone. Escolhem-no por questionarem o fato de ser retirado do escopo psicanalítico devido ao seu teor neurológico, e interrogam se já haveria, nesse texto, as sementes da teoria freudiana. Essa coleção convida os leitores à estranheza diante da classificação “obras completas” enquanto produtora, também, de uma exclusão canônica (IANNINI; TAVARES, 2013).

Em 2013, também publicam *As pulsões e seus destinos* (1915) em edição bilíngue. Com esta, manifestam desde o título o posicionamento e a decisão terminológica da coleção ao firmarem *trieb* enquanto “pulsão”. No ano seguinte, em 2014, publicam uma edição bilíngue de *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados* (1940). Assim encerram um ciclo composto por três volumes iniciais, capaz de manifestar o enquadre terminológico, epistemológico e político da nova coleção.

Os volumes de OCSF mantêm uma padronização entre si e manifestam a concepção clássica sobre o sentido textual e seu compromisso de máxima fidelidade possível ao original, sem “interferências” de comentaristas externos na edição. Paulo C. Souza se atém a comentários breves, em notas sucintas, tal como na tradução clássica em que o tradutor pouco aparece. Explicita no início dos volumes que o leitor tem a liberdade para procurar mais sobre o tema na vasta literatura.

Já a coleção OISF é explicitamente temática e não segue um padrão muito definido entre os volumes, sequer manifesta o número destes nas capas. Algumas edições são bilíngues, os volumes contêm longas notas e ensaios dos tradutores e comentaristas. Freud aparece “acompanhado” de vários brasileiros nos volumes. Ser temática permite organizações originais, como o volume *Arte, literatura e os artistas* de 2015, *Amor, sexualidade, feminilidade* de 2018, temáticas que estão no núcleo da tensão sobre o que é e não é ciência.

Ao decidir colocar no volume o título *Fundamentos da clínica* em vez do clássico *Escritos sobre a técnica*, referente às publicações entre 1911 e 1914, abarcam textos de épocas diferentes (artigos de 1980 e 1930, por exemplo), expressando que partem do pressuposto de que os fundamentos da clínica não são apenas técnicos, metodológicos e teóricos, mas atravessam também a dimensão ética da prática clínica (IANNINI; TAVARES, 2020a). Uma vez que os tradutores consideram a implicação clínica do texto freudiano, em que se ouvem atentamente todas as conotações tidas como secundárias no discurso, é inviável considerar uma tradução no pressuposto clássico que visa deter as diferenças de sentido e as ambiguidades.

Maria Rita S. Moraes (2011), quando ainda não tinha sido tradutora pela Autêntica, escreveu que até aquele momento nenhuma proposta de tradução brasileira freudiana se propunha a ir além do sentido do texto, para além da idealização de uma travessia de sentido entre idiomas, que idealmente visava não ter perdas de sentido, que visava a exatidão e a fidelidade exata dos sentidos. A proposta de Paulo C. Souza era justamente por uma versão fidedigna ao sentido. Para ela, não havia até então uma proposta tradutória que se organizasse a partir da estrutura de linguagem do texto. Por isso, atravessada pela leitura lacaniana, produziu reflexões sobre outra forma de traduzir sem estar ancorada no resgate do sentido, à busca pela verdade do sentido perdido (MORAES, 2011).

A coleção OISF é atravessada pela leitura lacaniana, portanto sua preocupação com a linguagem na forma e conteúdo atravessa e comunica-se pela estética da edição. Por exemplo, a coleção não marca a continuidade pelo número do volume na capa, mas pela imagem nas lombadas, que, quando unidas, formam o retrato do consultório de Freud. O retrato conecta todos os livros, marcando o cruzamento da clínica e da teoria escrita. Assim, aproxima-se do aspecto destacado por Tavares (2014) sobre a estilística e o vocabulário freudianos: forma e conteúdo confluem.

A organização cronológica e o formato de “obras completas” é uma forma de ler os escritos freudianos e organizá-los, mas não é a única maneira. Essa é efeito de uma decisão, um gesto que cria uma linha narrativa, que pressupõe uma leitura não apenas linear, mas evolutiva. Em leitura de Alfredo Eidelsztein, Correia, Xavier e Lang (2021) retomam a metáfora da escada, ou seja, uma estrutura que pressupõe uma progressão no interior do trabalho escrito do autor, levando-o aos seus últimos textos. Mas outra metáfora é oferecida por Eidelsztein: a de um diamante facetado.

Uma leitura pautada nessa outra metáfora possibilita que os escritos de um autor possam “[...] ser lidos e relidos a partir de diferentes perspectivas, mas nem por isso alguma destas teria

um valor diferente das outras, quer seja de verdade ou de maior exatidão” (CORREIA; XAVIER; LANG, 2021, p. 31). Essa parece ser a forma de organização não clássica da OISF, que embaralha as publicações nos sentidos da data de publicação. Assim, é possível repensar a noção de que as ideias de um autor são formuladas linearmente, com início, meio e fim, com progresso.

Uma teoria é construída de modo complexo, ambíguo, com contradições, oposições e afins; em uma carta de décadas antes é possível ver as sementes de um pensamento que dará origem a um artigo publicado anos depois, por exemplo. Além disso, a OISF torna visível e marcante a presença dos tradutores, que registram constantemente suas próprias assinaturas.

6.3. Tradução é decisão

Ambas as coleções são trabalhos bem qualificados a seu modo, respondendo criteriosamente aos seus respectivos contextos e interesses, ainda que atravessadas por leituras distintas. Se foi importante para a primeira edição construir um texto freudiano com uma narrativa linear, tendo como texto-fonte o texto alemão em um contexto em que esse ponto era faltoso, também foi importante para a segunda desconstruir e reconstruir um outro Freud.

É enriquecedor ter mais de uma boa versão traduzida de Freud disponível em nosso idioma. Os trabalhos permitem que a querela das traduções freudianas siga em movimento, ampliando as possibilidades semânticas para os leitores, apresentando diferentes formas de traduzir-adaptar-reinventar a fim de não sacralizar uma única opção terminológica, em concordância com Cassin (2022). A autora defende a multiplicidade das linguagens, inclusive no meio psicanalítico, deixando-se ver os rastros da construção histórica de uma tradução.

Para Cassin (2022, p. 161), tal multiplicidade permite que cada leitor e/ou cada grupo cultural possam preferir a melhor tradução, “a melhor para – para dar a entender isso, ou aquilo, de tal modo” a partir do interesse e do objetivo daquele leitor e/ou grupo. Essa perspectiva é semelhante à investigação de Tavares (2011, p. 14), que se guiou por “[...] demonstrar, através da investigação sobre a formação e influências dos tradutores, bem como das declaradas opções por eles tomadas, a que tipo de leitor esta ou aquela versão pode vir a ser considerada a mais adequada”. Essa é uma proposta interessante: para qual tipo de *leitor* melhor serve tal tradução e se os interesses do tradutor e do leitor condizem harmoniosamente.

Para Escalante (2013), por vezes um leitor, ainda que domine o idioma de um original, pode optar por ler um texto em sua língua enquanto consulta o original. Ou seja, uma tradução pode também ser “melhor para” o leitor ao oferecer o conforto de seu idioma familiar; ainda

que “facilitar” não seja sua função mas sim a transmissão, para a autora. Assim, considera-se que a coleção *Obras Incompletas* pode ser “melhor para” a leitura lacaniana em uma organização desconstrutiva; uma estrutura “autêntica” que embaralha as datações, embaralha o português com o alemão, produz recortes contextuais sobre o tempo de Freud e sobre as traduções.

Já a coleção *Obras Completas*, por sua vez, pode ser “melhor para” uma leitura e organização clássica, sistemática, cronológica, em língua portuguesa, com referências a Strachey e a outros tradutores de modo informativo. Fazendo um jogo de palavras, pode-se considerar que temos, atualmente, uma coleção “autêntica” em sua originalidade de temáticas e organização e, outra, uma leitura em “companhia da letra” portuguesa-brasileira. Concorda-se com a defesa de Tavares (2011) de uma leitura da diferença que se soma, afinal “toda tradução é pautada em alguma ideologia” (TAVARES, 2011, p. 14). É necessário que aqueles que se debruçam sobre as letras freudianas sejam leitores advertidos das inúmeras questões que perpassam seu texto, das inúmeras assinaturas que estão ao lado da freudiana.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: FREUD NO PLURAL

Esta pesquisa discutiu sobre a querela das traduções de Sigmund Freud e analisou cinco edições brasileiras de *Luto e melancolia* (1917) de Sigmund Freud através da leitura atenta e desconstrutiva. Esse artigo foi publicado no Brasil pelo menos cinco vezes, de 1996 a 2016. Foram lidos os trabalhos sob direção-geral de Jayme Salomão (1996), de Luiz Alberto Hanns (2006), de Marilene Carone (1992/2013), de Paulo César de Souza (2010) e, por fim, de Maria Rita Salzano Moraes, Pedro Heliodoro Tavares e edição de Gilson Iannini (2016).

A partir de 2010, quando a obra freudiana entrou em domínio público, diferentes editoras brasileiras se interessaram por retraduzir Freud, fazendo-nos adentrar no movimento de retraduzões do psicanalista que ocorreu décadas antes em outros países e idiomas. Esses novos trabalhos ofereceram aos leitores uma nova perspectiva crítica em relação às versões anteriores, versões indiretas.

As novas traduções se dedicaram a um trabalho minucioso, considerando as nuances da língua alemã e da língua portuguesa, do conteúdo e do estilo textual de Freud. No entanto, a querela sobre as traduções e versões de Freud ainda permanece em aberto e em expansão. Essa temática é, ao mesmo tempo, um tema antigo e recente, vide a pouca idade de algumas edições brasileiras e como a discussão segue criando novas perguntas.

Para esta pesquisa, tive como motivador uma inquietação diante do “exercício de substituição” que perdura por gerações de leitores, convidados a trocar um termo por outro durante a leitura de um texto freudiano, como substituir “instinto” por “pulsão”. Uma herança da trajetória das traduções, que ainda mantemos no Brasil até hoje. Afinal, se atualmente há pelo menos duas grandes editoras ativas publicando coleções freudianas, essas pautam-se por propostas distintas que implicam formas alternativas de versar determinados conceitos. Isso levou, inicialmente, às interrogações: o que há de diferente entre elas? São conflitantes ou harmonizam entre si? Quais suas possíveis implicações?

A partir do caminho textual construído aqui, foi possível desenvolver que as novas edições (Cia. das Letras e Autêntica) sustentam-se por pressupostos e leituras distintas, o que se manifesta desde as propostas das respectivas coleções: uma intitulada *Obras Completas*; a outra, *Obras Incompletas*. Uma mais próxima do pressuposto clássico de leitura e de tradução, em “companhia das letras” portuguesas; outra mais próxima de um pressuposto alternativo e desconstrutivo, “autêntico”. Ou, ainda, na nomenclatura de Tavares (2012b, p. 116), trabalhos tradutórios que “*consagram* ou *rejeitam*” a influência lacaniana. Assim, na fronteira dessas duas

leituras, o exercício de substituição se manteve em alguns termos, como diante do *trieb*: entre instinto e pulsão.

No entanto, tal inquietação mudou ao problematizar o pressuposto de leitura da presente pesquisadora, ao repensar as expectativas diante desses trabalhos. A inquietação transforma-se ao questionar a expectativa de encontrar uma ou outra versão tão fidedigna que finalmente resolva esse dilema! Uma expectativa advinda do pressuposto da tradição clássica, ocidental e milenar, por uma significação única, pela ideia e ideal de que cada termo tenha um único sentido atribuído, passível de equivalência a outro termo em outro idioma. Uma expectativa advinda do pressuposto que almeja uma tradução universal, atemporal, definitiva, inequívoca, a qual, para isso, precisaria evitar, reduzir ou anular qualquer aspecto de polissemia, de ambiguidade e contradição para preservar o sentido uno do texto.

A leitura clássica compreende que a tradução idealmente independe do tradutor/tradutora. Almeja e estimula que esse (a) esteja invisível na edição, que se ignore durante seu ofício, que não permita transparecerem os seus rastros interpretativos na travessia entre dois idiomas. Mas, ao questionar e se desprender da figura do tradutor enquanto um fiel mensageiro, mediador, que faz o transporte da mensagem entre duas línguas (de partida e de chegada), a leitura atenta desconstrutiva permite desconstruir e reconstruir os rastros de uma tradução versada “manualmente”. Fruto de um processo cansativo e repetitivo de diálogos, discussões e decisões atravessadas pelas múltiplas nuances do contexto, dos pressupostos, dos interesses e desejos desses sujeitos interpretantes.

Nessa perspectiva, “contexto” refere-se aos horizontes internos e externos do texto e dos autores e autoras, sempre construído a partir de determinados recortes e perspectivas, não enquanto um todo que existe independentemente do recorte. Esses múltiplos contextos são considerados prejudiciais aos tradutores pela perspectiva clássica, mas são possibilidades de sentido para essa outra forma de compreensão. Se traduzir um texto pudesse ser reduzido ao transporte entre línguas, em que bastaria apenas saber ambos os idiomas para conservar e transferir o sentido textual em uma nova versão, dirigido pelo tradutor neutro nesse movimento (conforme o ideal da leitura sistemática), questiona-se se haveria um debate crítico com tantas divergências diante dos escritos freudianos?

O constante movimento de retradução de Sigmund Freud entre os diferentes idiomas, e também no Brasil, escancara a problemática da tradução propriamente dita para além desse autor. Escancara o quanto há de impossível em todo e qualquer trabalho tradutório diante da impossibilidade de a linguagem equivaler em completude e exatidão. Escancara também o

quanto a escrita do criador da psicanálise é complexa, ambígua, multifacetada, mesclando o científico com o literário na gama diversa de estilos, mesclando forma e conteúdo. Escancara o quão a língua alemã é sensível e delicada; também, o quão complexo foi o modo particular utilizado pelo autor na Viena de seu tempo, a qual a língua alemã era misturada com outras línguas (austríaco, húngaro e afins). Também, a delicadeza da língua portuguesa, tão distinta entre Portugal e Brasil, entre os estados brasileiros, entre os tempos e afins. Ou seja, realça o quanto as línguas são cosmovisões, vivas e mutáveis (TAVARES, 2008).

Nesse sentido, é possível compreender a escrita freudiana e alguns dos seus conceitos enquanto “intraduzíveis”, na definição de Barbara Cassin (2022, p. 24): não aquilo que não pode ser traduzido, mas o que “não se cessa de (não) traduzir”, de ser retraduzido de uma outra e nova maneira, dentre tantas possibilidades. Os intraduzíveis, assim no plural, escancaram a impossibilidade inerente à tradução e constantemente violam o ideal clássico da unidade semântica. Eles remetem não à falha, inviabilidade ou impedimento de um texto ser traduzido, mas a um constante movimento de reformulações, revisões, reversões e correções, em concordância com a autora. Por isso, Santoro (2018) insiste em destacar que o prefixo “in” não é de negação, e realça o prefixo “intra” em intra-duzíveis: de dentro, no interior das traduções.

Assim, podem-se considerar tantos elementos textuais da escrita poética freudiana; cada nova versão traduzida, reinventada, advém para corrigir e sanar faltas das anteriores e assim sucessivamente, produzindo outras e novas edições de Freud, outros e novos Freud’s. Também é possível considerar o conceito freudiano *trieb* enquanto um intraduzível. Particularizado pelo psicanalista, assume o lugar dos conceitos fundamentais mais importantes para a sua teoria.

Se a palavra usual alemã já era complexa, tornou-se ainda mais complexa, ambígua, múltipla, fronteira nas letras freudianas. *Trieb* possui múltiplas formas de ser traduzido para o português, e cada uma permite expandir suas significâncias, quando bem fundamentado e sustentado teoricamente. Esse movimento torna necessário aos leitores da psicanálise ser leitor da história das suas variâncias entre as línguas através das culturas, dos textos, das épocas, incluindo as leituras e as críticas atuais de seu tempo.

A escolha por determinar um termo ou outro atravessa a leitura da edição e sua carga conceitual, a forma de interpretar a psicanálise, sua ética, teoria e prática. Diante de Freud, uma outra decisão tradutória não é puramente uma escolha técnica, é sempre uma decisão ética e política que demarca um posicionamento psicanalítico, com infinitas implicações e ressonâncias teóricas, clínicas, culturais. São decisões a partir de interesses e concepções dos tradutores. Por isso, Carone escreveu sobre qual seria, por fim, a decisão de vocabulário

acolhida pela comunidade psicanalítica brasileira sobre o *trieb*: “esse é mais um caso em que a história deverá dar a última palavra, quer a solução nos agrade ou não” (CARONE, 1985/1990, p. 187).

Os modos de versar o texto implicam diferentes modos de construir a teoria e de direcionar os leitores para um campo semântico ou outro. Se compreendemos o mundo a partir da linguagem e das teorias que construímos, cada escolha textual tem implicações. As diferenças terminológicas e estilísticas não são meros caprichos. Não é por acaso que geram debates e conflitos e são alvos de disputa desde o tempo de Freud, que constantemente lutou para defender suas ideias.

Por isso, agora que já não há mais a figura do autor para constantemente produzir publicações reforçando suas ideias, produzindo acréscimos sobre textos passados, é fundamental que haja a diversidade e a diferença de modo a não universalizar as decisões de alguém que assume a função autoritária de definir o que “Freud quis dizer”. Toda tradução que assuma o dever de encerrar um conceito, a exemplo de definir *trieb* enquanto “pulsão” ou “instinto” e nada mais, equivoca-se e é passível de ser desconstruída.

Por isso, o título desta dissertação é *Freud no plural*, um modo de destacar a multiplicidade de leituras e de versões que fazem surgir um novo Freud a partir de um mesmo conjunto de texto. Visa, desse modo, questionar a noção e o ideal de um texto único, universal, atemporal, imutável, o qual está perdido nos escritos originais e deve ser resgatado. É impossível sistematizar universalmente a teoria freudiana, pois ela é construída por texto, por linguagem e, portanto, sempre depende de um sujeito interpretante. Se Mezan (2014) também se referiu à criação de um “Freud americano”, “húngaro” e assim por diante, e se alguns autores ponderam sobre um “nosso Freud”, é por considerar que cada um toma para si a herança freudiana e faz algo com ela; cada leitor, cada sujeito, cada tradução, cada cultura.

Se alguns autores se incomodam com o movimento de retraduições e se questionam quando e como cessá-lo em busca do Freud mais fidedigno, outra proposta é realçar esse movimento como inevitável e necessário. Necessário para pôr em questionamento as universalidades produzidas sobre a teoria freudiana, pôr em suspeição a criação de uma só terminologia, um único modo de falar sobre Freud, um único sentido. Nem mesmo o texto “original” é atemporal, fixo no tempo e independente dos leitores para existir. O “original” também tem equívocos, deslizos, ambiguidades e afins. Esse movimento de repensar a tradução-adaptação-reinvenção é interessante para continuar a produzir diálogos e discussões, tendo como foco os efeitos de sentido provocados nos leitores.

Assim, esta pesquisa interessa-se por reconstruir alguns rastros contextuais das coleções. Assim como as palavras não estão neutras e alheias ao mundo, também a Psicanálise (as psicanálises?) não está alheia aos contextos culturais de seus leitores, dos psicanalistas clínicos, dos teóricos e afins. Entre os pilares da formação psicanalítica, a leitura dos livros e textos tem lugar determinante na transmissão. A linguagem tem lugar fundante e fundamental. Assim, preocupar-se com as versões/traduições é, por conseguinte, preocupar-se com a leitura psicanalítica no Brasil, o modo como ela se forma e se transmite.

É interessante destacar a figura do tradutor enquanto “coautor” e produtor de sentido, nos termos de Cassin (2022, p. 76), autorizado a reinventar o texto desde que embasado em outros textos. Compreender tradução enquanto decisão/criação, não como cópia ou decalque, não implica autorizar um trabalho qualquer, aleatório, arbitrário e solitário. Muito do que há de criticável e problemático na *Edição Standard Brasileira* é justamente sobre as decisões sem justificativas sustentáveis, como é comumente concordado pela crítica. Deve-se respeitar o texto original e a figura e as decisões do autor, que continua a exercer autoridade no texto.

Trata-se, por sua vez, de realçá-lo enquanto ofício de linguagem, portanto atravessado pela singularidade. Cassin (2022) defende a multiplicidade e diversidade inescapável da língua. Essa defesa é um gesto político. Visibilizar os leitores, autores e tradutores que se debruçaram sobre a obra freudiana e compreender seus contextos é um ato político e pode ser uma “vacina contra o dogmatismo” (MEZAN, 2014, p. 41), contra a invisibilidade do tradutor e da sacralização do autor.

Nesse sentido, pode-se articular sobre traduções boas, ruins, melhores ou piores, ou ainda “melhor para” algum sentido, como pontuou Cassin (2022). Articulou-se como as edições brasileiras podem ser melhores para alguns propósitos. As edições de Hanns e Carone, por exemplo, são “melhores para” os leitores que querem se aprofundar em uma leitura prazerosa recheada de notas e comentários sobre os termos em alemão e suas vicissitudes em português, assim como a história das traduções no Brasil.

Ambos exploram e expandem as possibilidades de sentido da escrita freudiana, ao mesmo tempo transmitindo a tradição brasileira da tradução e rompendo com ela. Cada versão traduzida, reinventada e criada, é atravessada por seu tradutor. Assim, conseguimos categorizar tais trabalhos como “versões de transição”, visto que estão mediando criticamente as primeiras versões indiretas brasileiras (as da ESB principalmente) com as mais recentes.

Aproximamos as outras duas edições de Obras Completas e Incompletas como traduções mais recentes, novas traduções que vieram com a proposta de serem edições

diretamente do alemão. Distinguem-se por seus pressupostos de leitura, como já desenvolvido. Com elas, os leitores brasileiros têm em mãos textos cuidadosos, qualificados, atenciosos e bem referenciados.

Pensando a nível de “melhor para” nesse sentido que está sendo colocado, pode-se articular com o nome da editora, produzindo um jogo de palavras: a de Souza é melhor para estar em “companhia das letras” portuguesas, com palavras do nosso idioma harmonizando com o texto de Freud, deparando-se com outros idiomas somente quando Souza julga indispensável. Este, discreto, aparece pouco, em notas de rodapé. Realça o Freud escritor, com beleza estética e potência literária consideráveis. Um Freud em uma organização clássica, linear e cronológico.

Já na outra edição, produzindo um jogo de palavras, o leitor encontra uma versão “autêntica”, com uma proposta alternativa e crítica desde o nome do projeto: *Obras Incompletas*. Organiza-se a partir de temáticas, embaralhando as datas das publicações. Com ela, é possível se deparar com diferentes fases de uma ideia do autor: semeando, germinando, florescendo e colhendo frutos. Um Freud escritor e, também, clínico. A temática da clínica está presente vivamente nesses volumes, os quais retratam o consultório do psicanalista na lombada dos livros, no unir dos volumes lado a lado. Além disso, por essa leitura clínica, o tradutor Heliodoro e o editor Iannini costuraram o texto freudiano com a influência lacaniana.

Assim, uma estratégia possível é ler tais edições de modo complementar, lendo-as de modo atento e advertido, a fim de somá-las, ampliá-las e, também, distingui-las criticamente quando necessário. Estimula-se o leitor a estar atento e advertido das nuances da tradução atravessada no texto em que lê. Enquanto leitor/a, pesquisador/a e/ou clínico/a, vale estar atento a quais concepções de tradução guiam a edição escolhida, consciente e crítico da presença dessa outra letra em paralelo à freudiana. Cômico das implicações clínicas, éticas e políticas de sua leitura.

Portanto, não é preciso necessariamente tentar se proteger das influências da nova versão traduzida e ir em busca do original, supostamente detentor da verdade última e final do autor. Ler uma boa adaptação (ou seja, também crítica, atenta e advertida) em seu próprio idioma que domina pode ser suficiente diante de outro pouco conhecido. Assim, instiga-se um leitor ou leitora autorizado(a) a fazer-se presente também, a assumir sua leitura.

Após a discussão aqui estabelecida, pode-se ver que a questão da tradução não é necessariamente algo a ser resolvido, como um problema, mas uma problemática. Agora, ao desconstruir e reconstruir essa problemática, torna-se inviável considerar a promessa de um Freud “diretamente do alemão”, sem desvios. O transportar é sempre desviante. As resoluções

serão sempre incompletas e faltosas, o que não significa que não possam ser suficientemente embasadas em bons argumentos.

Também, traduzir Freud não é um exercício simples: requer um cuidado sensível. A tarefa inclui não só traduzir as frases, mas tentar transpassar o amplo cuidado de Freud, as alusões realizadas, as referências, as metáforas e afins. Um cuidado digno de uma leitura atenta que considera a função e a importância de cada elemento textual em particular. A quem encarar esse desafio, cabe dedicar-se a um processo atencioso de decisão sobre quais estratégias tomará para transmitir tantos detalhes, como Bettelheim (1990/1982) defendia já na década de 1980.

Deixa-se em aberto como possibilidade para futuros trabalhos o aprofundamento nos pontos em aberto deixados diante de *Luto e melancolia* (1917). Pode-se expandir ainda mais os modos de interpretar o luto e a melancolia a partir das mudanças das traduções. Esse curto artigo foi escrito pelo autor para compor um livro introdutório de ensaios gerais, a fim de formalizar, organizar e consolidar muito da produção de sua teoria até aquele momento. Então, pode-se considerar que escrevia para um público também introdutório, novo.

Esse artigo é uma forma política de reafirmar suas ideias e defender sua tão disputada teoria. O psicanalista vienense estava constantemente protegendo a sua nova teoria não apenas das críticas, mas também das transformações oriundas de diferentes leitores, como se protegeu das garras do discurso médico e do discurso religioso, que visavam apropriar-se da sua teoria assumindo a sua assinatura: “o que o autor quis dizer”.

Além disso, se a melancolia era um quadro ainda bastante desconhecido, enigmático, não tão delimitado; se, em sua própria estrutura, diferencia-se do luto pelo teor desconhecido e inconsciente que tem para o melancólico, ser escrito de modo a tornar-se conhecido condiz com a teoria. Freud interessava-se, também, por ser lido pelos seus pacientes, e julgava que conhecer teoricamente as suas questões era potente. A sua psicanálise é escrita a partir de uma terminologia que não deriva de um jargão reservado a iniciados, pois *conhecer* a psicanálise também é de grande benefício para os analisantes e os leigos.

A vida cotidiana é fonte e objeto da sua teoria psicanalítica e da sua clínica. Manifesta esse interesse em outros textos. Assim, voltar-se para a leitura desse autor por meio da estratégia atenta e desconstrutiva possibilita suportar o coloquial, o poético, o ambíguo e o contraditório, o literário em um texto científico, sem a ânsia de exaltar um aspecto diminuindo outro para aliviar as tensões de uma ambivalência.

Certamente, em uma pesquisa é impossível sanar todas as pontas que se abrem a cada novo leitor. Assim, cabe aos futuros trabalhos irem costurando cada vez mais com essa

pesquisa. Entre as possibilidades futuras, algumas questões surgem como importantes: como se dá a tradução em português de Portugal? Qual Psicanálise se lê em Portugal? Quais as implicações e influências das edições espanholas para o Brasil e por que se recorreu muito mais a essas e não ao português da Europa? Além disso, quais outras aproximações são possíveis entre “tradução” e “psicanálise”? Ou ainda, o quanto é possível acrescentar à temática a partir do trabalho de Freud enquanto tradutor? É possível pensar a clínica como ato de tradução?

Apesar das lacunas, considera-se que esta pesquisa conseguiu sanar suficientemente o seu objetivo proposto. Ao se estar cômico dos pressupostos de leitura e tradução, é possível interpretar que a “querela das traduções” é uma problemática textual e contextual. O que é possível a nós, leitores, em nossos contextos e em nossos textos, acrescentar a essa história? A leitura desconstrutiva possibilita compreender Freud como um conjunto de textos em transformação constante ao longo do tempo, dos contextos, dos leitores e afins; quem lê, coloca algo de si nesse movimento, transforma-o enquanto é transformado por ele.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. (org). **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992.

ARROJO, R. A desconstrução do logocentrismo e a origem do significado. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992a, p. 35-40.

ARROJO, R. A noção do inconsciente e a desconstrução do sujeito cartesiano. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992b, p. 13-18.

ARROJO, R. As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992c, p. 71-80

ARROJO, R. Compreender x interpretar e a questão da tradução. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992d, p. 67-70.

ARROJO, R. O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992e, p. 99-106.

ARROJO, R.; RAJAGOPALAN, K. A noção de literalidade: metáfora primordial. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992a, p. 47-56.

ARROJO, R.; RAJAGOPALAN, K. O ensino da leitura e a escamoteação da ideologia. *In: _____* (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino.** Campinas, SP: Pontes, 1992b, p. 87-92.

BAZZO, R. O marco de uma tradução (resenha). **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, n. 22, p. 155-161, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/download/74767/78356> Acesso em: out. 2022.

BERNARDES, A. C. Pesquisa & psicanálise: algumas referências lacanianas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 35-38, mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100005> Acesso em: out. 2022.

BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana.** Tradução de Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. Trabalho original publicado em 1982.

BRACCO, M. K. As novas traduções de Freud: uma renovação bem-vinda! **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 45, n. 83, p. 233-241, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000200019 Acesso em: dez. 2022.

BRACCO, M. K. E finalmente Freud aprendeu a falar português. **Ide**, São Paulo, v. 34, n. 52, p. 260-267, ago. 2011a. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100027 Acesso em: ago. 2022.

BRACCO, M. K. Freud e o Prêmio Goethe. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 81, p. 253-258, dez. 2011b. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n81/v44n81a20.pdf> Acesso em: out. 2022.

BRANDT, L. W. Some notes on English Freudian terminology. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 9, n. 2, p. 331-339, 1961.

CARONE, M. A edição brasileira de Freud: artigos de Marilene Carone e Paulo César de Souza. In: SOUZA, P. C. (org). **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. Tradução de Isa Mara Lando e Paulo César de Souza. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, p. 155-190, 1990. Trabalho original publicado em 1985.

CARONE, Modesto. Marilene Carone, tradutora de Freud. In: FREUD, S. Luto e Melancolia. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013, n.p.

CASSIN, B. **Elogio da Tradução**: complicar o universal. Tradução de Daniel Falkemback e Simone Petry. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

CATTANEO, G.; BORNHAUSER, N. Traducir: Freud. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 22, N. 2, p. 376-397, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p376.12> Acesso em out. 2022.

CECCARELLI, P. R. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In: MELO, P. E; DEUSDEDIT JÚNIOR, M. (Org.) **Psicologia**: diálogos contemporâneos. Curitiba: CRV, 2012, p. 137-146.

CORACINI, M. J. O cientista e a noção de sujeito na linguística: expressão de liberdade ou submissão? In: ARROJO, R. (Org.) **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas, SP: Pontes, 1992, p. 19-24.

CORREIA, A. C.; XAVIER, H. V.; LANG, C. E. Leitores Advertidos: Desconstrução, Psicanálise e Leituras do Retorno a Freud. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 21-51, 2021. Disponível em: <https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/523> Acesso em: out. 2022.

CORSI, E. M. **Para além interpretação britânica**: as traduções de Freud e suas consequências para a clínica psicanalítica [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

CORSI, E. M. **Para além interpretação britânica**: as traduções de Freud e suas consequências para a clínica psicanalítica; orientadora, Karine Simoni, coorientador, Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

D'AGORD, M. R. A crítica como método no retorno a Freud. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 17, n. 2, p. 215-227, jul/dez 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/RnDybWYPF7jD7T3vLv9gnQS/?lang=pt> Acesso em: jan. 2023.

D'AGORD, M. R.; LANG, C. E.; TRISKA, V. H. A psicopatologia da pandemia: literatura, ciência, política. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 23, n. 3, p. 597-619, jul.-set. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p597.10> Acesso em: jan. 2022.

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, P. (org) **Tradução: a prática da diferença**. Tradução de Érica Lima. Campinas-SP: Editora da Unicamp – FAPESP, p. 19-25, 1998. Trabalho original publicado em 1987.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, 2017. Trabalho original publicado em 1967.

ESCALANTE, A. Traduzir Psicanálise: impasses de um texto. In: TAVARES, P. H.; PAULA, M. B.; COSTA, W. C. (org). **Tradução e psicanálise**. 1ª ed., Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 37-46.

ESTÊVÃO, I. R. Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana. **Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade**, n. 19, p. 79-106, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64855/67471> Acesso em dez. 2022

ESTÊVÃO, I. R. Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana. **Cadernos de filosofia alemã: Crítica E Modernidade**, n. 19, p. 79-106, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64855> Acesso em nov. 2022.

FIGUEIREDO, L. C. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

FREUD, S. A questão da análise leiga: conversas com uma pessoa impessoal. In: _____ **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 2ª ed., vol. 6, Belo Horizonte: Autêntica, 2020, pp. 205-313. Trabalho original publicado em 1926.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed. [Edição Bilingue], vol. 2, Belo Horizonte: Autêntica, 2021. Trabalho publicado originalmente em 1915.

FREUD, S. Casos Clínicos: Srta. Elisabeth Von R. In: _____ **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**: em coautoria com Josef Breuer. Tradução de Laura Barreto, revisão da tradução de Paulo César de Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 103-144. Trabalho originalmente publicado em 1893.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: _____ **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos (1914-1916)**. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (volume 14), Rio de Janeiro: Imago, 1996. Trabalho original publicado em 1917.

FREUD, S. Luto e Melancolia. *In:* _____ **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradutores: Claudia Dornbusch *et al.*, coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. II (1915-1920), Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. Trabalho original publicado em 1917.

FREUD, S. Luto e Melancolia. *In:* _____ **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 309-309. Trabalho original publicado em 1917.

FREUD, S. Luto e Melancolia. *In:* _____ **Neurose, Psicose, Perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed., vol. 5, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, pp. 99-122. Trabalho original publicado em 1917.

FREUD, S. Luto e melancolia. Tradução de Marilene Carone. 1ª ed. eletrônica, São Paulo: Cosac Naify, 2013. Trabalho impresso publicado em 2011 e original publicado em 1992.

FREUD, S. O início do tratamento. *In:* _____ **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 10. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 193-209. Trabalho original publicado em 1913.

FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. *In:* _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Cláudia Dornbusch. Obras incompletas de Sigmund Freud, 2ª ed., vol. 6, Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 93-106. Trabalho original publicado em 1912.

FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. *In:* _____ História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 217-220. Trabalho original publicado em 1919.

FREUD, S. **The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. 24 volumes. Londres: The Hogarth Press, 1974.

FUKS, B. B. Comentário sobre a tradução de Paulo César Souza das Obras completas de Sigmund Freud. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 566-570, set. 2011.

FULGÊNCIO, L. Kant e as especulações metapsicológicas em Freud. **Kant e-Prints**, v. 2, n. 9, p. 1-31, 2015. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/view/319> Acesso em: out. 2022.

GRIGOLETTO, M. A constituição do sentido em teorias de leitura e a perspectiva desconstrutivista. *In:* ARROJO, R. (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas, SP: Pontes, 1992, p. 93-98.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, L. A. Tradução frustrada. A língua de Freud e a nossa: nova tradução acirra disputa, **Cult**, n. 181 - Dossiê Digital, p. 30-32, jul. 2013.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Joan Riviere. **Jornal de psicanálise**, v. 50, n. 92, p. 251-264, 2017.

IANNINI, G. A língua de Freud e a Nossa. A língua de Freud e a nossa: nova tradução acirra disputa, **Cult**, n. 181 - Dossiê Digital, p. 21-25, jul. 2013.

IANNINI, G. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares, Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 91-133.

IANNINI, G. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares, Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 91-133.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Obras Incompletas de Sigmund Freud. In: FREUD, S. **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Tradução de Emiliano de Brito Rossi. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 167-169.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Para introduzir além do princípio de prazer. In: FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Tradução e notas de Maria Rita Salzano Moraes, revisão de tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Obras Incompletas de Sigmund Freud, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020a, p. 21-35.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Sobre fundamentos da clínica. In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Cláudia Dornbusch. Obras incompletas de Sigmund Freud, 2ª ed., vol. 6, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020b, pp. 7-15.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Tradução de Júlio Castafion Guimarães, direção de Jayme Salomão, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JUNKER, H. A tradução padrão e a análise completa. In: ORNSTON, D. G. (org) **Traduzindo Freud**. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 74-89.

KEHL, M. R. Freud e as Mulheres (posfácio). In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Coleções: Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed., vol. 7, Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 353-368.

KEHL, M. R. Melancolia e Criação. In: FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013, n.p.

LACAN, J. Função de Campo da Fala e da Linguagem em psicanálise. In: _____ **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Campo Freudiano no Brasil, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 238-324. Trabalho original publicado em 1953.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____ **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248-264. Trabalho original publicado em 1967.

LANG, C. E.; BARBOSA, J. F. Pode-se utilizar a desconstrução na pesquisa teórica em psicanálise? **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 13, n. 102, p. 75-99, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2012v13n102p75>. Acesso em: set. 2021.

LAPLANCHE, J.; COTET, P.; BOURGUIGNON, A. **Traduzir Freud**. Tradução de Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Trabalho original publicado em 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4a. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2001. Trabalho original publicado em 1988.

MACEDO, M. M. K.; FALCAO, C. N. B. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jun. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em: jan. 2023.

MAHONY, P. J. Uma tradução psicanalítica de Freud. *In*: ORNSTON, D. G. (org) **Traduzindo Freud**. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 47-73.

MENESES, A. B. Sob o signo de Hermes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 44, n. 3, p. 81-91, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n3/a09>. Acesso em: set. 2021.

MENESES, R. D. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. **Univ. philos.**, v. 30, n. 60, Bogotá, jan.-jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-53232013000100009&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: fev. 2023.

MEZAN, R. Questões de método na história da Psicanálise. *In*: _____ **O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise**. 1a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 21-55.

MONIZ, F. F. **Dicionário de Latim-Português**. Editoração eletrônica: Fábio Frohwein de Salles Moniz, 2ª ed, Dicionários Editora, 2001.

MONTEIRO, M. P. Tradução: um ato de criação. **Estud. Psicanal.** [online], Belo Horizonte, v. 25, n. 28, p. 111-115, set. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100014 Acesso em: nov. 2022.

MORAES, M. R. S. A relação da tradução com a escrita em psicanálise. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, n. 22, p. 121-131, 2011. Disponível em: <https://seer.pgskroton.com/traducom/article/view/1831/1739> Acesso em nov. 2022.

OGDEN, B. H.; OGDEN, T. H. **O ouvido do analista e o olhar do crítico: repensando psicanálise e literatura**. Tradução de Tania Mara Zalcborg. São Paulo: Escuta, 2014.

ORNSTON JR. Alternativas a uma edição padrão. *In*: _____ (org). **Traduzindo Freud**. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999a, p. 126-143.

ORNSTON, D. G. Aprimorando o Freud de Strachey. *In: _____* (org). **Traduzindo Freud**. Tradução de Cristina Serra. Rio de Janeiro: Imago, 1999b, p. 21-46.

PEDERSEN, S. A.; TORTELLA, J. C. B. *Close reading* e a literatura infantil: estratégias de leitura para alunos do ensino fundamental. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 18, n. 1, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18959> Acesso em: abr. 2021.

PEREIRA, M. E. A nada santa alma freudiana. **Revista Cult**, jan. 2013. Disponível em: <http://bsfreud.com/notAlmaFreudiana.html> Acesso em: out. 2022. Resgatado por Biblioteca Sigmund Freud: espaço de interlocução e formação psicanalítica.

PROSE, F. **Para ler como um escritor**: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Tradução de Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de interpretação na linguística: seus alicerces e seus desafios. *In: ARROJO, R. (Org.) O signo desconstruído*: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas, SP: Pontes, 1992, p. 63-66.

REBECHI, R. R.; ANDREETTO, M. D. As retraduições de Trauer und Melancholie para o português: o léxico freudiano sob o olhar da Linguística de Corpus. **Pandaemonium Germanicum [online]**, v. 18, n. 26, p. 126-157, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-88371826126157> Acesso em: out. 2022.

ROSENFELD, K. Traduzir Freud: impasses e perspectivas – a questão do *trieb*. *In: TAVARES, P. H.; PAULA, M. B.; COSTA, W. C. (org). Tradução e psicanálise*. 1ª ed., Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 127-142.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTORO, F. Intradução. *In: CASSIN, B. (coord.); SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). Dicionário dos intraduzíveis*: um vocabulário das filosofias. 1a. ed., vol. um - línguas, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 154-160.

SOUZA, P. C. A edição brasileira de Freud: artigos de Marilene Carone e Paulo César de Souza (Nosso Freud). *In: _____* (org). **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. Tradução de Isa Mara Lando e Paulo César de Souza. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, p. 155-159, 1990. Trabalho original publicado em 1985.

SOUZA, P. C. **As palavras de Freud**: o vocabulário freudiano e suas versões. Editora Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, P. F. Freud, tradutor do instinto. **Pandaemonium Germanicum**, v. 25, n. 47, p. 306-330, São Paulo: set..dez, 2022. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/199783> Acesso em: jan. 2023.

TAVARES, P. H. “Esperando Freud” ou “Psicanalistas à procura de um autor”. A língua de Freud e a nossa: nova tradução acirra disputa, **Cult**, n. 181 - Dossiê Digital, p. 26-28, jul. 2013.

TAVARES, P. H. As “derivas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 50, n. 2, p. 379-392, jul./dez 2011b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200009> Acesso em: fev. 2022.

TAVARES, P. H. D. M. B. As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia. **Tradterm**, v. v. 19, p. 109-126, nov. 2012a. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/tradterm/article/view/47349> Acesso em setembro 2022.

TAVARES, P. H. Luto e melancolia (resenha). **Rev. Bras. de Psic.**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 212-216, 2012b. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2012000400020 Acesso em: setembro 2022.

TAVARES, P. H. M. B. A língua alemã em Freud ¿ E Eu com Isso? **Revista de Psicoanálisis y Cultura**, n. 25, dez. 2008. Disponível em: <http://www.acheronta.org/acheronta25/demoraes.htm> Acesso em: fev. 2022.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo *trieb*. In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Obras Incompletas de Sigmund Freud, 1ª ed. [Edição Bilingue], vol. 2, Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 73-90.

TAVARES, P. H. **Versões de Freud**: breve panorama crítico das traduções de sua obra. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 7, 2011.

VILHENA, J.; NOVAES, J. V.; ROSA, C. M. Tradução, interpretação e poesia. Faces do mesmo? **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 21, n. 3, p. 587-587, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270218790_Traducao_interpretacao_e_poesia_Faces_do_mesmo Acesso em: fev. 2022.

WOOD, J. **A coisa mais próxima da vida**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: SESI-SP, 2017.

ANEXO

Anexo A: Tabela utilizada para leitura simultânea (Imagem)

Imago, 1996	“[...] e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento , culminando numa expectativa delirante de punição ”.
Imago, 2006	“[...] pela depreciação do sentimento-de-Si [Selbstgefühl] . Essa depreciação manifesta-se por censuras e insultos a si mesmo , evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido ”.
Cosac Naify, 2013/1992	“[...] e um rebaixamento do sentimento de autoestima , {3} que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos , chegando até a expectativa delirante de punição ”.
Cia. Das Letras, 2010	“[...] e diminuição da autoestima ,** que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição ”.
Autêntica, 2016	“[...] e pelo rebaixamento da autoestima [Selbstgefühl] , ² que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos , até atingir a expectativa delirante de punição ”.

Fonte: autora, 2023.